



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

VALQUÍRIA SOUSA CANUTO

“NOSSA PASTORA”:
entre o “estabelecido” e o “vivido” no cotidiano religioso da liderança
feminina na Igreja Assembleia de Deus em Raposa – MA

São Luís
2023

VALQUÍRIA SOUSA CANUTO

“NOSSA PASTORA”:
entre o “estabelecido” e o “vivido” no cotidiano religioso da liderança
feminina na Igreja Assembleia de Deus em Raposa – MA

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de mestre em Ciências
Sociais do Programa de Pós-graduação em
Ciências Sociais da Universidade Federal do
Maranhão.

Linha de pesquisa: Produção social da diferença:
minorias nacionais, questões étnicas, raciais e de
gênero.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Alves Machado
Sampaio.

São Luís
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa Canuto, Valquíria.

"NOSSA PASTORA" : entre o "estabelecido" e o "vivido"
no cotidiano religioso da liderança feminina na Igreja
Assembleia de Deus em Raposa - MA / Valquíria Sousa
Canuto. - 2023.

112 p.

Orientador(a): Camila Alves Machado Sampaio.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Ciências Sociais/cch, Universidade Federal do Maranhão,
São Luís, 2023.

1. Esposas de pastores. 2. Igreja Assembleia de Deus.
3. Liderança feminina. 4. Pentecostalismo. 5. Relações
de gênero. I. Alves Machado Sampaio, Camila. II. Título.

Ativar o

VALQUÍRIA SOUSA CANUTO

“NOSSA PASTORA”:
entre o “estabelecido” e o “vivido” no cotidiano religioso da liderança
feminina na Igreja Assembleia de Deus em Raposa – MA

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de mestre em Ciências Sociais do
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal do Maranhão.

Linha de Pesquisa: Produção social da diferença:
minorias nacionais, questões étnicas, raciais e de
gênero.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Camila Alves Machado Sampaio (PPGCSoc - UFMA) (orientadora)
Doutora em Antropologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Martina Ahlert (PPGCSoc - UFMA)
Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília

Profa. Dra. Lucrécia Raquel Greco (PPGA – UFBA)
Doutora em Antropologia pela Universidade de Buenos Aires

*Aos meus pais, ao meu marido e às mulheres
que possibilitaram que esse trabalho fosse
realizado.*

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão pela bolsa concedida, sem ela essa pesquisa não seria viável.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA.

À professora Camila Sampaio, que tem me orientado de forma cuidadosa desde a graduação na minha trajetória acadêmica, pela disponibilidade, pelas conversas, discussões, palavras de encorajamento e por acreditar em mim em momentos que eu achava que não conseguiria desenvolver a pesquisa. Serei sempre grata.

Aos professores e professoras que contribuíram cada um à sua maneira nas disciplinas ministradas: Elizabeth Coelho, Eliana dos Reis, Igor Grill, Juarez Lopes, José Alcântara e Martina Ahlert.

Aos meus colegas da turma de mestrado pelas palavras de incentivo, pelos encontros aos sábados, pelo companheirismo, por ouvirem minhas angústias, pelas dicas de melhoramento da escrita. Agradeço em especial a José Segundo e Juliana Carvalho com os quais as trocas nesse processo foram mais constantes.

Às professoras Martina Ahlert e Lucrécia Greco por aceitarem participar da banca e pelas contribuições e críticas generosas e enriquecedoras.

Ao Pastor presidente do campo de Raposa e à sua esposa Joana por ter me recebido com carinho e por todas as informações fornecidas sobre a Igreja. A todas as Esposas de Pastores que me concederam as entrevistas e informações relevantes para a pesquisa. Igualmente, agradeço ao senhor Almir e a sua esposa, Hozana pelas vezes que me receberam em sua casa, pelas primeiras informações sobre o campo em Raposa e pelos almoços.

Ao meu avó-pai, Francisco (*in memoriam*) que sempre acreditou em mim e me incentivou a estudar. Se estivesse entre nós, ficaria muito orgulhoso por presenciar até aonde a neta dele conseguiu chegar.

Às minhas mães Maria e Joana, ao meu pai Valdeci, por sempre acreditarem em mim, pela preocupação, pelos incentivos e por torcerem por mim, mesmo à distância. Às minhas irmãs Márcia e Gilce pelas palavras de incentivo e generosidade.

À minha mãe do coração, Conceição. Sou imensamente grata por tudo que fez e faz por mim. Pelo cuidado, carinho, incentivo, preocupação e generosidade. Aos meus irmãos do coração, Nayane e Rafael por toda a generosidade e incentivo.

À minha amiga Bernardina, pela preocupação, carinho e pela amizade que me faz muito bem.

Ao meu companheiro, Rafael, pelo incentivo, compreensão, por todo apoio, paciência, e por todas as vezes que perguntava de forma carinhosa: “Já escreveu hoje”?!

Enfim.... a todas e todos que contribuíram direta ou indiretamente para que essa pesquisa tenha sido realizada.

*"É assim que Deus faz, usa quem Ele quer, menino,
homem ou mulher" - Cinco pães e dois peixinhos*

Banda Quatro por Um

RESUMO

Esse estudo tem como objetivo compreender as relações de gênero no âmbito familiar e religioso a partir de lideranças exercidas por Esposas de Pastores de Igrejas Assembleias de Deus no município de Raposa, região metropolitana de São Luís – MA. Nas igrejas pentecostais, e em específico na igreja Assembleia de Deus, a participação das mulheres nas atividades religiosas é desproporcional à participação dos homens, com presença notadamente maior. Identificadas algumas atividades desenvolvidas por essas mulheres, verificou-se a forte liderança das mesmas na rede de Assembleias de Deus analisada. No entanto, apesar da forte atuação como líderes, elas não podem exercer o pastorado feminino, uma vez que a doutrina pentecostal assembleiana das igrejas pesquisadas não permitem que mulheres exerçam tal cargo. Através da participação em atividades femininas das Igrejas, conversas informais e de entrevistas semiestruturadas realizadas com esposas de pastores e mulheres que frequentam a Igreja foi possível verificar que ao desenvolver as atividades que realizam, elas estão cumprindo com seu papel de “auxiliadoras” dos maridos na função que eles exercem como pastores. No entanto, por mais que elas não tenham o título de pastoras e não sejam remuneradas pelas atividades que realizam, no cotidiano, elas exercem o pastorado através das atividades que desenvolvem com as mulheres.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Igreja Assembleia de Deus. Relações de gênero. Esposas de pastores. Liderança feminina.

ABSTRACT

This study aims to understand gender relations within the family and religious contexts based on the leadership roles performed by Pastors' Wives in Assemblies of God churches in the municipality of Raposa, metropolitan region of São Luís - MA. In Pentecostal churches, particularly in the Assemblies of God, women's participation in religious activities is disproportionately higher compared to men's participation. After identifying some activities carried out by these women, it was observed that they hold strong leadership positions within the analyzed network of Assemblies of God. However, despite their significant roles as leaders, they are not allowed to hold the position of female pastors due to the Pentecostal-Assembly of God doctrine followed by the researched churches. Through participation in women's activities in the churches, informal conversations, and semi-structured interviews conducted with Pastors' Wives and women attending the church, it was possible to observe that by performing the activities they engage in they fulfill their role as "helpers" to their husbands in their pastoral duties. Nevertheless, even though they do not hold the title of pastors and are not remunerated for their activities, in their everyday lives, they exercise pastoral functions through the activities they carry out with women.

Keywords: Pentecostalism. Assemblies of God Church. Gender relations. Pastors' Wives. Female leadership.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais Ministérios da IAD no Brasil.....	26
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estrutura administartiva da IAD	27
Figura 2 - Brasil, Maranhão, Raposa.....	38
Figura 3 - Rua Principal em Raposa	39
Figura 4 - Lojas de renda de bilro na Rua Principal de Raposa	39
Figura 5 - Fachada da Igreja-sede em 2017	42
Figura 6 - Fachada da Igreja-sede em 2017	42
Figura 7 - Prédio ao fundo da Igreja-sede	43
Figura 8 - Festa do Círculo de Oração	49
Figura 9 - Festa do Círculo de Oração	49
Figura 10 - Programação do FOIMAC 2021	54
Figura 11 - FOIMAC Mulheres 2021.....	55
Figura 12 - Coreografia apresentada no FOIMAC Mulheres 2017.....	57

LISTA DE SIGLAS

CEADEMA	Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Maranhão
CGADB	Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
CLC	Centro de Línguas e Cultura
CONAMAD	Convenção Nacional das Assembleias de Deus Ministério Madureira
FOIMAC	Fórum Internacional de Missões, Ação Social e Cultura
IAD	Igreja Assembleia de Deus
PQD	Programa de Qualificação Docente
UNEOMAD	União das Esposas dos Obreiros Maranhenses da Assembleia de Deus
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO	23
2.1 EXPANSÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DA IAD NO BRASIL	23
2.2 FRIDA MARIA STRANDBERG: PROTAGONISMO NO PENTECOSTALISMO PIONEIRO E SEU APAGAMENTO DA HISTÓRIA OFICIAL DA IAD	29
2.3 O MUNICÍPIO DE RAPOSA	38
2.4 O CAMPO DE RAPOSA E A CENTRALIDADE DA AÇÃO RELIGIOSA FEMININA.....	41
2.4.1 Aniversário do Círculo de Oração Benção de Sião.....	47
2.4.2 FOIMAC Mulheres	53
3 RELIGIÃO E GÊNERO	59
3.1 ANTROPOLOGIA, TEORIAS FEMINISTAS E RELIGIÕES	59
3.2 GÊNERO E HIERARQUIA NO PENTECOSTALISMO	64
3.3 TEOLOGIA FEMINISTA.....	68
4. ENTRE PASTORADO: MULHERES “SEM NOME” E “AUXILIADORAS”	74
4.1 JOANA: “NOSSA PASTORA”	74
4.2 MARIA: “NUNCA PENSEI EM SER ESPOSA DE PASTOR”	80
4.3 CAROL: “SER ESPOSA DE PASTOR É UM GRANDE PRESENTE DE DEUS”.83	
4.4 LIA: “SER ESPOSA DE PASTOR É SUPORTAR TUDO JUNTO COM ELE”88	
4.5 RAQUEL: “SER ESPOSA DE PASTOR NÃO É PARA TODA MULHER”	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA ESPOSAS DE PASTORES	110
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA MULHERES QUE NÃO SÃO ESPOSAS DE PASTORES.....	111
APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA PASTOR PRESIDENTE CAMPO RAPOSA.....	112

1 INTRODUÇÃO

Este estudo insere-se nos debates mais amplos sobre gênero e religião, com o recorte em uma pesquisa voltada para as relações de gênero no pentecostalismo assembleiano no estado do Maranhão. Especificamente sobre lideranças exercidas pelas Esposas dos Pastores das Igrejas Assembleias de Deus (IAD) que compõem o campo¹ de Raposa – MA. Apesar da predominância católica no município, os evangélicos se destacam em Raposa, sendo a IAD a primeira Igreja evangélica a chegar ao município e a maior denominação evangélica da cidade. Assim como no pentecostalismo de maneira geral, na IAD em Raposa a participação das mulheres nas atividades religiosas é notadamente maior do que a dos homens.

Paul Freston (1994) classificou o pentecostalismo brasileiro em três ondas como forma de pontuar os períodos históricos do mesmo e as diferentes características das igrejas pentecostais desde que surgiram no país. A primeira onda conhecida por abranger o movimento denominado pentecostalismo clássico é composto pelas denominações que surgiram na década de 1910, com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). Suas principais características são a crença no Batismo com o Espírito Santo, a glossolalia e os dons espirituais. Estas igrejas mantiveram o campo religioso pentecostal no país até a década de 1950, quando inicia a segunda onda, e outras igrejas como: a do Evangelho Quadrangular (1953), fundada nos Estados Unidos por uma mulher, O Brasil para Cristo (1958), Deus é Amor (1962) e Nova Vida (1960), são implantadas no país tendo como características principais o uso do rádio como estratégia proselitista e o início de uma evangelização itinerante, chamada de Cruzada Nacional de Evangelização, onde ofereciam serviços de cura e libertação. A terceira onda tem início no final dos anos 1970 e ganha força nos anos 1980 tendo como representantes principais a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), a Igreja Renascer em Cristo (1986), a Igreja Sara Nossa Terra (1976). Tendo como principais características a Cura divina e a Teologia da Prosperidade. Todas as Igrejas dessa onda são originárias do Brasil e foram fundadas por brasileiros.

O pentecostalismo nascido do protestantismo histórico ou tradicional como é denominado pela literatura específica, embora não divirja no que tange “às doutrinas fundamentais da Reforma Protestante, como a centralidade das Escrituras e a salvação pela graça”, (FARJADO, 2015, p. 46), se distingue das Igrejas protestantes históricas por pregarem

¹ Campo na IAD refere-se ao Templo Sede e todas as congregações organizadas em áreas de trabalhos pastorais, filiadas e dependentes da administração e liderança do pastor-presidente.

a contemporaneidade dos dons espirituais do Novo Testamento. Nesse sentido, para o pentecostalismo, “manifestações como as de cura divina, profecias espontâneas, xenolalia e glossolalia” (IBIDEM) relatadas na Bíblia, em específico no livro de Atos dos Apóstolos, “são indispensáveis para que a Igreja cumpra satisfatoriamente sua missão”. (IBIDEM).

Com o crescimento do movimento e sua expansão para centros urbanos, a partir da década de 1950-60, inaugurou-se um estilo de evangelização voltado para as massas, com ênfase teológica na cura divina. Na terceira onda, somando-se à alguns elementos da primeira e da segunda onda, a crença de que o Espírito Santo liberta os indivíduos da miséria, da pobreza e da opressão demoníaca passam a fazer parte do cenário pentecostal brasileiro (PICOLOTTO, s/d).

Embora no Brasil não haja um histórico de relações entre movimentos sociais afirmativos e igrejas pentecostais (CONTINS, 2008), é relevante observar que são instituições que apresentam entre sua membresia caráter multirracial e a inclusão de negros e mulheres na liderança. Nesse sentido, além de todas as marcas mencionadas acima, o pentecostalismo tem em seu corpo de fiéis a predominância feminina.

Algumas autoras antropólogas e sociólogas que trabalham com o recorte gênero e pentecostalismo, identificam algumas questões importantes que explicam, em parte, a forte presença feminina em igrejas evangélicas. Menciono alguns exemplos: os ganhos obtidos pelas mulheres proporcionados pela reordenação das relações de gênero no âmbito familiar; os espaços alternativos criados pelo movimento que tratam de assuntos associados ao cotidiano feminino, e possibilita arranjos familiares mais igualitários; as possibilidades de incremento de capital social e cultural ofertadas a partir da participação nas igrejas. (TARDUCCI, 1994; BIRMAN, 1996; MACHADO, 2005; TEIXEIRA, 2014; 2016).

A IAD foi a segunda igreja pentecostal fundada no país com a chegada do pentecostalismo na cidade de Belém – PA, em 1911, com os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Sua expansão ocorreu pelas zonas rurais e urbanas; tanto pela ação dos líderes quanto dos leigos, uma vez que a IAD deu continuidade a uma tendência batista de fazer de cada membro um propagador da doutrina pentecostal (FREESTON, 1994; MAFRA, 2001). Figura no cenário brasileiro como a maior igreja pentecostal do país. Sob o termo “Assembleia de Deus” há variações de congregações bastante diversificadas. Existem vários ministérios além do Ministério Missão e do Ministério Madureira, sendo esses os maiores e mais expressivos de administração nacional (ABREU, 2018). Alguns Ministérios são filiados à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), como o Ministério Missão,

outros, à Convenção Nacional das Assembleias de Deus Ministério Madureira (CONAMAD), tendo como exemplo o Ministério Madureira e existem também os Ministérios autônomos.

No Maranhão, a IAD também não é homogênea e é a maior denominação evangélica do estado e se desenvolveu como uma igreja centralizada nas figuras de seus líderes e constituição popular, seguindo a tendência nacional, teve uma forte adesão por pessoas de camadas populares e a predominância feminina. (SANTOS, 2006).

Vale ressaltar que as igrejas filiadas ao Ministério Missão localizadas em São Luís foram reorganizadas pela Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Maranhão (CEADEMA) após a morte do principal líder da IAD no século XXI, pastor Estevam Ângelo de Souza, resultando nos seguintes campos: Calhau, Cohatrac, Jardim Tropical, Mata Grande, Paço do Lumiar, Raposa, São Luís, São José de Ribamar, Tirirical e Vila Brasil. (ABREU, 2018). Para o presente estudo, priorizei as ADs que compõem o campo de Raposa – MA.

Meu interesse pelo tema surgiu durante a graduação quando realizava pesquisa de campo para realização do Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais intitulado “Práticas religiosas na solução de problemas do cotidiano: uma análise etnográfica sobre mulheres pentecostais no município de Raposa-MA”, em que analisei como as mulheres da IAD Raposa – MA recorriam ao Grupo de Oração da igreja Campanha das Causas Impossíveis com o intuito de solucionar problemas do cotidiano. Durante minha participação em uma festa da igreja, ouvi algumas mulheres chamando a Esposa do Pastor de “nossa pastora”. A partir de então algumas questões começaram a surgir em relação a liderança da Esposa do Pastor. As IADs que constituem o Ministério Missão não ordenam mulheres ao pastorado, usando como justificativa, interpretações de textos bíblicos que ressaltam que não seria papel da mulher exercer liderança eclesial. Nesse sentido surgiu o interesse de compreender o significado dessa fala em um contexto religioso em que mulheres não podem ser pastoras. Quais seriam os significados de atribuir, em falas bem-humoradas, esse título religioso - exclusivo para homens - para mulheres que se destacam no grupo? Quais dinâmicas possibilitam essa aproximação e reconhecimento? Como as próprias mulheres que são lideranças se veriam a respeito dessa atribuição? Quais expectativas são constituídas em torno delas? O que é, para as mulheres daquele grupo religioso, experimentar essa liderança de uma pastora oficiosa?

O meu pertencimento religioso viabilizou uma certa aceitação por parte do grupo pesquisado, possibilitando o trânsito entre essas mulheres e algumas de suas famílias e permitindo o acesso a informações relevantes para a pesquisa. Por frequentar uma Igreja Batista e em alguns aspectos, as práticas e doutrinas são similares as do grupo religioso com o qual

realizei a pesquisa. Mesmo com algumas divergências teológicas que me causavam estranhamentos, na maioria das vezes, o sentimento era de familiaridade. Minha aproximação com valores existentes ali, em alguns momentos, me geravam a sensação de que eu não conseguiria realizar a pesquisa. Conseguiria ter o afastamento necessário? O que seria o afastamento necessário?

Segundo Haraway (1995), toda pessoa é localizada em um corpo, nesse sentido, o conhecimento produzido é corporificado e, portanto, localizado e parcial. Nessa perspectiva, a objetividade do conhecimento não consiste na neutralidade do(a) pesquisador(a), mas na perspectiva parcial e subjetiva do mesmo. No entanto, o conhecimento não se resume a um mero resumo de opiniões, mas sim é referente à posição na estrutura de intersecção de classe, raça, gênero, etc. A produção do trabalho dessa dissertação é, portanto, conscientemente posicionada: sou uma mulher lida como branca, evangélica batista, solteira que se casou no decorrer da pesquisa, na faixa etária entre 30 e 40 anos.

Meu primeiro contato com o município de Raposa aconteceu antes mesmo de eu iniciar a pesquisa de campo no período da graduação. Devido meu pertencimento religioso desenvolvia algumas atividades em uma denominação filial da Igreja que me congregava na época, por volta do ano de 2013. No entanto, minha inserção em campo para a realização da pesquisa da graduação foi iniciada pela minha orientadora em 2017. Fomos à casa de um casal que frequentam a IAD Raposa com os quais estabeleci os primeiros contatos. Ao chegarmos à casa deles, o local não me era de todo estranho, a residência deles era na mesma rua que ficava localizada, na época, a Igreja que eu desenvolvia as atividades. No entanto, o objetivo em ir ao município era outro, já não era de uma religiosa que está indo à Igreja exercer sua fé através da realização de algumas atividades e sim de uma pesquisadora iniciante, com o olhar e os ouvidos atentos a qualquer informação relevante para sua pesquisa e ávida para obter os dados necessários para o seu trabalho. Logo estabeleci uma relação de amizade com essa família e passei a circular a partir deles na IAD sede de Raposa.

A pesquisa de campo foi iniciada em janeiro 2017 na congregação da IAD (Templo Sede) Raposa – MA. Frequentei assiduamente o Grupo de Oração denominado Campanha das Causas Impossíveis que tem por objetivo realizar orações/pedidos ao divino com o intuito de “solucionar” problemas do cotidiano. Com a participação nessa atividade estabeleci contato com as líderes da atividade e conheci Joana², esposa do Pastor presidente, através dela consegui

² Utilizo nomes fictícios para meus interlocutores e interlocutoras para preservar suas identidades.

conversar com seu cônjuge, o Pastor Paulo. A partir de então, passei a circular nas atividades da Igreja e estabelecer relações com as líderes da atividade mencionada e com o casal ao qual fui apresentada pela minha orientadora.

O trabalho de campo pode ser dividido em dois momentos. O primeiro abrange os anos de 2017-2018 e constitui-se em um acompanhamento sistemático de algumas atividades da Igreja: a Campanha de Oração das Causas Impossíveis que acontecia aos sábados pela manhã; cultos dominicais; festas, principalmente da Festa do Grupo de Oração da Igreja que acontece em quatro dias; Dia de lazer para mulheres realizada em uma chácara e do Fórum Internacional de Missões, Ação Social e Cultura (FOIMAC), um evento de âmbito regional que tem duração de dez dias. Nesse período entrevistei algumas lideranças femininas da atividade mencionada, entrevistei também Joana e seu cônjuge, Pastor Paulo, frequentei a casa do casal com quem estabeleci o primeiro contato no campo e pude estabelecer relações com esse casal, com algumas mulheres entrevistadas e com outras pessoas da Igreja.

O segundo momento foi a partir do meu retorno ao campo em 2021 período que já estava no mestrado que aconteceu de forma menos regular. Devido a ocorrência da Pandemia da Covid 19, foi necessário suspender visitas às atividades da Igreja. No entanto, os laços feitos durante a pesquisa na graduação com as pessoas mencionadas acima, saber quais atividades a Igreja realiza e seguir o Pastor Paulo em redes sociais, Instagram, Facebook e o aplicativo de mensagens WhatsApp, foram imprescindíveis para que eu desse continuidade à pesquisa de forma a reduzir os danos gerados pelo isolamento social imposto pela pandemia da Covid 19. A partir de outubro de 2021, após ter sido vacinada, retornei ao campo, quando participei do FOIMAC, especificamente de uma ramificação do evento que é realizado pelas e para as mulheres, FOIMAC Mulheres. A partir desse retorno, retomei alguns contatos, primeiramente falei com o Pastor Paulo após um culto de domingo sobre a pesquisa que realizava no momento. Consegui alguns números de telefones de mulheres que são Esposas de Pastores de IADs que compõem o campo de Raposa. Entrei em contato com algumas para sondar a possibilidade de conversar pessoalmente e entrevistá-las.

Nesse segundo momento de pesquisa de campo, já cursando o mestrado, encontrei algumas barreiras para realizar a pesquisa que valem ser mencionadas. Primeiro, porque chegar às congregações do campo da IAD em Raposa é de difícil acesso para mim. Em alguns casos, essas congregações ficam localizadas em lugares que não ficam próximos do trajeto que os ônibus fazem e são classificados como perigosos para uma mulher ter acesso sozinha a pé. Segundo, por não frequentar as atividades das Igrejas foi mais difícil estabelecer relações com

as Esposas dos Pastores e consequentemente realizar entrevistas com elas. Na tentativa de conseguir entrevistá-las, entrei em contato pelo WhatsApp, mas não obtive retorno em algumas tentativas. Apesar dos empecilhos desse segundo momento consegui entrevistar dez mulheres: cinco Esposas de pastores e cinco mulheres que não são Esposas de Pastores.

Entretanto, revisitar os diários de campo da primeira etapa da pesquisa trouxe outros elementos para pensar as relações entre as mulheres que frequentam a IAD Raposa e suas lideranças. Esse aspecto será explorado para ampliar as informações obtidas via entrevistas.

O objetivo geral da pesquisa é compreender as relações de gênero no âmbito familiar e religioso a partir das funções de lideranças exercidas pelas Esposas dos Pastores das IADs que compõem o campo de Raposa – MA que se desdobra nos seguintes objetivos específicos: a) Identificar os cargos de liderança, formal ou informal, que as mulheres exercem no pentecostalismo assembleiano e seus impactos na vida de outras mulheres religiosas do entorno; b) Analisar que aspectos da trajetória dessas mulheres contribuem para que exerçam cargos de liderança; c) Compreender como as lideranças femininas veem a distribuição dos papéis de gênero no âmbito familiar e religioso; d) Compreender o significado da expressão “nossa pastora” para o contexto pentecostal assembleiano em que as mulheres não podem exercer tal cargo .

A pertinência acadêmica deste trabalho justifica-se pela relevância da liderança feminina para o pentecostalismo de maneira geral e especificamente para as IADs filiadas ao Ministério Missão localizadas no município de Raposa – MA. Principalmente a liderança exercida pelas Esposas dos Pastores. Nesse sentido, analisarei como essas mulheres veem a questão do pastorado feminino, uma vez que elas, por serem Esposas de Pastores realizam muitas atividades responsáveis pelo funcionamento da Igreja, mas não recebem o título de pastoras. Portanto, focarei em questões sobre família, gênero, atividades religiosas, doutrina pentecostal, cotidiano, dentre outras.

Pretendo com esse trabalho dialogar com a discussão nas Ciências Sociais sobre as relações de gênero no pentecostalismo, visando fornecer outras perspectivas sobre a atuação de mulheres que constituem as lideranças femininas exercidas nas IADs do campo de Raposa - MA filiadas ao Ministério Missão, e dessa forma, contribuir na produção de informações etnográficas sobre esse campo empírico, pois não identifiquei estudos regionais sobre o objeto desta pesquisa.

Busquei informações bibliográficas sobre a Assembleia de Deus no país, no estado do Maranhão e em São Luís e sua região metropolitana, no sentido de obter informações sobre a

gênese, especificidades e expansão dessa denominação e como o contexto local se relaciona com o nacional. Realizei também breve pesquisa documental com o objetivo de mapear, a partir de produções da própria instituição, sua estrutura e principais eventos. A pesquisa documental foi dificultada por certa inacessibilidade de arquivos eclesiais para o público mais amplo. Destacou-se como documento o livro do Pastor Rayfran Batista, sobre a Igreja Assembleia de Deus em São Luís, sua gênese e suas principais características. Também foram pesquisadas de forma não sistemática páginas da internet e redes sociais (Facebook, Instagram) de instituições e ações ligadas à Assembleia de Deus no estado do Maranhão.

Realizei entrevistas semiestruturada, aliada a outras técnicas de pesquisas qualitativas, especificamente com o trabalho de campo e com o acompanhamento, ainda que não sistemático, de redes sociais da congregação de Raposa e suas lideranças femininas. Conforme Lima (2016), o uso das entrevistas semiestruturadas se dá nas diferentes técnicas de pesquisas qualitativas, como trabalhos de campo, histórias de vida, biografias e análise de trajetórias. No entanto, a autora pontua alguns cuidados que o pesquisador deve adotar ao utilizar essa técnica de pesquisa, uma vez que a fala do entrevistado é uma autodescrição e uma apresentação de si mesmo, ele pode dar respostas considerada por ele adequada ao que o entrevistador espera.

Considerados os cuidados necessários na aplicação dessa técnica de pesquisa, realizei conversas informais e entrevistas semiestruturadas com quatro mulheres Esposas de Pastores que compõem o campo de Raposa – MA, com a Esposa do Pastor presidente da Igreja Sede e com cinco mulheres que não são Esposas de Pastores. Algumas entrevistas ocorreram na Igreja Sede e outras nas residências das entrevistadas. Os nomes utilizados neste trabalho são fictícios com o intuito de preservar a privacidade das interlocutoras e do interlocutor. Participei de cultos na IAD Sede e em algumas IADs que compõem o campo de Raposa, onde os maridos das entrevistadas são pastores, participei também de orações que acontecem na IAD Sede e da Festa do Grupo de Oração e do FOIMAC Mulheres.

A presente dissertação está estruturada em três capítulos além desta introdução. No capítulo 2 apresento uma breve análise sobre a expansão e institucionalização da IAD no Brasil, especificidades da IAD campo Raposa, a centralidade das atividades religiosas femininas através de duas festas realizadas anualmente na Igreja sede. Faço também um breve resgate da biografia de Frida Vingren, a esposa de um dos fundadores da Assembleia de Deus, ressaltando sua importância para a expansão do pentecostalismo no Brasil e refletindo sobre o quanto o apagamento de sua história pode repercutir no apagamento da atuação de mulheres religiosas que são lideranças contemporâneas.

No terceiro capítulo, realizo uma breve discussão sobre a relação entre antropologia, teorias feministas e religiões, destacando alguns aspectos das contribuições de antropólogas como Marilyn Strathern, Saba Mahmood e Lila Abu-Lughod. Nesse mesmo capítulo analiso as relações de gênero no pentecostalismo a partir da divisão de papéis de gênero no cotidiano religioso, identificando a hierarquia existente nessas relações e como a participação das mulheres e o pastorado feminino são vistos pelo pentecostalismo assembleiano.

O quarto e último capítulo é destinado à análise das relações de gênero na igreja pesquisada a partir das atividades exercidas pelas Esposas dos Pastores, focando na liderança dessas mulheres, verificando como exercem no cotidiano o pastorado feminino apesar de não serem institucionalmente reconhecidas como pastoras.

2 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO

2.1 EXPANSÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DA IAD NO BRASIL

Desde sua fundação em 1911 até os dias atuais, a IAD se organizou e se institucionalizou à medida que se expandia pelo país. Desenvolveu-se ao longo da segunda metade do século XX tornando-se a maior Igreja evangélica do país. No início das atividades da nova denominação, de acordo com o historiador Farjado (2015), a direção da Igreja em Belém foi assumida por Gunnar Vingren e Daniel Berg era responsável pela evangelização no interior do estado, o primeiro tinha formação teológica e experiência pastoral, enquanto o segundo, servia com sua força física. Para Freston (1974, p. 79) “Os dois se complementavam: Berg, o robusto operário qualificado que fazia longas viagens pelo interior; Vingren, o ‘intelectual proletário’ na tradição judaico-puritana”. Nos relatos sobre a organização da AD, “Vingren é visto como o pastor e Berg como o evangelista de colportagem”. (FARJADO, 2015, p. 63). O que justificaria Berg não ter assumido nenhuma liderança na nascente igreja.

A historiadora Elba Mota diz que dois fatores são apontados como principais para a inserção e posterior expansão dos missionários pentecostais no Brasil.

Em um primeiro momento, a longa extensão territorial não assistida pela Igreja católica que terminava por provocar a abertura para outras práticas místicas e religiosas e o abandono quanto ao cuidado espiritual³. [...] havia um território disponível para evangelização, e principalmente, o que nos leva ao segundo fator, uma seletividade no tratamento aos fiéis por parte da Igreja Católica, em um estado como o Pará, com uma população pobre e extensivamente miscigenada. Contribuía para isto, a ausência de uma proximidade maior entre o clero e a população, fator percebido como de grande atrativo no pentecostalismo, com suas práticas doutrinárias de forte teor emocional. Notamos assim que havia um espaço livre para atuação de novos missionários, com uma população desejosa de atenção espiritual em que houvesse a esperança de dias melhores. (MOTA (2013, p. 38)

Além de explorarem as lacunas deixadas pela Igreja Católica para propagar a mensagem pentecostal, os missionários assumiram uma postura diferente das Igrejas protestantes históricas na sua organização eclesial, enquanto estas exigiam formação de seus líderes e utilizavam de mais critérios para abrir uma nova igreja, os pioneiros “[...] eram portadores de uma religião leiga e contracultural, resistentes à erudição teológica” (FRESTON, 1994, p. 78). Além disso, de acordo com Mafra (2001), no *ethos* assembleiano era considerado heresia organizar demais

³ Cuidado espiritual é uma categoria nativa. Geralmente, a noção de abandono é evocada como ferramenta proselitista de uma religiosidade (supostamente) não participativa em contraste a uma Igreja (evangélica) que acolhe, cuida e se faz presente no dia a dia do seu fiel.

a obra missionária o que fazia com que adotassem poucos critérios para se abrir uma nova Igreja. Ou seja, a IAD deu continuidade a uma característica da Igreja Batista de fazer de cada membro um missionário.

A IAD em seu início era composta como afirma a cientista da religião Marina Correa (2012), por uma grande maioria de adeptos que pertenciam as camadas mais pobres da população e com baixa escolaridade. No entanto, esses fatores não eram empecilhos para a expansão da Igreja, uma vez que segundo a fundamentação teológica pentecostal, a erudição e a instrução teológica não impediam a propagação do pentecostalismo, pois cada adepto recebe do Espírito Santo capacidade para anunciar a “mensagem de salvação”. “Assim, o que credencia os novos crentes a pregarem em novas terras é simplesmente o fato de estarem “cheios do Espírito Santo”. (FARJADO, 2015, p. 74). Dessa forma, a IAD se expandiu rapidamente pelo país, primeiro, frente as campanhas de migração entre Norte e Nordeste que após o fim do ciclo da borracha seguiu do Norte para o Sudeste. Portanto, a expansão da Igreja deu-se acompanhando “os fluxos da população trabalhadora nas diferentes frentes de trabalho, [...], [e] em poucos anos, a ‘Igreja do Espírito Santo’ se afirmou como a maior igreja pentecostal em território nacional”. (MAFRA, 2001, p.33).

À medida que se expandia e se estabilizava nas grandes cidades do país, a IAD organizava institucionalmente suas igrejas e suas atividades evangelísticas. Os pastores além de construírem suas igrejas nas capitais também começaram a pensar em formas de organização e padronização dos trabalhos evangelísticos em suas regiões com o intuito de atender os desafios que surgiam com a expansão da Igreja. Para dar conta de tal demanda

[...] Os missionários idealizaram um tipo de associação de pastores e evangelistas das ADs em âmbito estadual – Convenção Estadual -, que tinha por fim reunir os pastores de todas as regiões para esclarecimento de ‘pequenas dúvidas teológicas (ARAÚJO, 2007, p. 206 apud CORREA, 2012, p. 97)

Atualmente, essas convenções “são um tipo de associação de pastores e evangelistas das ADs em âmbito estadual, interestadual e regional, cadastrados e registrados na Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil” (CORREA, 2012, p. 98). Conforme Freston (1994), em 1930 foi realizada a primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), na cidade de Natal, com a participação de 11 missionários suecos e 23 líderes brasileiros. Esse ano é importante na história da IAD porque além de alcançar considerável expansão geográfica, a Igreja tornou-se autônoma em relação à Missão Sueca e ocorreu “a transferência efetiva da sede da denominação, de Belém para o Rio de Janeiro. A nacionalização

da obra, portanto, é acompanhada pela mudança para a capital federal”. (FRESTON, 1994, 83). Apesar da CGADB representar nominalmente a IAD no país, é uma entidade que representa apenas sua liderança, uma vez que somente pastores e evangelistas podem se filiar a ela. Nesse sentido, conforme afirma Farjado (2015, p. 85),

a CGADB preserva o desejo original dos suecos de organizar um sistema de igrejas livres. No entanto, no interior de tais igrejas livres consolidou-se um sistema de governo episcopal, capitaneado na figura do “pastor-presidente de campo.

Paulo Leivas Macalão é apontado como precursor do sistema de ministerialização das ADs (ALENCAR, 2000, FARJADO, 2015). Paulo Macalão (1917-1982), nasceu no Rio Grande do Sul e converteu-se no Rio de Janeiro em 1924, no bairro do São Cristóvão. Iniciou um trabalho de evangelização independente nas áreas periféricas da cidade. Apesar das suas divergências com os missionários suecos “que não concordavam com as regras rígidas impostas por Macalão em suas pregações no que se refere aos usos e costumes”, (CORREA, 2012, p. 106). Ele foi ordenado pastor pelo próprio Gunnar Vingren e por Lewi Petrus, em 1930.

Para Alencar esse motivo não faz sentido porque segundo ele, tanto Macalão quanto os suecos eram rígidos quanto aos usos e costumes. Portanto, vê no nacionalismo de Macalão uma das possibilidades para compreendermos seus atritos com os suecos.

Macalão vem de uma família rica, de tradição militar, portanto nacionalista. O governo do Getúlio (seu conterrâneo gaúcho) e o tenentismo é um substrato conceitual importante na sua formação. Ele não aceitou se submeter à liderança de um jovem sueco – ou mais grave – e/ou de uma mulher? (ALENCAR, 2012, p. 142)

Através do trabalho de evangelização realizado na periferia do Rio de Janeiro, Macalão inicia em 1933 um templo da IAD em Bangu, no entanto, foi com a igreja que ele organizou no bairro de Madureira em 1929, que ele deixaria sua marca principal. Essa igreja passou a ser a sede dos trabalhos de Macalão. Assim,

o Rio de Janeiro passou a contar com dois grupos de ADs, aquelas ligadas à igreja de São Cristóvão e aquelas ligadas à igreja de Madureira, que com o tempo passaram a ser denominadas respectivamente de igrejas “da Missão” (já que eram lideradas pelos missionários suecos) e igrejas do “Ministério de Madureira” (lideradas por Macalão), embora os líderes de ambos os grupos estivessem ligados à CGADB. (FARJADO, 2015, p. 88)

A partir da igreja de Madureira, o trabalho de Macalão se estendeu para além dos limites geográficos do Rio de Janeiro, alcançando outros estados como: Minas Gerais, Paraná, Goiás, Mato Grosso, Espírito Santo e Brasília. Correa (2012, p. 108), diz que

Após adquirir personalidade jurídica ele se desligou completamente das ADs de São Cristovão a quem era ligado anteriormente. [...] Com isso, em 1958, Paulo Macalão foi eleito pastor geral do ministério das ADs de Madureira e das igrejas filiadas. Fundou a Convenção Nacional de Ministros, atual CONAMAD (Covenção Geral das Assembleias de Deus de Madureira)”.

A partir de então, é criado o conceito de Ministério na IAD, que, como afirma Farjado (2015), só é possível entender a configuração atual da IAD, compreendendo esse conceito. No sentido corporativo-institucional⁴, Ministério “diz respeito aos grupos de igrejas liderados por um mesmo pastor-presidente e que têm autonomia administrativa em relação aos demais Ministérios e que pode manter ou não, um vínculo com uma convenção de abrangência nacional, como a CGADB”. (IBIDEM, p. 88)

Atualmente, podemos encontrar no país, diversos Ministérios, além do Ministério Missão e do Ministério Madureira que nas palavras de Farjado (2015, p. 89), apesar desses Ministérios “preservar uma identidade geral criada pela nomenclatura ‘Assembleia de Deus’ apresenta suas próprias características, e um campo propício para a criação de suas próprias representações sociais”. Nesse sentido, é comum as IADs identificarem em suas placas a qual Ministério pertencem da seguinte forma: Assembleia de Deus Ministério Missão. Identificar a qual Ministério pertence pode ser uma forma de dizer em quais práticas litúrgicas e comportamentais aquela igreja se baseia.

Quadro 1 - Principais Ministérios da IAD no Brasil

CGADB	CONAMAD
Ministério Missão	Ministério Madureira
Convenções estaduais	Convenções estaduais
Igreja sede	Igreja sede
Igreja locais	Igrejas locais

Fonte: Elaborado pela autora

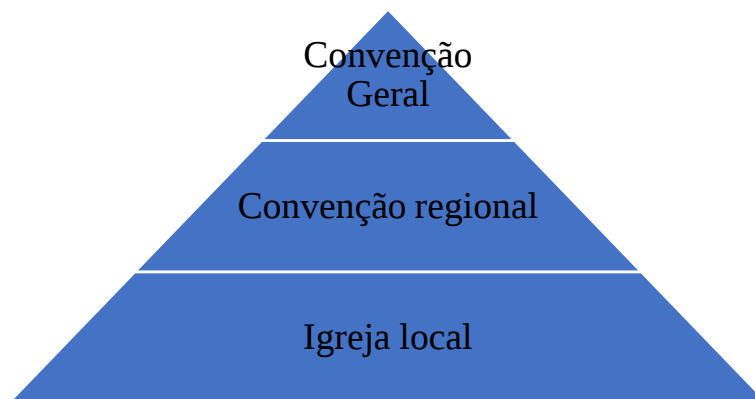
⁴ Alencar (2012) diferencia o conceito de Ministério corporativo de dois outros sentidos que o conceito pode assumir no contexto assembleiano. Segundo a classificação que ele faz, existe também os ministérios orgânicos que são atividades exercidas pelos membros em geral e não necessitam de uma “consagração” oficial, capacitação específica ou titulação, como por exemplo, participar de um grupo de oração. E os ministérios estamentais, que seria quando um membro passa a exercer na igreja local uma das funções da pirâmide assembleiana, como a função de diácono, por exemplo. Ministério corporativo que utilizarei no meu trabalho será sempre utilizado com a inicial maiúscula como fez Alencar.

Referindo-se ao sistema de governo da IAD, Freston (1994), afirma que foi profundamente influenciado pelo coronelismo, atribuindo ao pastor o domínio político representado pelo coronel, nesse sentido, “[...] Este homem revestido de poder, eleito pelos membros, podendo ficar por longos anos como pai espiritual da Igreja”. (MOTA, 2013, p. 49). Freston (1994, p. 86), caracteriza a IAD “como uma complexa teia de redes compostas de igrejas mães e igrejas e congregações dependentes. [...] O pastor presidente da rede é, efetivamente, um bispo, com talvez mais de cem igrejas e uma enorme concentração de poder”. Nesse sentido, a figura do pastor é marcada por um forte centralismo resultando em um acúmulo de funções em suas mãos. Assim, como Mota (2013, p. 52) destaca,

o pastor termina por ser a figura principal e centralizadora desta denominação institucionalmente carismática, que via em um nome sua possibilidade de crescimento ou ostracismo. Na união do “etos sueco- nordestino”, prevaleceu a face coronelista brasileira, com a inserção de pastores nacionais a partir da Convenção Geral de 1930, o que contribuiu para a legitimação destas figuras carismáticas.

Nos Estados, os pastores estão ligados as convenções regionais, que têm como função: credenciar evangelistas e pastores, cuidar dos assuntos da liderança e de administração das igrejas, e operam como um tipo de direção regional entre a igreja local e a Convenção Geral (IBIDEM, 2013).

Figura 1 - Estrutura administrativa da IAD



Fonte: Elaborada pela autora

Atualmente, em sua estrutura hierárquica,

em uma igreja local, a pirâmide assembleiana se forma assim: auxiliares, diáconos, presbíteros, evangelistas e pastores. [...] Nas igrejas-sede, além dessa hierarquia no cume da pirâmide está o *pastor-presidente* (uma espécie de papa) como chefe de um *Ministério Corporativo*. (ALENCAR, 2012, p. 86).

Para um membro chegar ao cargo máximo, ou seja, de pastor, deve iniciar como auxiliar de trabalho. Dentre outros, um dos critérios exigidos pela igreja é a formação teológica por parte daquele que almeja tal cargo. Essa formação teológica pode ser conferida por instituições ligadas a redes evangélicas. Essas regras são determinadas pelas convenções estaduais podendo haver variações entre as mesmas. Nas IADs do Ministério Missão é vetado às mulheres exercerem o cargo de pastor, sendo esta uma atribuição exclusivamente masculina.

Conforme Santos (2006), a IAD se desenvolveu no Maranhão como uma igreja centralizada nas figuras de seus líderes e de constituição popular. Em comum ao restante do país, com forte adesão por pessoas de camadas populares e com predominância feminina. Na análise que o historiador Lyndon Santos faz da história da IAD no estado do Maranhão, ele identifica como figuras principais os pastores que lideraram as IADs nas três fases em que ele divide a história dessa Igreja no estado. Assim,

[...] Do período de 1921 a 1940, tem a fase do missionário norte-americano Nels J. Nelson, que se caracterizou pela implantação do pentecostalismo na capital e no interior. Do período de 1941 a 1957, sucedeu-se a fase do pastor Alcebíades Pereira Vasconcelos, que se caracterizou pela ampliação e estruturação, centralizando mais o pentecostalismo assembleiano na capital do Estado. E, por fim, do período de 1957 a 1996, a fase do pastor Estêvão de Souza, quando as Assembleias de Deus cresceram e formaram a maior denominação do Estado. (SANTOS, 2006, p. 52)

Dentre os fatores apontados como responsáveis pela expansão da IAD no Maranhão, Santos (2006) destaca os seguintes: a situação de pobreza e privação dos líderes e adeptos da Igreja similares a realidade social do estado; os grupos de oração femininos que tinham como objetivo atender os problemas materiais, físicos e existenciais dos moradores dos bairros.

No processo de expansão do pentecostalismo assembleiano pelo país chega em todo o território nacional tornando-se a maior denominação evangélica do Brasil. Porém, alguns atores, ou melhor dizendo, algumas atrizes, como a missionária Frida Vingren não foi reconhecida pela história oficial da IAD, e ainda não é, pelo papel de extrema relevância que teve na expansão do pentecostalismo no país. Como forma de resgatar um pouco da sua importância para a história do pentecostalismo, farei uma breve descrição da sua atuação como propagadora da mensagem pentecostal no Brasil. Resgatar a história de Frida Vingren é relevante para a minha pesquisa porque foi a partir de sua atuação como Esposa de Pastor que se deu início a discussão sobre pastorado feminino na IAD no Brasil. Semelhante com o que acontece hoje nas IADs filiadas ao Ministério Missão, Frida exercia a prática ministerial mesmo sem ser ordenada.

2.2 FRIDA MARIA STRANDBERG: PROTAGONISMO NO PENTECOSTALISMO PIONEIRO E SEU APAGAMENTO DA HISTÓRIA OFICIAL DA IAD

Desde sua origem nos Estados Unidos, o pentecostalismo contou com uma parcela significativa de mulheres que atuaram significativamente para a propagação da mensagem pentecostal corroborando para que uma das características desse movimento na sua gênese tenha sido a grande participação e visibilidade dada às mulheres (MATOS, 2006)⁵. Entretanto, apesar da contribuição e relevância das mulheres, os homens são narrados como os protagonistas da história do pentecostalismo. A história precisa ser revisitada e dar destaque para as mulheres que foram, tanto quanto os homens, protagonistas da história desse movimento. A Assembleia de Deus tem em sua fundação um caso emblemático de centralidade de uma liderança feminina que teve sua trajetória diminuída da história institucional

Nesse sentido, resgatarei um pouco sobre a história de Frida Maria Strandberg e seu apagamento na história da IAD com o intuito de analisar as relações de poder existentes no início do pentecostalismo no país e a violência simbólica que ela sofreu por ser mulher e não aceitar o que lhe fora imposto.

Frida Maria Strandberg era sueca e formada em enfermagem. Com o objetivo de preparar-se para o ministério de missões, fez um curso bíblico no SvenskaBibel-Institutet (Instituto Bíblico Sueco), patrocinado pela Evangéliska Forsterlands Stiftelsens (Associação Evangélica da Pátria). Ao ingressar na Igreja de Filadélfia de Estocolmo, Suécia, foi batizada por Lewi Pethrus e pouco tempo depois recebeu o batismo no Espírito Santo. Foi enviada ao Brasil como *bibelkvinna*, ou seja, como professora da Bíblia pela Igreja de Filadélfia, viajou sozinha, aportando em terras brasileiras em julho de 1917. Casou-se com Gunnar Vingren em uma cerimônia realizada pelo missionário Samuel Nystron, após três meses que havia chegado ao país. Frida o conheceu na Suécia no período que ele havia retornado ao país após completar cinco anos de estadia como missionário no Brasil, época em que iniciaram o namoro.

Com instrução formal e religiosa, e tendo sido designada em sua cosmologia como alguém que tinha um dom dado pelo Espírito Santo para trabalhar em prol da expansão do

⁵ Matos (2006) apresenta duas mulheres como exemplos notáveis na história do pentecostalismo. A primeira é Maria Beulah Woodworth (1844 – 1924) foi uma pregadora famosa que se tornou uma das evangelistas pentecostais mais conhecidas do início do século XX. A segunda é Aimee Semple McPherson (1890 – 1944) que se tornou famosa pelas conferências que realizou nos Estados Unidos e por ter fundado a Igreja do Evangelho Quadrangular.

pentecostalismo, Frida foi bastante atuante. De acordo com a pesquisadora Silva⁶(2022, p. 16) ela foi

a única comentarista mulher das lições bíblicas da EBD em 1923, escreveu artigos, foi jornalista, enfermeira, pregadora ativa nos trabalhos evangelísticos dentro e fora da igreja. Foi muito ativa na área da literatura e imprensa das Assembleias de Deus, escreveu artigos e reportagens para a Suécia. Foi responsável pelos cultos no Rio de Janeiro, dirigiu e ministrou a primeira escola bíblica junto com o esposo (principalmente em presídios), traduziu as pregações do pastor Lewi Pethrus.

Na ausência do marido, seja por estar viajando ou doente, Frida substituía seu esposo “nos serviços eclesiais, nas pregações, no ministério de ensino e, especialmente, na redação do jornal Boa Semente (1919-1930)” (SILVA, 2022, p. 639). Ela foi redatora desse jornal em Belém; do Som Alegre no Rio de Janeiro, e posteriormente, do Mensageiro da Paz (existe até hoje) que resultou da junção dos dois primeiros. Naquele período, o jornal era um dos mais importantes meios de comunicação e a IAD o explorou como meio de proliferação da fé e comunicação entre os fiéis. Segundo Silva, Ulrich e Vilhena (2018) os jornais eram importantes meios de comunicação estabelecido entre os pentecostais, tanto entre os suecos, como entre os brasileiros, e um meio de propagação entre o Brasil e a Suécia, e entre os fiéis, das doutrinas e notícias no Brasil.

O que justificaria o apagamento de Frida⁷ e de tantas outras mulheres que trabalharam arduamente na propagação e expansão da IAD no país da história oficial dessa Igreja? É fato que o apagamento das mulheres como protagonistas da história não acontece somente no pentecostalismo de maneira específica. Michelle Perrot (1988, p. 185), ao abordar sobre o ofício do historiador diz que este “é um ofício de homem que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculino”. Os materiais utilizados na escrita dessa história são produzidos por “homens que tem o monopólio do texto e da coisa públicos”. (IBIDEM, p. 186). O texto feminino é especificado sobre atividades que são classificadas como de “interesse das mulheres”, como por exemplo, livros de culinária, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais. (IBIDEM). No entanto, a literatura produzida por Frida não se restringia ao universo feminino, como já mencionado. Ela escreveu vários hinos que compõem

⁶ Quiteria Silva em seu trabalho de conclusão de curso em História faz uma análise interessante da atuação feminina na difusão do pentecostalismo no Brasil, tendo como referência Frida Vingren Com instrução formal e religiosa, e tendo sido designada em sua cosmologia como alguém que tinha um dom dado pelo Espírito Santo para trabalhar em prol da expansão do pentecostalismo, Frida foi bastante atuante.

⁷ Não me ateei às outras mulheres que também desempenharam papeis de suma importância para a expansão da IAD no Brasil porque não é o objetivo da pesquisa. Escolhi Frida porque ela foi tão importante quanto o marido, Gunnar Vingren, (um dos pioneiros do pentecostalismo assembleiano) para a expansão da Igreja citada, mas a história da denominação “apagou” seu protagonismo durante décadas.

a Harpa Cristã⁸, foi redatora dos três jornais da IAD, assim como também escreveu artigos, reportagens, etc. Porém, sua importância não foi e ainda não é reconhecida com o devido “merecimento” pela IAD. Em artigo sobre “Mulheres no cotidiano: educação e regras de civilidade”, Almeida (2014, p. 345) diz que “Existe uma invisibilidade histórica quando se trata do sexo feminino, sinônimo de uma cultura sexista”.

As publicações oficiais sobre Frida são recentes e podem demonstrar, como indica a teóloga feminista Vilhena (2016, p. 49), em pesquisa de doutorado sobre a trajetória de Frida “um novo posicionamento ou a reafirmação do mesmo em relação a essa personagem importante para a história das Assembleias de Deus”. A partir da releitura histórica por parte da denominação, Frida “aparece” nas publicações, no livro “História da Convenção Geral das Assembleias de Deus”, de Silas Daniel, em 2004. A partir de então, temos outras, como a publicação do “Dicionário do Movimento Pentecostal” de 2007, do livro “100 mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil, de 2011, e, o livro específico sobre ela, “Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil” de 2014, as três últimas publicações são do teólogo e historiador das ADs no Brasil, Israel de Araújo de Moraes. Somente após quase um século de fundação da IAD, Frida, uma das principais personagens da história do movimento pentecostal passa a ser mencionada nas publicações da Igreja.

Mesmo que sua biografia tenha sido escrita na tentativa de recuperar sua memória mantida por tantos anos na invisibilidade da história oficial das ADs, essa denominação atribui a ela papel secundário. Ela não é apresentada como protagonista da sua história. A capa tem seu rosto, mas o título “Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil”, demonstra que para a igreja, ela é “reduzida” à esposa do Gunnar, o fundador. (VILHENA, 2016).

Em entrevista sobre essa biografia, Araujo relata

[...] Se hoje é difícil para a mulher em diferentes áreas de atuação na sociedade, na igreja, na religião, imagine para Frida Vingren naquela época. [...] ela até ultrapassou em termos de trabalho, os missionários homens. [...] Foi compositora, [...] tradutora, [...] interprete, [...] redatora, jornalista, [...] poetisa. Ela dirigiu igreja, ela pregava, ensinava, [...] dava ensinamentos bíblicos. [...] O que nós temos publicado na verdade sobre

⁸ Hinário oficial da IAD muito relevante para os assembleianos, uma vez que a música é um elemento essencial do culto evangélico, juntamente com as orações e sermão (exposição de textos da Bíblia). Sua primeira versão em 1921 foi denominada de Cantor Pentecostal com 44 hinos, em 1922 recebe o nome de Harpa Cristã. 24 dos hinos são registrados no nome de Frida.

Frida é muito pouco, mais é sobre o esposo Gunnar Vingren. (ARAÚJO, 2014. Programa CPAD News 39)

Apesar de Frida ter sido mais atuante na expansão do pentecostalismo assembleiano que muitos homens, não é reconhecida em seu protagonismo pela história oficial. Como pontuado pelo seu biógrafo, o que consta nas publicações da IAD sobre ela “é muito pouco, mais é sobre o esposo”. Frida, como tantas outras mulheres, seja no contexto religioso ou em outros contextos, mesmo desenvolvendo a mesma função que o marido, ou até se sobressaindo mais do que ele, são vistas como meras auxiliares de seus esposos, tendo seu protagonismo apagado.

De forma similar, ao relatar a trajetória de Dina Lévi-Strauss, a antropóloga Mariza Corrêa (1995) diz que muitas mulheres pesquisadoras tiveram seus nomes suplantados pelas biografias de homens de renome. Exercendo a mesma função que seus maridos, ou seja, pesquisadoras, antropólogas, sociólogas, teólogas, missionárias religiosas, etc, se transformaram em esposas ou auxiliares de seus maridos. Ao se casarem, essas mulheres adotaram o nome do marido, dificultando de serem identificadas com seu próprio nome. Sendo esposa de um homem de renome, são de certo modo, invisibilizadas. Ao perder um nome, perde-se também uma personagem. Nesse sentido, ao adotar o nome do marido ao casar, essas mulheres estão de certa forma, sujeitas a “desaparecer”, uma vez que seu nome próprio passa a ser o do marido. Dessa forma, as mulheres têm seu protagonismo social ocultado, para que seus maridos sejam os protagonistas da cena.

Para Vilhena (2016, p. 47)

Um dos fatores que contribuíram para o ocultamento histórico de Frida foi o nome que adquiriu após o casamento e o processo de submissão que este e as instituições impunham. São fatos que inviabilizam a manutenção de uma identidade social duradoura que tem como fundamento o próprio nome. Na técnica de assumir o nome do marido consolidam-se os domínios sociais e simbólicos na circunscrição das relações de gênero.

Nesse sentido, Frida ao casar tem seu papel reduzido à esposa de Gunnar Vingren. Apesar da sua relevância na história da IAD, ela é invisibilizada para que Gunnar seja o protagonista. O cientista da religião Gedeon Freire de Alencar, especialista na história da IAD no Brasil em sua tese assinala que qualquer assembleiano ou pesquisador da história das ADs no Brasil conhece os nomes Daniel Berger e Gunnar Vingren, fundadores das ADs no país. A história dessa denominação gira em torno deles. Frida é apagada da história oficial, quase inexistente. (ALENCAR, 2012). Apesar da forte atuação, por ser mulher, Frida não “deveria”

estar em pé de igualdade ou, até mesmo “à frente” do seu marido. “No mundo religioso, mesmo quando uma mulher se destaca, ela não pode ser “maior” que seu marido, ainda que na prática o seja, seu cargo “precisa” ser inferior ao dele”. (ALENCAR, 2012, p. 101). O que talvez, explique, o fato que, mesmo tendo realizado tanto “barulho” através das atividades que desenvolveu, a relevância de seu trabalho foi “silenciada” e de certo modo, ainda continua na história oficial da IAD.

Segundo Vilhena (2016) esse silenciamento pode estar relacionado a um (suposto) envolvimento extraconjugal de Frida. Considerando que “É de interesse da Igreja não gerar descrédito na instituição religiosa, daí tanta ‘prudência’ em manter silêncio. Todavia, a identidade resguardada do jovem é para proteger o próprio jovem”. (VILHENA, 2016, p. 37). Silenciar Frida significa também não fazer conhecido o seu suposto “pecado de adultério”, uma vez que para a IAD, assim como para as igrejas cristãs de maneira geral, esse ato é inadmissível. Ela deveria ser um “bom” exemplo para as outras mulheres. Entretanto, são dois pesos e duas medidas para o mesmo ato ilícito que Frida não cometeu sozinha. Preserva-se a identidade do homem para protegê-lo, para Frida, a punição. A própria acusação de adultério pode ser um elemento para mobilizar uma desqualificação moral de Frida Vingren⁹ de forma a negar suas contribuições na história de sua igreja e uma de suas reivindicações: o pastorado de mulheres.

Entretanto, apesar de tentarem silenciá-la, ela “fala” através dos artigos, poesias, jornais, hinos da Harpa Cristã que compôs e escreveu, os quais serviram como articulação teórica que deu embasamento para a participação das mulheres assembleianas. A produção musical feminina aumentou consideravelmente pela influência dela. (ALENCAR, 2012). De acordo com entrevista concedida pelo filho de Frida, Ivar, sua mãe tinha o “dom” de ensinar e pregar, motivo pelo qual sofreu muita perseguição. (ARAÚJO, 2007 apud ALENCAR, 2012). Ainda hoje no contexto pentecostal assembleiano, os dons de ensinar e pregar não são aceitos como funções femininas.

A forte atuação de Frida na Igreja não agradava a maioria dos pastores, o que culminou, dentre outros assuntos, no debate sobre o ministério feminino na Assembleia de Deus na primeira Convenção Geral realizada em 1930, em Natal – Rio Grande do Norte. Conforme Gomes (2015, p. 147), essa Convenção contou com a presença de vários pastores brasileiros e

⁹ Similar ao que relata a Bíblia no livro escrito por João sobre uma mulher pega em adultério que foi levada sozinha até Jesus para ser apedrejada, assim recomendava a Lei de Moisés que fosse feito às mulheres que cometessem tal ato. Surpreendidos por Jesus ao dizer lhes que atirassem a primeira pedra quem não tivesse pecado, todos retiraram-se acusados pela própria consciência. Jesus perdoou a mulher, mas seus “irmãos”, não.

suecos. A discussão em torno do ministério pastoral exercido por mulheres foi conduzida por duas posições opostas. De um lado, Frida e Gunnar Vingren, favorável ao ministério feminino, do outro, Samuel Nyström, o mesmo que havia celebrado o casamento de Frida com Gunnar, com os pastores brasileiros marcando uma posição contrária.

Após a discussão sobre o assunto ficou decidido que as mulheres tinham

o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e da sua salvação, e também apresentando instrução se assim for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma Igreja ou de ensinadora da mesma, salvo em casos de exceção mencionados em Mt 12.3-8. Assim deve ser, especialmente quando não existem na Igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar (VINGREN, 1982. p. 168 apud GOMES, 2015, p. 147-148).

A partir dessa convenção as mulheres começam a sofrer restrições quanto a sua atuação. No princípio do pentecostalismo no Brasil e na Suécia, as mulheres possuíam títulos, cargos e liberdade para exercerem seus ministérios. Todavia, quando o movimento se consolida, são marginalizadas (OKSKARSSON, 2008, apud ALENCAR, 2012).

Frida ainda tentou reverter a situação escrevendo um artigo intitulado “Deus mobilizando as suas tropas” com o intuito de convocar as mulheres da Igreja a não aceitarem a decisão imposta pela Convenção Geral (PONTES, 2014). A tensão entre o grupo que se opunha ao pastorado feminino (pastores brasileiros e alguns missionários suecos) e o grupo que defendia, formado por Frida e seu marido Gunnar, cresceu, “pois Frida não se calou e levou adiante a luta que ela defendia, “ou seja, o direito das mulheres de atuarem nas igrejas nos ministérios ordenados. Ela defendia o direito das mulheres assembleianas terem vez e voz, de estarem em pé de igualdade com os homens”. (SILVA, ULRICH, VILHENA, 2018, p. 642).

Vale ressaltar que o movimento Holiness, um dos berços do movimento pentecostal, surgiu no interior do metodismo e, igualmente carrega a marca importante do protagonismo das mulheres. O metodismo de John Wesley proporcionou às mulheres uma significativa liberdade para pregar. “Emanava dessa nascente pentecostal quacre-metodista-holiness uma nova hermenêutica do Espírito Santo que igualava homens e mulheres tanto na perspectiva salvífica quanto na atuação do Espírito Santo sobre todos e todas”. (VILHENA, 2016, p. 55). Nesse sentido, homens e mulheres são iguais diante de Deus, e seu poder concedido através do batismo do Espírito Santo capacita-os para a pregação e ensino da Palavra. Utilizando-se dessa hermenêutica, Frida não acatou a decisão dos líderes brasileiros e suecos que defendiam que as mulheres não podiam exercer as funções de pastorear e ensinar.

No entanto, seus esforços não foram suficientes para reverter tal decisão, uma vez que a maioria dos pastores era contra a ordenação de mulheres ao pastorado. Devido às disputas entre os grupos citados, Frida e Gunnar Vingren, foram praticamente convidados a se retirar do Brasil, deixando o país em 1932. Para Alencar (2012), Frida foi uma mulher valente, mas aponta que sua valentia não foi suficiente para vencer os homens que tramavam contra ela. Nesse sentido, diz ele, “Frida era uma mulher valente, mas não foi páreo para os “cabra-machos” nordestinos¹⁰ em conluio com Samuel Nystron. O retorno à Suécia antes do esperado, provavelmente conseguiu acabar com sua vida e com seu ministério”. (ALENCAR, 2012, p. 100-101). Vale ressaltar que Nystron sucedeu o pastorado de Gunnar Vingren após este sair do Brasil.

Após o falecimento do seu marido, um ano depois de retornarem para a Suécia, Frida Vingren queria retornar ao Brasil, mas foi impedida pelo pastor Lewi Pethrus, da Igreja Filadélfia Sueca que estava ligado a Samuel Nyström. Tentou ir para Portugal, mas foi impedida novamente. De acordo com Vilhena (2016) foi levada à delegacia e posteriormente internada em um hospital psiquiátrico em Estocolmo, no dia 25 de dezembro de 1934. Viveu seus últimos anos doente, foi diagnosticada com úlcera e câncer no estômago o que a levou a viver seus últimos dias entre idas e vindas de hospital em hospital, inclusive, em hospitais psiquiátricos, porque a classificaram como “louca”, falecendo em setembro de 1940 (BISPO, 2017).

Diante de todos os acontecimentos que lhe causaram sofrimento o que se esperaria de Frida? Foi impedida de fazer o que mais amava - na concepção dela – trabalhar na obra de Deus. Para Alencar (2012, p. 110), considerando o sofrimento que Frida vivenciou, ou seja,

uma viúva que lhe foram tomados os filhos, hospitalizada compulsoriamente, abandonada e destituída de seus ministérios, vendo sua vida findando sem nenhuma perspectiva tanto na Suécia como no Brasil, enlouqueça. Era “louca” antes de ser hospitalizada ou se tornou louca posteriormente? As ADs elegeram seus “santos”, mas falta assumir que têm uma mártir. Feita não por inimigos da igreja, mas por ela própria.

Entre os anos de 1980 e 1990, o pastorado feminino voltou a ser discutido nas Convenções Gerais da IAD, no entanto, o assunto foi rejeitado por unanimidade pelos participantes. Na Convenção realizada em 2001, em Brasília, a questão do ministério feminino volta à tona. “A votação foi rápida e fulminante, sendo rejeitada por maioria esmagadora de

¹⁰ Não estou referendando essa categoria estereotipada do homem nordestino utilizada por Alencar, uma vez que a mesma está permeada de representações sociais que definiria a masculinidade do homem nordestino, nesse sentido, o mesmo seria definido como um homem viril, forte, rude, etc, favorecendo a construção de estereótipos sobre ele. (VASCONCELOS, 2009).

votos. Dos cerca de 2,5 mil ministros presentes à sessão, apenas três foram favoráveis à ordenação de pastoras”. (MELLO, 2010, p. 47). Como podemos observar, o pastorado feminino é um assunto que é debatido desde a década de 1930, mas a CGADB continua irreduzível quanto ao mesmo.

A recuperação relativamente recente da história de Frida Vingren e a constatação de seu papel central na presença do pentecostalismo no Brasil a partir da denominação Assembleia de Deus contribui para reforçar as reflexões sobre como as mulheres são vistas e vivenciam o cotidiano na instituição. A importância simbólica de enfatizar a biografia de uma mulher que passou a ser representada como mártir dessa religiosidade diz respeito não apenas às relações de gênero que extrapolam a época em que viveu, mas também a imagem de exemplaridade possível às lideranças religiosas femininas contemporâneas.

Robbins (2015) ao trabalhar o conceito de **exemplares** ou **exemplos** se propõe a identificar os valores de uma determinada cultura ou sociedade, uma vez que se manifestam na ação humana. Por serem ideias que motivam a ação criam um mundo ordenado ao serem compartilhados entre os membros de uma sociedade. Portanto, os “exemplos” seriam então, “realizações concretamente existentes de valores únicos em sua forma mais plena”. (ROBBINS, p. 173). No entanto, mesmo que toda ação seja motivada por valores, não significa que toda ação seja exemplar.

a maioria das ações não realiza os valores mais importantes para os indivíduos, ou apenas os realiza de forma limitada, quero sugerir que algumas ações se destacam por cumprir o oposto. Há algumas ações ou produtos de ações que realizam valores importantes em suas formas mais plenas, ou ao menos chegam perto disso. São essas ações e seus produtos que se tornam exemplares. [...] Os exemplos, por essa razão, são formas sociais que realizam um valor nessa plenitude. (IBIDEM, p. 176)

Assim, não são todas as pessoas de uma determinada sociedade ou grupo que são consideradas exemplares, apenas algumas são reconhecidas como tal e portanto, servem como exemplo a serem seguidos pelos demais do grupo. Nesse sentido, diz (Robbins, 2015, p. 176-177)

[...] Em qualquer sociedade, há pessoas específicas – vivas ou históricas – reconhecidas por terem cultivado a capacidade de realizar um ou outro valor, e que, portanto, são exemplares em relação a ele. Então, uma das maneiras em que as pessoas encontram exemplos na vida em sociedade é na forma de pessoas exemplares.

Frida pode ser considerada uma personagem exemplar para seu grupo por todas as ações realizadas por ela em prol da expansão do pentecostalismo assembleiano no país, como é

possível identificar nos relatos das minhas interlocutoras, quando as indaguei sobre o que sabiam a respeito desta liderança:

era uma mulher, uma mulher de exemplo né? De nós nos exemplarmos por ela, tirarmos exemplo da vida dela. [...] Uma mulher que... sofreu muito né? Sofreu

porque teve que deixar a terra, a família, pra vim pra uma terra desconhecida, [...], eu também já li algumas coisas sobre ela e ela foi muito atuante, pregava numa época em que não era uma prática comum entre as mulheres, como você falou... inclusive ela era enfermeira, mas ela pregava e reconheciam esse dom que ela tinha, pregava muito bem eu vi que quando o marido dela viajava para evangelizar ela que ficava responsável fazendo as coisas na igreja, pregando, tomando conta de tudo. (Maria, Raposa, 26 mar. 2022)

[...] ela foi uma mulher, assim, muito bem sucedida, né? No seu ministério, de exemplo, né? Coordenando as primeiras mulheres juntamente com o marido e ela tem a sua importância na história, também. [...] A postura dela, o testemunho dela, os hinos que ela compôs, tem muito hino na Harpa Cristã que foi ela que fez, debaixo de muita luta, de muitas tribulações que ela passou, a maioria desses hinos que são lindos que é um rito assim que eu admiro, que eu procuro preservar, né? Apesar de outros, eu não concordar muito, mas esse assim da Harpa Cristã são hinos muito bonitos que foram feitos debaixo de muita oração, né? Muito sacrifício, e a maioria dos hinos da Harpa Cristã foi ela que fez, né? (Raquel, Raposa 4 mai. 2022)

Algumas das entrevistadas não conheciam a história de Frida, que se fosse melhor contada, poderia atuar no sentido da exemplaridade e representatividade de mulheres em suas atuações religiosas e comunitárias. Provocar minhas interlocutoras a falarem sobre a Frida é uma forma de fazê-las observar o protagonismo que elas mesmas podem ter.

Ainda que tenha enfrentado muitos empecilhos para agir em meio a um contexto que barrava as mulheres de exercer determinadas atividades, ela “lutou” até o final da vida para trabalhar como missionária da mensagem pentecostal. Frida Vingren foi mais que uma coadjuvante ou auxiliar das atividades religiosas de seu marido: ela foi agente ativa na construção institucional de uma vertente religiosa no Brasil.

Então seguimos o trabalho com a pergunta de fundo: de que forma ocorre a atuação das mulheres adeptas da religiosidade pentecostal na constituição de lideranças locais? Qual é o papel que se lhes é esperado e como o desempenham? Como suas atividades são vistas e colocadas em relevância? Como ocorrem as passagens entre sua atuação na esfera doméstica e na esfera pública?

2.3 O MUNICÍPIO DE RAPOSA

Raposa é um município brasileiro do estado do Maranhão localizado na microrregião da aglomeração de São Luís e mesorregião do norte maranhense, com 66.280 km² e uma população de aproximadamente 26.327 habitantes em seu território total. É o município com a menor renda per capita dentre os que compõem a Ilha de São Luís, conforme o Censo do IBGE 2010. Está situado a 30 km de São Luís, capital do estado. O povoado foi fundado no final dos anos 1940 por dois imigrantes cearenses de Acaraú que fugiam da seca em seu estado. Separando-se em 1994 do município de Paço do Lumiar, adquirindo o status de município.

Figura 2 - Brasil, Maranhão, Raposa



Fonte: GOOGLE Imagens. 1 ilustração. Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=mapa+Raposa+Ma+no+mapa+Brasil&rlz=>. Acesso em: 11 dez. 2022.

Os moradores pioneiros, em sua maioria, são originários do estado do Ceará, principalmente da praia de Acaraú que vieram para o Maranhão em busca de novas áreas de pesca. Portanto, possui uma das maiores colônias de pescadores do estado, sendo a pesca sua principal atividade econômica. Além dessa atividade, a renda de bilro e o turismo também estão entre as principais atividades econômicas do município. Raposa tem na natureza seu maior

patrimônio, onde suas praias, dunas, lagoas, igarapés e pequenas ilhas, tornaram-se os passeios mais requisitados pelos visitantes e turistas.

Em uma breve caminhada pela Rua Principal,

as rendeiras podem ser vistas a qualquer hora do dia, no chamado popularmente por “Corredor das Rendeiras”, que é a Avenida Principal e liga a cidade à sua praia, onde tem restaurantes e pontos para se fazer passeios de barco. As artesãs costumam ficar sentadas tecendo durante o dia em frente às suas lojas que funcionam em suas casas, cuja estrutura é de palafita. Devido às suas características topológicas, o corredor encontra-se sobre uma área de mangue com os assentamentos em palafitas, sistema de construção usado em regiões alagadiças, é uma característica marcante da paisagem urbanística da cidade. (BRAGA, SOUZA, RAMOS, 2021, p. 1048-1049)

Figura 3 - Rua Principal em Raposa



Fonte: GOOGLE Imagens. 18 Jul. 2013. 2 ilustração. Disponível em: http://fotostrada.com.br/2013/07/18/raposa_maranhao/. Acesso em: 11 dez. 2022

Figura 4 - Lojas de renda de bilro na Rua Principal de Raposa



Fonte: COSTA, Ney [Blog]. S/D. 3 ilustração. Disponível em: https://neycostaoficial.blogspot.com/2013/08/estudo-do-espaco-geografico-da-cidade_12.html. Acesso em: 11 dez. 2022

Entretanto, o município enfrenta alguns problemas, que conforme a pesquisadora Nágela dos Santos (2018), a problemática ambiental é apontada como uma das mais significativas. Devido a degradação e o aterramento ocasionados pela criação da cidade no manguezal, quanto mais o município cresce, mais o ecossistema sofre, ocasionando o aparecimento de doenças de veiculação ambiental tornando-se endêmicas, como verminoses, dengue, leptospirose, calazar, dentre outras. (SANTOS, 2018, p. 32). A ausência de alguns serviços de saneamento básico também contribui para que essas doenças se proliferem pelo município. A educação e a saúde também são afetadas por não haver investimento adequado por parte do poder público para que esses serviços sejam oferecidos com qualidade. A educação apresenta um dos piores Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do estado. No âmbito da saúde, os postos e unidades de saúde não atendem à demanda do município fazendo com que parte dos moradores busquem atendimento médico em São Luís, capital do estado.

A religião predominante do município é o catolicismo, tendo como principal templo católico, a Igreja Matriz de São Pedro (padroeiro do município) localizado na Avenida principal da cidade. Apesar da predominância da religião católica, as igrejas evangélicas cresceram significativamente nas últimas décadas, sobretudo, as igrejas pentecostais. Conforme o censo do IBGE de 2010, 27% da população da cidade é evangélica, enquanto no estado do Maranhão é 17, 19% e no Brasil, a porcentagem é de 22, 16 %. Apenas na Avenida Principal da cidade é possível identificar cerca de 15 igrejas evangélicas, dentre as quais, somente uma é protestante histórica e as restantes são pentecostais ou neopentecostais. Nesse contexto, se encontra a IAD, uma das primeiras Igrejas evangélicas a chegar ao município, segundo o Pastor Paulo

[...] na década de 1950 alguns crentes da Ilha de São Luís chegaram à Raposa, né? Ao povoado, a vilazinha Raposa, a Vila de Pescadores, e começou a evangelização aqui, a pregar o evangelho, aí a primeira pessoa que se converteu ao evangelho pela Assembleia de Deus em Raposa [foi] Dalva Celeste Saboia [...], e a partir daí começou a evangelização.

A partir desse trabalho de evangelização e acompanhando o crescimento evangélico pentecostal no Brasil, a Igreja se expandiu e hoje é um campo da IAD constituído por inúmeras congregações espalhadas pela cidade. Após essa breve contextualização do campo, apresentarei no próximo tópico, o campo de Raposa.

2.4 O CAMPO DE RAPOSA E A CENTRALIDADE DA AÇÃO RELIGIOSA FEMININA

Para compreendermos melhor o campo de Raposa, faz-se necessário entender o sentido do conceito de campo no contexto assembleiano. De acordo com Correa (2012, p. 142),

Campo nas Assembleias de Deus é a área de atuação de um Ministério ou Igreja-sede chamada também de Igreja-mãe -, e suas congregações e pontos de pregação agrupada em um determinado local. Essas congregações e pontos de pregação pertencentes a um Ministério são desterritorializados, eles são construídos em bairros, cidades em um ou mais Estados. Essas congregações e os pontos de pregação constituem-se em uma rede de congregações “satélites” da Matriz, a que chamam de Ministério, liderado por um pastor-presidente por um forte vínculo administrativo, doutrinário e litúrgico, entre as congregações e os pontos de pregação. As congregações geralmente são lideradas por diáconos, presbíteros, evangelistas ou por um pastor local, que presta obediência ao pastor-presidente.

No município de Raposa é possível encontrar diversos Ministérios da IAD, que segue o que ocorre nessa religião no Brasil em geral, em que “no contexto brasileiro não é possível pensar na IAD como um grupo singular e verticalizado sob o comando único de um líder nacional”. (FARJADO, 2015, p. 15). Uma vez que as IADs estão fragmentadas em inúmeros Ministérios com administrações independentes. “Alguns com abrangência nacional, responsáveis por agrupar milhares de pastores em todo o país, outros restritos ao universo de uma cidade ou bairro. (FARJADO, s/d, p. 162). Sendo possível “encontrar na mesma cidade, mesmo bairro, e em alguns casos na mesma rua Assembleias de Deus de diferentes Ministérios”. (IBIDEM, p. 162-163). O município de Raposa não foge à regra, podemos encontrar vários Ministérios independentes que podem ou não, apresentar semelhanças quanto à doutrina e aos usos e costumes. Para Farjado (2015, p. 164), a complexidade da IAD

não se restringe aos fatores corporativo-institucionais. É possível encontrar Assembleias de Deus cujas práticas litúrgicas lembram igrejas pentecostais ligadas à teologia da prosperidade, como a Universal do Reino de Deus. Por outro lado, também é possível assistir cultos em igrejas onde tais práticas são severamente questionadas. Há ADs onde danças e palmas fazem parte de todo o momento do cântico comunitário, em outras, tais elementos não são permitidos em nenhuma hipótese. Existem ADs em que é proibido aos membros o uso de maquiagens, brincos e outros adereços, enquanto em outras tais costumes são incentivados. Em alguns casos o estudo da teologia é reprimido, enquanto em outros são organizados cursos que pleiteiam o reconhecimento do MEC.

De acordo com Farjado (2015, p. 3-4) os grandes Ministérios da IAD são organizados

em um sistema administrativo piramidal, normalmente obedecendo a uma estrutura onde a Igreja-sede ocupa lugar de destaque, tanto no aspecto administrativo como no simbólico. O templo sede normalmente é a igreja mais antiga do Ministério, a qual os obreiros responsáveis pelas demais congregações (que podem chegar a centenas) devem prestar contas. Além da importância histórica, o templo-sede é o centro

administrativo do Ministério, de onde o pastor-presidente comanda as demais igrejas e aonde são realizadas as periódicas reuniões gerais de obreiros. No templo-sede também acontecem os eventos que mobilizam todo o Ministério como os Congressos de jovens, adolescentes e senhoras.

Não fiz um mapeamento dos diferentes Ministérios existentes no município por conta que demandaria um esforço que fugiria ao objetivo da minha pesquisa. Meu trabalho se concentrou no mapeamento das IADs que compõem o Ministério Missão na cidade com o intuito de identificar a centralidade da liderança feminina exercida pelas Esposas de Pastores nesse campo.

Como forma de demonstrar simbolicamente o poder do Ministério Missão, a Igreja-sede se destaca pela arquitetura que se contrasta com as pequenas congregações a ela ligadas. (IBIDEM, 2015). A Igreja-sede de Raposa está em reforma desde que iniciei a pesquisa em janeiro de 2017. Mas pela estrutura que já está construída é possível perceber a dimensão do tamanho que ficará quando for finalizada a reforma.

Figura 5 - Fachada da Igreja-sede em 2017



Fonte: Elaborada pela autora. 29 jan. 2017

Figura 6 - Fachada da Igreja-sede em 2017



Fonte: Elaborada pela autora. 29 jan. 2017

A fachada foi demolida para que seja construída a nova Igreja que ainda não foi finalizada. Enquanto a reforma não é concluída, os cultos e as outras atividades religiosas são realizadas na área próxima ao altar, que já tem telhado.

Figura 7 - Prédio ao fundo da Igreja-sede



Fonte: Elaborada pela autora. 29 jan. 2017

Além da Escola, nesse espaço (Figura 7) também são realizados os cursos teológicos oferecidos pela Igreja e hospeda os pastores, missionários que vem de outros estados ou municípios para participar de eventos na Igreja sede.

Segundo o Pastor Paulo, o campo de Raposa é constituído por 50 congregações tendo como Igreja-sede a IAD localizada na Rua da Paz – Centro, onde realizo a pesquisa desde janeiro de 2017. Possui um colegiado de 20 pastores, sendo que em cada igreja ou bloco de igrejas possui um pastor como dirigente, porém, há igrejas que tem como dirigente um diácono ou um presbítero. O Pastor afirma que o campo de Raposa possui em média 4 500 membros efetivos e a IAD sede, em torno de 600 membros. Os pastores são orientados pelo Pastor Paulo a se dedicarem exclusivamente ao trabalho religioso para dar conta de desenvolverem as atividades concernentes ao pastorado. No entanto, dois pastores, esposos das mulheres que entrevistei, trabalham em outras atividades além das religiosas. Um é funcionário da CAEMA e outro é professor de História do Ensino Fundamental. Todos os pastores recebem o mesmo salário que deve ser efetuado pelos membros das Igrejas que pastoreiam. Caso a comunidade não consiga pagar seu salário, o valor é completado pela Igreja-sede.

O Pastor relatou que, antes de se tornar um campo independente, as congregações de Raposa faziam parte do campo do município de São José de Ribamar - MA. Após ele assumir esse campo, fez o desmembramento de Raposa que a partir de então, tornou-se um campo

[...] em 1996 o pastor João Batista me enviou para morar diretamente na Raposa e a partir daí aqui funcionou como área da cidade de São José de Ribamar. Em 2004 eu

assumi o campo de São José de Ribamar e fiz o desmembramento de Raposa dando autonomia que passou a ser campo de trabalhos pastorais, viu? Certo? Então, primeiro pastor que veio residir aqui sou em 1996, e em 2004 aqui foi emancipado. (Pastor Paulo, Raposa, 23 de maio de 2018)

No contexto maranhense, de acordo com o Pastor Paulo, quando as congregações de um determinado campo crescem a ponto de ficar difícil de serem administradas por um único pastor presidente, é realizado o desmembramento dessas congregações do campo do qual fazia parte, dando origem a um novo, que passa a ter registro de pessoa jurídica (CNPJ), diretoria e um pastor presidente. Como é possível observar, o Pastor Paulo é pastor-presidente do campo de Raposa há quase 20 anos. Nesse sentido, como já mencionei, o pastor-presidente além de ficar por muitos anos na liderança de um campo, acumula em suas mãos uma gama de funções, como: coordenar os trabalhos pastorais de todas as igrejas que compõem o campo do qual é presidente, coordenar as atividades eclesiais da Igreja sede, e as atividades missionárias. Além de ser responsável juridicamente por todas as Igrejas que compõem o campo que administra.

A IAD sede em Raposa possui os seguintes cargos hierárquicos, da base para o topo segue a seguinte ordem: auxiliar de trabalho, diácono, presbítero, pastor e pastor presidente. Esses cargos são exercidos exclusivamente por homens. Em relação as outras atividades, existem os departamentos que são compostos por pessoas conforme a faixa etária, ou gênero. Portanto, existem os seguintes departamentos: de crianças, de adolescentes, de jovens, de senhoras e de senhores. Além de grupos que são formados para a realização de atividades específicas, como: grupo de oração, grupo de vocal, grupo de assistência social, grupo de recepção, etc. Os departamentos podem ser coordenados por um auxiliar, diácono, presbítero ou por um pastor, exceto, o departamento de senhoras que é coordenado por uma mulher. Em relação aos grupos citados, geralmente são liderados por mulheres, com exceção do grupo de vocal que pode ser liderado tanto por homem ou por mulher.

Dito isso, focarei nas atividades desenvolvidas pelas mulheres e na relevância dessas atividades para a congregação. Na Igreja-sede, como destacou o Pastor Paulo, cabem a elas,

As nossas mulheres, as mulheres da igreja, a minha esposa, elas realizam por exemplo as atividades de círculo de oração, atividades de vocais, criança, de adolescente, de jovem, de discipulado né? Essas atividades são entregues às mulheres, escola bíblica dominical, 80% da escola bíblica dominical é realizado pelas mulheres né? Elas estão à frente do departamento infantil, são realizados por elas, a visitação, a maioria das visitas que há nas casas das pessoas aos enfermos é realizado pelas mulheres né? É...o trabalho de ação social, no nosso caso aqui nós temos um trabalho chamado Bacia de Dorcas né? Que elas recolhem nos lares dos

irmãos o alimento semanalmente né? E distribuem no final de semana para aquelas pessoas mais carentes. (Pastor Paulo, Raposa, 23 de mai. de 2018)

As atividades femininas são mais relacionadas a assistência, ao ensino e ao cuidado. Como observado pelo próprio Pastor,

*as atividades [...] da igreja, de execução mesmo que é o trabalho, **as mulheres tem uma participação maior do que os homens**, os homens estão mais na questão de liderança, coordenação né? Mas quem executa as tarefas mesmo, mais... é a mulher, é a dona de casa, quem trabalha mais na casa é a mulher, assim também na igreja é o mesmo princípio quem trabalha mais são elas, **por isso que eu sou devedor e acho que a gente deveria reconhecer também com título aquilo que na prática é, é feito.** (IBIDEM, grifo nosso)*

O trabalho desenvolvido pelas mulheres na Igreja seria a extensão do trabalho doméstico. O que não significa que seja menos relevante que o trabalho masculino. No meu contexto de pesquisa, homens e mulheres desempenham papéis diferentes e complementares na família, onde o homem é o provedor e a mulher cuidadora, cabe ao primeiro, liderar a família, ou seja, ser o “cabeça”, e à mulher auxiliá-lo. Em pesquisa de dissertação, Sampaio (2007, p. 24) indica que “A Igreja reproduz o ideal da grande família, da irmandade eleita pela fé e pela certeza do resgate divino”. Assim, as funções masculinas e femininas realizadas na Igreja estão relacionadas com as funções que os mesmos desempenham em casa. Assim, o homem é o “cabeça”, ou seja, o líder, tanto em casa quanto na Igreja.

Marilyn Strathern (2006) chama a atenção para o risco que o pesquisador enfrenta de transportar categorias de sua cultura em suas análises do “mundo dos outros”. A autora aponta a inaplicabilidade de categorias ocidentais para a análise de outras realidades. Nesse sentido, diz que a antropologia ao universalizar seu entendimento do mundo comete o erro de partir do pressuposto que outras sociedades se baseiam na oposição entre natureza e cultura, na antinomia universal entre sociedade e indivíduo e no entendimento de uma divisão dualista entre esferas do público e do privado.

Em etnografia realizada entre os povos Hagen na província das Terras Altas Ocidentais de Papua-Nova Guiné, Strathern (2006) aborda que a depreciação do âmbito doméstico é uma característica ocidental baseada no pensamento de que a domesticidade fixa às mulheres em uma posição inferior e de incompletude perante os homens. Assim, aquele que depende do salário que o outro ganha é considerado infantil, para ser adulto é necessário romper com o círculo doméstico. No entanto, para os Hagen, mesmo que a constituição do feminino esteja associada ao mundo doméstico, isso não significa que a posição social da mulher seja afetada.

A diferença entre homem e mulher é absoluta, mas como marido e mulher são mutuamente dependentes, inclusive pela diferença entre eles. Assim, ambos contribuem com seu trabalho em prol da família e esse trabalho não é pautado por uma medida a partir do mundo exterior. Desse modo, o trabalho masculino de preparação do plantio, por exemplo, não é tido como mais importante que a atividade feminina de preparar a refeição.

Sampaio observa nessa direção que

As oposições público/privado, moderno/tradicional descrevem uma topografia que apreende o mundo a partir de fora. Estão descoladas do contexto, portanto são incapazes de transmitir informações sobre a experiência. (SAMPAIO, 2007, p. 22).

Em etnografia sobre liderança pentecostal em uma favela carioca a autora faz uso de categorias nativas como “cabeça” e “pescoço” para demonstrar como no contexto de sua pesquisa, “a hierarquização de funções assume uma forma de complementaridade, traduzida na metáfora da cabeça e do pescoço”. (IBIDEM, p. 24). Diz ela que é comum a utilização dos termos cabeça e pescoço entre o grupo no qual realizou pesquisa ao referir-se às funções masculina/feminina na família e na Igreja.

Para as mulheres com as quais convivi durante a pesquisa, as funções exercidas por mulheres e homens seguem um princípio bíblico, sagrado, ou seja, a interpretação que fazem da Bíblia prescreve as atividades femininas e masculinas. No entanto, as funções que elas desenvolvem não são tidas como menos relevantes que as tarefas masculinas. Como indicado pelo Pastor Paulo, são as mulheres que realizam a maioria das atividades na Igreja e o trabalho feminino, mesmo que desvalorizado por não ocupar posição de destaque, se “configura como alicerce à sustentação da religiosidade local”. (MENDONÇA, 2011, p. 42).

Dentre as atividades realizadas pelas mulheres da IAD Raposa destaca-se o grupo de oração denominado de “Círculo de Oração Bênção de Sião” do qual há desdobramentos que são classificados de “campanhas” que são: consagração, libertação e causas impossíveis. Essas campanhas são lideradas e formadas majoritariamente por mulheres que se reúnem em diferentes dias da semana para realizarem pedidos ao divino e conversarem sobre assuntos do cotidiano feminino. Dentre elas, a que mais se destaca é a *Campanha das Causas Impossíveis* que se dedica a orar por situações classificadas como difíceis de serem solucionadas pela ação humana. Essa campanha foi fundada por Mariana, uma cearense de 78 anos que migrou para Raposa quando adolescente com o pai em busca de trabalho. Casada com um cearense e mãe

de 5 filhos ingressou na IEAD Raposa há 42 anos. Conforme Mariana, a Campanha das Causas Impossíveis surgiu por conta de uma revelação¹¹ que o divino fez a ela

*Deus me revelou outro trabalho, Deus me revelou o trabalho de Causas Impossíveis foi através de uma revelação que Deus me deu, me revelou, muito bonita como foi a revelação, aí eu fiquei assim que nem Gideão será que é Deus mesmo? Será que é porque eu tenho vontade meu Deus, o Senhor me revela, me diga se realmente é o Senhor que quer esse trabalho na igreja, aí o Senhor me revelou mesmo, eu disse se for Senhor me dá uma prova vou falar para o pastor. **Como foi que o Senhor revelou?** Irmã, assim... bem interessante, eu faço parte do trabalho das irmãs do Projeto Ana: mulher de esperança. [...] Aí eu acho muito bonito, muito lindo porque eu amo mesmo a oração, gosto de oração, de ver aquele trabalho delas muito lindo e não tinha aqui esse trabalho. Quando foi um dia eu senti, Deus falou no meu coração pra gente criar um trabalho, para criar o trabalho “**Causas Impossíveis**” para orar pelos cativos, pelas pessoas que precisam de salvação, causas difíceis, causas impossível. Deus falou de uma maneira tremenda, eu entendi. [...] E eu pedi ao Senhor a confirmação quem seriam as irmãs que eu poderia colocar para me ajudar logo no início, o Senhor me falou, disse os nomes das irmãs todinhas no meu pensamento, no meu coração, justamente quando eu falei pras irmãs elas aceitaram. Aí eu falei com o pastor, mas não é todo trabalho que ele aceita, falei primeiramente pra irmã Joana, ela aceitou, [ela disse] ah é muito bom ter esse trabalho aqui irmã Mariana, as irmãs falem com o pastor, sim vou falar com ele, contei tudinho, também ele não acredita em toda revelação que chega assim, ele fica na dele, né? Aí contei tudinho pra ele se podia, se a gente podia (...) ele disse: pode minha filha, é de Deus, ele apoiou o trabalho e aí eu falei com as irmãs e elas aceitaram. (Mariana. Raposa, 10 abr. 2018)*

Interessante notar que os pedidos mais recorrentes realizados nessa Campanha se referem a “libertação” de alguém da família, ou amigo(a) de: depressão, de ansiedade, das drogas; para que portas de emprego sejam abertas, pessoas sejam curadas, causas na justiça sejam resolvidas, etc. As mulheres que frequentam essa atividade interpretam as situações acima como problemas difíceis e até mesmo “impossíveis” de serem resolvidos. Entretanto, como ocorre com a participação em outros grupos sociais capazes de gerar elementos de ancoramentos identitários, a participação efetiva das mulheres em instituições religiosas pentecostais, que de certa forma exigem uma frequência assídua, há a possibilidade de conquista de autoridade moral local e o reforço na crença “em si”, amparada por entidades divinas que tornam mesmo “causas impossíveis” viáveis de serem realizadas.

2.4.1 Aniversário do Círculo de Oração Benção de Sião

O aniversário do Círculo de Oração da Igreja é uma das festas mais relevantes para as mulheres da IAD Raposa. Realizada periodicamente no mês de março com duração de quatro

¹¹ Ato de desvendar ou tornar algo claro ou óbvio por meio de uma comunicação ativa ou passiva da divindade com àquele (a) que tem o dom espiritual de revelação.

dias como forma de comemorar a existência do grupo e as “bençãos” recebidas ao longo de seu funcionamento.

Durkheim contribui de maneira significativa através de seu livro *As formas elementares da vida religiosa* (1996) para a interpretação da relação entre festividades e vida social, algo que Menezes (2009) aponta para sublinhar a pertinência de buscar o suporte teórico deste autor:

Suas formulações sobre o papel desses eventos na coesão dos grupos que os celebram, relacionadas à efervescência que provocam, que resulta em um sentimento de pertencimento, assim como a ideia, trazida à luz pelo autor, de que nas festas é a própria sociedade que está sendo comemorada e refeita, são interpretações extremamente significativas nas leituras socioantropológicas sobre festas. (MENEZES, 2009, p. 183)

O cientista da religião Rivera (s/d, p. 21) define festa religiosa

como ato simbólico coletivo que, por meio de ritos, relembra evento ou pessoa, que no decorrer de um longo processo de memória foi constituído em fato fundador. [...] As festas religiosas sempre comemoram algo ou alguém. Uma data, um acontecimento, uma pessoa, todos eles considerados dignos de celebração.

No contexto assembleiano a festa mencionada é um momento de relembrar e comemorar o trabalho que foi desenvolvido pelo grupo ao longo de sua existência. É interessante notar que o trabalho empreendido na organização e preparação da festa requer tempo, que segundo a pesquisadora Mariana Mendonça, ao analisar as festas religiosas de uma AD em Ilha Grande – Rio de Janeiro, identifica que

preenche parte do cotidiano das mulheres e isso possui um sentido religioso: é um esforço destinado a Obra de Deus. E na relação entre festividade e a religiosidade vê-se que as festas são produzidas com vistas a produzir eficácia. O trabalho individual e coletivo realizado pelas fiéis terá recompensa vinculada à tradicional relação trabalho/bênção”. (MENDONÇA, 2011, p. 31)

O trabalho empreendido na realização da festa gera recompensa porque no imaginário pentecostal, a divindade “abençoa” quem se empenha em realizar algo que se destina ao serviço religioso. Assim, todo tempo e esforço dispensados na preparação de uma festa religiosa são recompensados sejam com dádivas materiais ou espirituais.

Figura 8 - Festa do Círculo de Oração



Fonte: Elaborada pela autora, 2 Mar. 2018

Figura 9 - Festa do Círculo de Oração



Fonte: Elaborada pela autora, 3 Mar. 2018

A festa é realizada na Igreja sede em que todos os grupos de orações das IADs que compõem o campo de Raposa participam e também Vocais de IADs de outros Ministérios. Nas festas que participei, as mulheres comparecem bem arrumadas e vestidas com uniformes monocromáticos de cores vivas e ajustados ao contorno do corpo (Figuras 7 e 8). Para Rivera (s/d, p. 13) “Festa e corpo estão intimamente vinculados, sendo fundamental para analisar a festa religiosa compreender como a religião em questão entende e concebe o corpo”. Conhecida pela rigidez quanto aos usos e costumes¹², a IAD até final do século XX tinha em voga a

¹² Referem-se a regras que impõem restrições ao vestuário, ao uso de joias, maquiagem, corte de cabelo, e a conduta dos pentecostais assembleianos.

Resolução de Santo André que tornou prática obrigatória a todas as IADs ligadas a CGADB, dentre outras, as seguintes proibições:

(1) Uso de cabelos crescidos pelos membros do sexo masculino; (2) Uso de traje masculino por parte dos membros ou congregados do sexo feminino; (3) Uso de pinturas nos olhos, unha e outros órgãos da face; (4) Corte de cabelo por parte das irmãs (membros ou congregados); (5) Sobrancelhas alteradas; (6) Uso de minissaia e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã. (DANIEL, 2001, p. 438-439 apud REIS, S/D, p. 10-11).

Para o teólogo Antônio Gomes (2006, p. 5) o apóstolo “Paulo apresenta o corpo como um objeto paradoxal. Se, por um lado, é alçado à condição de templo do Espírito Santo, por outro é marcado pela carne, a natureza adâmica decaída”. Como templo do Espírito, deve ser zelado e cuidado, mas por “carregar” a natureza decaída deve ser bem coberto, principalmente, o corpo das mulheres.

Como é possível observar, a maioria das restrições são direcionadas às mulheres. Segundo a historiadora e teóloga Haidi Jarschel em artigo em que ela analisa a culpa que mulheres de classes populares com as quais ela trabalhou atribuem-se quando realizam atividades que precisam ficar longe de casa e da família, o corpo feminino é considerado “culpabilizado, mostrando que essa culpa se deve à Eva, pois a mesma foi colocada como símbolo do pecado” aliás foi por meio dela que o pecado “entrou no mundo”, assim, seu corpo precisa ser controlado. Para a autora “O controle sobre os corpos, foi a forma mais efetiva encontrada para controlar os desejos. Pois, a paixão e o desejo se expressam pelo corpo. E são anárquicos!” (JARSCHER, s/d, s/p). Em artigo sobre a relação do corpo com a religião e as transformações ocorridas ao longo da história, a educadora física, Ana Rigoni analisa as relações entre corpo e religião no mundo contemporâneo. A autora tece críticas às análises que refletem sobre corpo e religião como conceitos distintos e distanciados, eles devem ser pensados como fenômenos entrelaçados e que se transformam simultaneamente em decorrência das transformações em seu próprio interior, e também das transformações que ocorrem em outras esferas e instituições. Nesse sentido, as transformações ocorridas nos usos e costumes da IAD refletem as mudanças ocorridas em outras esferas sociais, uma vez que a Igreja reflete de algum modo as mudanças que ocorrem na sociedade de maneira geral. Diz Rigoni (2016, p. 134), que “Se, antes, a religião, e principalmente a Igreja Católica, era a instituição que mais parecia ditar os modos de fazermos usos de nossos corpos, hoje ela parece competir com outras esferas agenciadoras do corpo”. Portanto, a autora procura demonstrar o papel da religião e como ela foi se acomodando às novas demandas corporais ao longo do tempo, não deixando de exercer

poder sobre os corpos, mas modificando e ressignificando a forma de agenciá-los. Nesse sentido, as modificações ocorridas nos usos e costumes da IAD reflete como a religião ressignifica a maneira de controlar o corpo, uma vez que novas demandas da vida social influenciam em mudanças no meio religioso.

Assim, a CGADB ratificou seu estatuto em 2011 e flexibilizou vários itens referentes aos usos e costumes. As restrições a qualquer tipo de pintura nos cabelos e unhas, ao uso de maquiagem, etc., cede lugar a proibição do “[...] uso exagerado de pintura e maquiagem – unhas, tatuagem e cabelo” (COROBIM, 2008, p. 15).

Nas festas em Raposa, é possível perceber essas mudanças, principalmente entre as mulheres mais jovens que fazem maquiagem leve, usam vestidos mais colados ao corpo, etc. Participo de uma Igreja em que não há proibições quanto aos usos e costumes, mas sempre que eu ia à campo, tinha o cuidado de usar vestidos com mangas ou calças folgadas e usar brincos pequenos. Ao participar de um evento na Igreja, percebi algumas mulheres me olhando com se reprovando minha roupa. Poderia ser a calça que estava usando ou será que não estava arrumada o suficiente para o que a ocasião exigia?

Nessa festa, assim como em outras festas femininas, são lidos trechos da Bíblia em que as mulheres ocupam a centralidade da narrativa. Em um dos dias que participei, o Pastor responsável pela exposição do texto bíblico falou sobre a importância que as mulheres tinham para Jesus ao relatar que ele deixou de atender um dirigente¹³ de sinagoga para dar atenção a uma mulher que sofria com hemorragia há anos. Nesse sentido, disse ele, “*Jesus deixou de atender o pedido do homem que ocupava um lugar de destaque no contexto da época, e priorizou o pedido da mulher com o intuito de honrá-la diante de todos*”. Naquele contexto bíblico, aquela mulher era considerada “impura”, por estar com hemorragia deveria viver isolada, além de que, por ser mulher, não poderia falar e muito menos tocar em um homem. A fala do Pastor pretendeu reforçar a noção de uma relação honrosa e prioritária que os homens devem ter perante as mulheres.

A fé das mulheres é reforçada através dos textos bíblicos que são expostos que as incentivam a não desistirem de orar pelos filhos, marido, família, etc. A perspectiva da centralidade do cuidado como tarefa das mulheres, se destaca. Em uma manhã que participei

¹³ Dirigente de Sinagoga no tempo de Jesus era um fariseu instruído na lei e na interpretação da lei e que dirigia o funcionamento das orações e serviços da sinagoga exigidos pelo judaísmo. SAULNIER, Christiane, ROLLAND, Bernard, *A palestina no tempo de Jesus*, cadernos Bíblicos 27, tradução de José Raimundo Vidigal, 2ª. edição, Paulinas, São Paulo, 1986. Disponível em: <https://www.abiblia.org/ver.php?id=10679>. Acesso em: 18 jan. 2023.

da oração que ocorreu no período da festividade, disse a mulher responsável pela oração *“Jesus gostava de dialogar com as mulheres, tinha prazer em conversar com elas porque ele conhecia suas dores e lutas. Não que Jesus não conhecesse as dores e lutas dos homens”*. (Ana, março de 2018). Para essas mulheres que enfrentam dificuldades das mais diversas, esses momentos são de extrema relevância para o fortalecimento de sua fé, ou seja, acreditarem na atuação do poder divino nas dificuldades que enfrentam.

Os testemunhos relatados também ocupam lugar de centralidade nessas festas. Reinhardt (2016), diz que para os pentecostais o testemunho possui dimensão dupla, que por fins analíticos, ele separa em dois aspectos. Na primeira dimensão, há a questão ética e parresiástica que seria “[...] uma ‘forma aletúrgica’, um estilo retórico em que a enunciação da verdade está implicada de modo performativo na transformação ética dos sujeitos envolvidos”. (REINHARDT, 2016, p. 46). A natureza aletúrgica do testemunho seria uma prática intensificadora da fé, uma vez que para os evangélicos de maneira geral, falar é crer e não apenas referir-se a um conjunto de preposições tidas como verdadeiras. Portanto, Reinhardt (2016, p. 48) associa a conversão a “um processo de mudança da escuta para a fala, de polo interpelado pela Palavra e pelo Espírito para polo interpelador”. Dessa forma, o testemunho refere-se às transformações morais que ocorrem por conta da conversão. A segunda dimensão do testemunho pentecostal é a carismática que trata da “atribuição testemunhal desta descontinuidade temporal a um “Deus vivo”, cuja existência pode ser verificada no cotidiano de forma direta, através das suas dádivas, milagres e aparições íntimas e públicas”. (IBIDEM, p. 49). O autor observa que a diferença entre as duas dimensões do testemunho que ele apresenta são analíticas porque para os convertidos “[...] se livrar da bebida, da droga, reaproximar famílias divididas, se tornar “santificado” ou recuperar a dignidade é tão miraculoso quanto curar enfermos, exorcizar demônios, dançar no espírito, falar em línguas, etc. (IBIDEM).

No entanto, os testemunhos que ouvi durante a pesquisa de campo estariam mais relacionados com a dimensão carismática porque a ênfase recai na intervenção divina no cotidiano das mulheres através de milagres como curas, libertações espirituais e financeiras, como é possível identificar nos relatos a seguir

Minha mãe se encontra melhor devido a intervenção de Deus na sua saúde, antes ela tomava 9 remédios diariamente, mas agora esse número foi reduzido para 3. (Sílvia, 3 mar. 2018).

Meu neto de 1 ano ficou doente a ponto de ficar só ossos e pele, ficou tão fragilizado fisicamente que o corpo não sustentava a cabeça. Durante minha vida de evangélica essa foi a luta que passei que mais me deixou abalada, mas continuei crendo e orando

para que Deus curasse meu neto. Certo dia um homem bateu na minha porta e falou que Deus curaria meu neto e para eu saber que era Deus que falava comigo naquele momento, quando a cura acontecesse, meu neto me chamaria pelo nome. Quando o milagre aconteceu, meu neto me chamou pelo nome. (Ana, 3 mar. 2018).

Através dessas experiências compartilhadas a fé é reforçada e qualquer uma das mulheres que as ouve pode experimentá-las, desde que esteja disposta a se engajar com fé nas promessas divinas e um sentimento de expectativas que serão cumpridas.

2.4.2 FOIMAC Mulheres

O FOIMAC é outro evento festivo realizado anualmente em agosto¹⁴ na Igreja sede com duração de 10 dias. Cada dia do evento, a festa é direcionada a um público específico, como por exemplo, o FOIMAC Mulheres sobre o qual descreverei mais detalhadamente. O FOIMAC é uma agência missionária de abrangência internacional, de ação social e cultura que desenvolve atividades nessas áreas com o intuito de alcançar o homem na sua “totalidade”¹⁵. Nessa perspectiva, a Igreja presta serviços também na área da educação, através do Instituto Educacional Shekinah que oferece desde a creche ao ensino médio. Através de parcerias oferece alguns cursos de nível superior como pedagogia, filosofia e pós-graduação em pedagogia. O instituto oferece também curso de inglês através de convênio com o Centro de Línguas e Cultura (CLC) da Universidade Federal do Maranhão.

¹⁴ Por conta da Pandemia da Covid 19, em 2020, o evento festivo foi realizado em dezembro, e em 2021 em outubro.

¹⁵ Para mais detalhes ver minha monografia intitulada “Práticas religiosas na solução de problemas do cotidiano: uma análise etnográfica sobre mulheres pentecostais no município de Raposa – MA”, p. 25-26.

Figura 10 - Programação do FOIMAC 2021

IEAD Assis Vieira
Pr. Presidente

FOIMAC 2021

FÓRUM INTERNACIONAL MISSÕES AÇÃO SOCIAL E CULTURA
Missões **A INDIFFERENÇA É O SEU MAIOR OBSTÁCULO**

PROGRAMAÇÃO:

09 A 18 OUTUBRO
RAPOSA - MA

PREGADORES

CANTORES:

PR. ASSIS VIEIRA
MISS. ZIZA AMIRIM

DIA 09 /10 ABERTURA
PR. RICARDO BARROSO (BLUMENAL - SC)

DIA 13/10
PR. OLIVIOANDES JR (SÃO LUIS - MA)

DIA 16/10 - NOITE
PR. FRANCISCO FILHO, SECRETARIO DE MISSÕES DA IEADC (CONFERENCISTA E PREGADOR)

DIA 10 E 11/10
CANTORA: ELIENE SILVA (MINAS GERAIS - MG)

DIA 17
CANTORA: ANTONIA GOMES (GOIANIA - GO)

DIA 10/10
PR. ADENILSON LIRA (VARGEM GRANDE - MA)

DIA 14/10
MISS. CLAUDIA SAMPAIO (MIRINZAL - MA)

DIA 17/10 - MANHÃ
PR. CLEILTON (GOIANIA - GO)

DIA 11/10
PR. ANTONIO DOS SANTOS (CARUTAPERA - MA)

DIA 15/10
PR. JUNIOR LUZ (SÃO LUIS - MA)

DIA 17/10 - NOITE
PR. ANTONIO FERREIRA (RAPOSA - MA)

DIA 12/10
TIA SHYKITA (SÃO LUIS AREA 91 - MA)

DIA 16/10
2º ENCONTRO DA ALPI MANHÃ E TARDE (RAPOSA - MA)

DIA 18/10 - ENCERRAMENTO
PR. ERISMAR MIRANDA (PARAUPEBAS - PA)

Cantores Domésticos!

- OSEIAS SALGADO
- NEURANA
- FÁBIO
- LUIS
- TASSIA RAQUEL
- SAMUEL
- MARIA NAUEGANTES
- IVANILDO BASTOS
- ZIZA AMORIM
- NAARA
- DARLAN
- ALEX LAN
- ELIDA SANTOS
- MARLONE
- MARIA DA PAZ
- WELITON RIBEIRO

Grupos:

BANDA LÍRIOS
BANDA SALMOS
SALOM
UFADER
UMADER
UCADER
FOIMAC MUSIC!

VENHA, PARTICIPE CONOSCO
Você e nossa convidada Especial

Fonte: FACEBOOK . 15 out. 2021. 7 ilustração. Disponível em:
<https://www.facebook.com/foimac>. Acesso em: 8 jan. 2023

O FOIMAC Geral é um evento que comemora o trabalho realizado pelo campo de Raposa de abrangência local, nacional e internacional, uma vez que membros (homens e mulheres) do campo referido são “enviados” como missionários da mensagem pentecostal para outros municípios do Maranhão, outros estados e até para outros países. O FOIMAC Mulheres é o dia em que as mesmas são responsáveis por quase todas as atividades realizadas, como iniciar o culto, cantar, apresentar músicas em forma de vocais, participar de peças encenadas, relatar testemunho, ler trecho bíblico ou fazer orações. Entretanto, como foi possível observar no FOIMAC Mulheres de 2017, primeiro que participei, a pregação oficial foi realizada por um homem. Mesmo sendo uma festa organizada e voltada para o público feminino, geralmente é um homem que prega. A pregação da Bíblia em um culto pentecostal assume um lugar de

grande relevância, para os pentecostais a pregação é compreendida como a proclamação da verdade de Deus.

O Pastor Paulo ao ser indagado sobre o porquê de ser um homem que pregou no FOIMAC Mulheres, respondeu

é [...] uma escolha delas, é uma escolha delas, inclusive eu estava agora conversando... era o pastor Antônio dos Santos de Carutapera, tava fechando a agenda dele porque elas pediram ele, mas a gente já teve, a gente tem mulheres também, só que... aí elas preferiram ele. [...] pode ser homem, pode ser mulher sem nenhum problema. (Pastor Paulo, Raposa, 23 mai. 2018)

Conforme o Pastor, a pregação oficial dos eventos organizado pelas e para as mulheres é realizada por um homem porque é uma escolha delas, mas essa escolha é feita porque elas reproduzem uma lógica que segue a organização eclesial assembleiana de que a pregação é uma atividade masculina. Assim, no meu contexto de pesquisa é raro presenciar uma mulher pregando, seja nas festas femininas e, principalmente, quando o público é constituído por homens e mulheres.

Figura 11 - FOIMAC Mulheres 2021



Fonte: elaborada pela autora. 14 out. 2021

Nesse dia do FOIMAC Mulheres, o púlpito é ocupado quase que 100% por mulheres, os poucos homens presentes sentam nas últimas fileiras. Joana, a esposa do Pastor Paulo, a dirigente do Círculo de Oração, a fundadora da Campanha das Causas Impossíveis e outras mulheres que ocupam cargos de lideranças ocupam as primeiras fileiras de cadeiras. Como pontuado por Rivera (s/d, p. 12-13)

As festas propiciam liberdades e permissividades que não se aceitam no cotidiano. Mas a festa é também resultado de um consenso coletivo, onde os membros do grupo e o próprio grupo consentem na realização da festa. Nesse sentido a festa é um espaço de liberdade, de quebra das regras, mas permitido.

Assim, se a “regra” nos dias de culto rotineiros, é que o púlpito seja ocupado quase que exclusivamente por homens, no FOIMAC Mulheres a ordem se inverte em parte. Em parte, porque ocupam as primeiras fileiras as mulheres de destaque e a inversão porque os homens tem menor protagonismo. E apesar de que algumas regras/padrões não mudem mesmo nos dias de festa, como ser homens que geralmente preguem nas festas femininas, nos dias festivos, há abertura para permissividades que não são concedidas cotidianamente. DaMatta (1997), ao analisar o carnaval do Brasil, fala sobre o princípio social da inversão que ocorre nessa festa. Nesse sentido, diz ele “a inversão carnavalesca brasileira se situa como um princípio que suspende temporariamente a classificação precisa das coisas, pessoas, gestos, categorias e grupos no espaço social, dando margem para que tudo e todos possam estar deslocados”. (DAMATTA, 1997, p. 171). Desse modo, assim como acontece na estrutura ritual como um todo, em que as pessoas subalternizadas se destacam, no carnaval também ocorrem inversões nos processos hierárquicos da sociedade brasileira, em que as pessoas subalternizadas, como o malandro ocupe lugar de destaque. Nas festividades femininas da IAD de modo geral, as pessoas subalternizadas na estrutura hierárquica da Igreja, ou seja, as mulheres, ocupam lugar de destaque. No entanto, o destaque das mulheres no púlpito e a pregação nessas festividades seria uma inversão ou a abertura a novas possibilidades? Questão para uma futura pesquisa específica.

Joana, como Esposa do Pastor presidente do campo, ocupa um lugar central nesses dias, tanto no aniversário do Círculo de Oração quanto no FOIMAC Mulheres. Cabe a ela enfatizar a importância dessas festas para a Igreja, nesse sentido nessas duas festas presenciei, ela pedindo às mulheres que verbalizassem os temas das Festas. É comum nas festas momentos direcionados ao agradecimento a alguém ou a um grupo. No FOIMAC Mulheres de 2021, Joana chamou ao púlpito sua mãe para orar por ela porque foi a mesma que iniciou juntamente com seu esposo, a IAD em Raposa. E agradeceu ao Pastor Paulo, “*Agradeço nosso Pastor presidente que nos dar liberdade para trabalhar, que cuida de nós*”!

A fala de Joana apresenta elementos que são importantes de serem analisados, a “liberdade” concedida às mulheres para trabalhar e o “cuidado” dispensado às mesmas. Para Joana, as mulheres do campo de Raposa possuem “liberdade” para desenvolver seus dons na

Igreja, uma vez que, elas podem pregar, contar testemunho, cantar, etc. No entanto, essa “liberdade” que as mulheres possuem para trabalhar mencionado por Joana, é limitada no sentido de que algumas atividades as mulheres não podem realizar. Em relação ao “cuidado”, Joana refere-se às orientações espirituais que o Pastor enquanto líder espiritual da Igreja é responsável em oferecer às mulheres.

Um exemplo de “liberdade” pode ser exemplificado por ter sido uma mulher a pregadora oficial do FOIMAC 2021. Como já mencionei é raro, tanto nos cultos e festas, mesmo que femininas, ser uma mulher que pregue. A missionária - nomeação que recebem às esposas de pastores no meu contexto de pesquisa - Cláudia antes de iniciar a pregação agradeceu a Joana e a elogiou pela sua beleza e por ser uma referência para ela. Nesse sentido, Joana é uma pessoa exemplar nos termos de Robbins (2015), para Cláudia como para as mulheres do campo de Raposa. Nessa perspectiva, as atividades que desempenha no seu cotidiano para auxiliar o trabalho que seu marido desempenha enquanto pastor são valores que a Igreja compreende como sendo relevantes para uma Esposa de Pastor.

Nessa festividade, assim como na Festa do Círculo de Oração são realizadas apresentações na forma de coreografias em que é possível identificar uma certa flexibilização quanto ao controle dos corpos exercido pela IAD. Ainda que os movimentos corporais sejam bem comedidos, é algo que não seria possível ver em uma IAD há uns 20 anos.

Figura 12 - Coreografia apresentada no FOIMAC Mulheres 2017



Fonte; Elaborada pela autora. 9 Ago. 2017

Interessante notar que nas festividades de maneira geral, as emoções são afloradas sejam através das músicas cantadas, das apresentações realizadas, dos testemunhos relatados ou da pregação da Bíblia. Mesmo o pentecostalismo sendo classificado como uma religião que apela aos sentimentos, nos dias festivos, é mais comum presenciar as pessoas chorando, e no caso específico, as mulheres. A festa opera, assim, como um tempo-espço propício para a expressão obrigatória dos sentimentos, nos termos de Mauss (MAUSS,1980). Assim, as mulheres da IAD campo Raposa encontram nas festas religiosas, um tempo extraordinário de festa que as tira da rotina diária e que possibilita terem sua fé reforçada no poder divino.

3 RELIGIÃO E GÊNERO

3.1 ANTROPOLOGIA, TEORIAS FEMINISTAS E RELIGIÕES

Quando iniciei o trabalho de campo junto às mulheres de uma IAD em Raposa me chamou atenção um lugar que me soou, a princípio, como um lugar de subordinação dessas mulheres. Estava também realizando a formação em Ciências Sociais e me aproximando a perspectivas teóricas e pesquisas empíricas que problematizam a respeito de processos de produção das diferentes desigualdades sociais, como as diferenças acerca das desigualdades de gênero. Religiosa de uma instituição em que as mulheres não desempenham atividades na mesma proporção que as mulheres do campo de pesquisa e cientista social, início desse local de partida minha reflexão. Assim, ao tentar afastar-me de ideias pré-concebidas com ferramentas de uma antropologia que posiciona o pesquisador em seu campo de investigação, compreendi que seria necessário refletir sobre o que seria esse lugar comum sobre uma aparente “subordinação” de mulheres que atuam à frente de suas igrejas, mas não são pastoras. Aqui início esse capítulo, trazendo a reflexão das autoras Marilyn Strathern, Maria José Rosado, Saba Mahmood e Lila Abu-Lughod. Nesse capítulo não será apresentado trabalho de campo, o objetivo do mesmo é realizar uma reflexão das autoras mencionadas e apontar contribuições da teologia feminista para o debate sobre o pastorado feminino.

Marilyn Strathern aponta alguns problemas que se colocam no diálogo entre as antropologias e feminismos. Para a autora, esses pontos de tensão podem ser entendidos pelo uso que cada um deles faz do conceito de experiência. No conhecimento feminista, especialmente no feminismo radical não antropológico ao qual se refere a autora, a ideia de experiência é um tópico específico de suas investigações. (MAIZA, 2017)

[...] Muito vinculada ao caráter pessoal, [...], a experiência se torna no instrumento de um conhecimento que não pode ser apropriado pelos Outros. Somente pode ser compartilhado por pessoas semelhantes. [...] Criar um espaço para a mulher se converteu em um espaço para o eu. Então, para a construção de um eu feminista, é necessário o Outro não-feminista. O Outro é geralmente concebido como o ‘patriarcado’ e as instituições e as pessoas que representam a dominação masculina são simplesmente, de maneira frequente, concretizadas pelo termo ‘homens’.
(STRATHERN, 2009, p. 97-98)

Já nas antropologias, especificamente a pós moderna não feminista, a experiência consiste no esforço do(a) etnógrafo(a) de se manter aberto(a) à vida emocional e particular das pessoas. No entanto, o antropólogo(a) deve traduzir primeiro a experiência do(a) Outro(a)

através da sua própria experiência para depois, exprimi-la na palavra escrita (IBIDEM). Nesse sentido, para a autora, “A antropologia [...] constitui-se a si mesma em relação com o ‘Outro’, em um *vis-à-vis* com a cultura/sociedade estranha sob estudo. Sua distância e estranhamento são deliberadamente mantidos. Mas o ‘Outro’ não está sob ataque”. (IBIDEM, p. 98). Enquanto a investigação feminista “sugere que é possível descobrir o eu ao se tornar consciente da opressão proveniente do ‘Outro’. [...] A investigação antropológica sugere que o eu pode ser conscientemente usado como um veículo para representar a um ‘Outro’. (IBIDEM, p. 99). Nesse sentido, conforme Maiza (2017, p. 106) “os projetos e radicalismos feministas e antropológicos parecem ser bastante diferentes. No entanto, a revolução pela qual passou a Antropologia na década de 1980, e que ficou conhecida como pós-modernismo, deve bastante aos movimentos feministas”.

A socióloga Maria José Rosado (2017), por sua vez, identifica pontos de tensão na relação entre os estudos da religião e algumas propostas feministas, fazendo um breve levantamento de autoras que abordam essa tensão. Uma delas é a professora Darlene Juschka (2001), do Programa de Women’s and Gender Studies e do Departamento de Religious Studies na Universidade de Regina, no Canadá, que “ao referir à barreira da ciência aos estudos feministas, afirma serem os estudos de religião o campo que se pode registrar a maior resistência”. (JUSCHKA, 2001, apud ROSADO, 2017, p. 67). E que “apesar de feministas das religiões haverem desenvolvido instrumentos teóricos e metodológicos de análise para o campo, estes permanecem ignorados ou conhecidos superficialmente por ‘estudiosos androcêntricos’”. (JUSCHKA, 2001, apud ROSADO, 2017, p. 67-68).

Outra pesquisadora citada por Rosado que faz observações semelhantes, é a socióloga da religião, Linda Woodhead, que afirma que a estrutura teórica dominante especificamente na Sociologia da Religião “permanece *gender-blind*, cega, em relação às questões de gênero, isolando as pesquisas sobre mulheres e religião, ou de gênero, das consideradas ‘grandes questões sociológicas’ nas análises da religião”. (WOODHEAD, 2001, apud ROSADO, 2017, p. 68). De acordo com Rosado (2017, p. 68), Woodhead, elenca avanços teóricos não incorporados aos estudos de religião, o primeiro seria: à ideia da distinção entre “um” ‘sexo’ biologicamente dado e um ‘gênero’ socialmente construído”. O que provoca uma mudança na visão ocidental estabelecida na existência de “um único sexo, o macho, do qual a fêmea é uma manifestação inferior”. (WOODHEAD, 2001, apud ROSADO, 2017, p. 68). Concepção que vigora até hoje no cristianismo, uma vez que para o mesmo, mulheres e homens são

radicalmente diferentes, cabendo aos homens, o governo da sociedade e às mulheres, a reprodução de seres humanos. Compreender de outra maneira o que é considerado como ‘natureza humana’ causa horror aos setores conservadores da sociedade, grande parcela de católicos e evangélicos, levando-os a condenarem o que denominam de ‘perniciosa ideologia de gênero’. (ROSADO, 2017).

O segundo avanço teórico ao qual a Sociologia da Religião é ‘cega’, refere-se ao da “rejeição à ideia da existência do masculino e do feminino como ‘duas esferas’ distintas, separadas”. (ROSADO, 2017, p. 69). Nesse sentido, existem pesquisas psicológicas sobre as diferenças de sexo que constatarem que não há evidência em larga escala ou universal de que homens e mulheres sejam diferentes. (WOODHEAD, 2007, apud ROSADO, 2017).

Rosado elenca três respostas feministas diante da hostilidade religiosa aos direitos e à autonomia das mulheres, as quais sejam:

aquelas que abordam as religiões como instituições e poderes, mas também como saberes e modos de regulação das ‘relações sociais de sexo’, [...]; aquelas que rejeitam todo pensamento religioso como intrinsecamente patriarcal; e aquelas que reconhecem aspectos reacionários nas religiões a ser neutralizados, mas também a possibilidade de reforma das religiões pela mudança de suas doutrinas e práticas. (ROCHEFORT, 2004, apud ROSADO, 2017, p. 70).

A ênfase em uma dessas posições estaria atrelada “ao maior ou menor grau de secularização da sociedade e de secularização interna às religiões”. (ROCHEFORT, 2004, apud ROSADO, 2017, p. 70). E chama a atenção para “a existência de poucas pesquisas feministas que tomam a história do engajamento religioso das mulheres por seu objeto e a ausência de sistematização da crítica feminista à religião”. (IBIDEM).

Rosado (2017, p. 71), afirma que as religiões e a produção teórica sobre elas estão entre os campos que mais sofreram o impacto do feminismo. No entanto, “o desenvolvimento de uma análise feminista das religiões que tome em conta as diferentes formas pelas quais as relações entre os gêneros moldam práticas, representações e discurso religiosos, é no mínimo, bastante lento”. Sob uma perspectiva, temos os estudos da religião por um viés feminista em que as mulheres são apontadas como vítimas da dominação masculina, portanto, a religião, tornar-se-ia um instrumento de opressão social das mulheres. Temos, por outra perspectiva, leituras que complexificam as análises feministas da religião, como por exemplo, a reflexão realizada por Saba Mahmood (2006) sobre mulheres no Islã. Através de etnografia realizada do movimento

feminino das mesquitas que faz parte do revivalismo islâmico no Cairo, Egito. A autora argumenta que a noção de agência humana utilizada pela teoria feminista ocidental é insuficiente para compreender a vida de mulheres de tradições não liberais. Assim, ela propõe a noção de agência com outro sentido

[...] esse modelo de agência limita a nossa capacidade para compreender e interrogar as vidas das mulheres de *self*, aspirações e projectos foram configurados no seio de tradições não liberais. De forma a poder analisar a participação das mulheres em movimentos religiosos como o movimento das mesquitas egípcio, [...], sugiro que pensemos na agência não como um sinónimo de resistência em relações de dominação, mas sim como uma capacidade para a acção criada e propiciada por relações concretas de subordinação historicamente configuradas. (MAHMOOD, 2006, p. 123)

A noção de agência da autora surge do seu questionamento do pensamento feminista pós-estruturalista em conceituar a agência sempre apoiada em um modelo binário da subordinação e subversão e que procura enquadrar toda ação humana na lógica da repressão e resistência (MAHMOOD, 2006).

Para o movimento que a autora estudou, virtudes religiosas são consideradas importantes, como o da modéstia e timidez (al-Haiã). “Praticar al-Haiã significa ser diferente, modesto e capaz de sentir e mostrar vergonha”. (IBIDEM, p. 139). Para essas mulheres, essas virtudes são aprendidas, não se age com timidez por ser uma característica da pessoa, mas aprende-se a agir com timidez através da ação repetitiva. Mahmood (2006, p. 140) diz “[...], a ação não nasce a partir de sentidos naturais, mas antes cria-os. [...], é através de actos corporais repetitivos que nós treinamos a nossa memória, desejo e intelecto de acordo com os padrões de conduta estabelecidos”. A falta de dissonância entre sentimentos internos e expressões externas pode ser interpretada por concepções liberais ocidentais como falta de honestidade. No entanto, para as mulheres que fazem parte desse movimento religioso, as virtudes mencionadas são desenvolvidas “sincronizando o seu comportamento externo com as suas motivações internas até o ponto em que a discrepância entre ambos se dissolve”. (IBIDEM, p. 140-141)

Conforme Mahmood (2006, p. 137), o uso do véu é tido como “uma componente necessária para a virtude da modéstia porque exprime simultaneamente a ‘verdadeira modéstia’ e os meios através dos quais ela é adquirida”. Para a autora o uso do véu não deve ser visto apenas como um símbolo e evidência da violência que o Islã comete às mulheres. Deve-se identificar os significados produzidos pelo véu para além da violação das mulheres. Ao referir-se aos acontecimentos de 11 de setembro de 2001, Mahmood (2006, p. 151-152) pontua que

“Foi o corpo coberto com a *burca* da mulher afegã - e não a destruição provocada por vinte anos de guerra subsidiada pelos Estados Unidos da América que numa das maiores operações encobertas na história daquele país – que serviu como referente primário na vasta mobilização da Feminist Majority contra o regime Taliban”. A autora critica o feminismo representado pelo Feminist Majority por ter sido recrutado para o projeto imperialista e faz o seguinte questionamento a si mesma e desafia os leitores a fazerem o mesmo questionamento

as minhas visões políticas concorrem alguma vez contra a responsabilidade que eu assumo pela destruição de formas de vida de forma que as mulheres ‘não esclarecidas’ possam ser ensinadas a viver mais livremente? Será que um conhecimento de estilos de vida distintos do meu questiona a minha própria certeza sobre aquilo que prescrevo para os outros como sendo um modo de vida de vida superior? (IBIDEM, p. 152)

Similar ao que Mahmood coloca, Lila Abu-Lughod (2012), em artigo sobre mulheres muçulmanas, questiona sobre o uso de símbolos femininos utilizados na mobilização da guerra contra o terrorismo de uma forma que não foram utilizados em outros conflitos. A autora levanta um ponto crucial a respeito do uso do véu, o qual seja: “[...] Não apenas há muitas formas de cobertura, que têm elas mesmas significados diferentes nas comunidades nas quais são usadas, mas também o próprio uso do véu não deve ser confundido e nem usado como padrão para a falta de agência”. (ABU-LUGHOD, 2012, p. 459). Abu-Lughod coloca que devemos nos confrontar com duas questões

[...] A primeira é a aceitação da possibilidade da diferença. Nós só podemos libertar as mulheres afegãs para serem como nós ou será que devemos reconhecer que, mesmo após a ‘liberação’ em relação ao Talibã, elas possam querer coisas diferentes daquelas que desejaríamos para elas? O que fazer em relação a isso? Segundo, nós precisamos ser vigilantes em torno da retórica de salvar pessoas por conta do que isso implica nossas atitudes . (IBIDEM, p. 462).

Para Abu-Lughod, o modo de vida que é considerado “melhor” para um determinado grupo de pessoas não é necessariamente para outro. Devem ser levados em conta que grupos diferentes dos quais pertencemos podem ter desejos diferentes dos nossos. Além disso, a autora reforça a argumentação de que ações que buscam “salvar” as mulheres sem críticas aprofundadas às desiguais relações de poder entre nações, naquele contexto, operam como ações colonizadoras, que impõem verdades ocidentais sobre como as mulheres seriam “livres”.

Com essas reflexões, seguimos para a próxima seção para pontuar sobre as relações de gênero no pentecostalismo.

3.2 GÊNERO E HIERARQUIA NO PENTECOSTALISMO

Dentre os autores que abordam a relação entre gênero e religião, a socióloga Linda Woodhead (2002) defende uma premissa divergente da que encontraríamos em parte de proposições encontradas em algumas teorias feministas¹⁶. Nestas, é comum uma premissa geral que sugere que a religião é patriarcal, planejada e executada por homens, e, portanto, subjuga e oprime as mulheres. Para Woodhead, as mulheres encontrariam na religião espaços sociais que não seriam proporcionados a elas de outra maneira. Nesse sentido, pontua

Este ponto de partida tem a vantagem de (a) ser óbvio e (b) tratar as mulheres como agentes racionais ao invés de tratá-las como marionetes do patriarcado. As mulheres podem ocupar estes espaços por várias razões: porque eles provêem um capital social e cultural, permitem formação de identidade, oferecem formas particulares de permissão e porque eles permitem às mulheres articularem suas esperanças, medos desejos e convicções morais. (IBIDEM, p. 2)

A autora estabelece três modelos principais de participação das mulheres na religião, os quais estão relacionados com os tipos de sociedades no mundo moderno. No primeiro modelo, a religião funciona no sentido de sustentar papéis tradicionais/domésticos, nesse modelo, as mulheres escolhem manter papéis domésticos e a família é o espaço social primário. No segundo modelo, a religião atua criando tensão: as mulheres que tiveram mães ativas na religião tradicional, foram criadas nesse universo, mas optaram por uma profissão, essas mulheres poderão experimentar uma tensão entre suas vidas religiosas e suas vidas profissionais. Por essa tensão ser maior para as mulheres do que para os homens, devido a autonomia, o poder, as

¹⁶ As diferentes formas de entender a opressão das mulheres em diferentes contextos sociais, políticos e econômicos deu origem a uma variedade de feminismos (Ramos, 2016). Dentre os quais, destacam-se: o feminismo liberal que têm suas raízes na Revolução Francesa e tinha por objetivo “a busca da equidade sexual/justiça de gênero”. (SANTOS, 2012, p. 215); o feminismo marxista baseia-se “na crítica marxista da sociedade capitalista e no liberalismo político. [...] analisa a dinâmica produtiva e reprodutiva das dinâmicas de gênero na organização capitalista e patriarcal da economia e da sociedade”. (SANTOS, 2012, p. 216); o feminismo radical: “surgiu na década de 1960, com os movimentos feministas contemporâneos. Propõe que a sociedade ideal seria aquela livre de gênero ou de sexo”. (SANTOS, 2012, p. 215). Os feminismos se distinguem também quanto a prioridade dada ao gênero na compreensão da opressão das mulheres. Os feminismos citados são considerados essencialistas de gênero por tê-lo como principal fator de opressão das mulheres. Já os feminismos anti-essencialistas rejeitam a preponderância do gênero e apontam que a raça, a orientação sexual, a classe e a etnia são tão importantes quanto o gênero na opressão do sexo feminino e que a mesma é distinta em cada caso. Dentre esses feminismos se encontram os feminismos das mulheres negras, os feminismos das mulheres lésbicas, o feminismo das mulheres de terceiro mundo, e o feminismo pós-moderno.

Woodhead (2002) indica que a lacuna existente na sociologia da religião em análises que abordem a questão de gênero dá brecha para que a grande teoria feminista influencie na abordagem dessa relação. Assim a autora apresenta uma premissa oposta a que as teorias feministas, especificamente, o feminismo liberal e o marxista utilizam para explicar a participação das mulheres na religião, enquanto as últimas classificam a religião como opressora das mulheres, Woodhead analisa a participação das mulheres na religião a partir dos espaços que esta lhes proporciona.

possibilidades de escolha e liderança que as mulheres desfrutavam através da profissão serem negados pela religião. O terceiro modelo por sua vez, a religião apresenta alternativas às mulheres, uma vez que elas podem mudar ou reinventar a religião com o intuito de encontrar espaços mais adequados dos que a religião tradicional oferece com seus valores tradicionais e, geralmente com liderança masculina. Assim surge duas possibilidades: as mulheres tentam reformar a religião tradicional, pressionando-a para que as relações sejam mais igualitárias/liberais/relacionais. Ou, elas podem abandonar a religião tradicional e buscar alternativas mais radicais, possibilitando o surgimento de novas formas de religião que são criadas por mulheres com o objetivo de criar espaços em que elas possam articular e realizar seus desejos. (WOODHEAD, 2002).

Dessa forma, a autora argumenta que a participação das mulheres na religião será diretamente influenciada pelos espaços sociais que a sociedade nas quais vivem oferecem a essas mulheres. Para ela, a religião oferece às mulheres mais opções do que aqueles disponíveis na sociedade mais ampla, uma vez que apresentam restrições ao gênero feminino.

Em pesquisa sobre o acesso de mulheres pentecostais argentinas ao pastorado, a antropóloga argentina Monica Tarducci (2001) utilizou a categoria gênero para contrapor a ideia geral de que a igreja não permite que as mulheres exerçam o pastorado, a autora identificou que a ideia de que as mulheres são marginais em suas igrejas acontece devido a três diferentes situações, as quais sejam: “a que no se les permite la ordenación, a que sí se les permite, pero no de manera completa, así como a quienes son ordenadas con pleno derecho y buscan cambiar la naturaleza del ministerio” (TARDUCCI, 2001, p. 106).

No contexto brasileiro, a literatura socioantropológica sobre pentecostalismo tem evidenciado a forte participação feminina nas igrejas pentecostais. Contudo, mesmo com essa parcela significativa de mulheres nas instituições religiosas, elas não ocupam o cargo máximo da hierarquia eclesiástica na maioria das igrejas pentecostais. Por mais que o pentecostalismo não rompa com os princípios hierárquicos nas relações de gênero, ele proporciona modificações nessas relações, uma vez que apresenta uma redefinição do *ethos* masculino e feminino.

Machado (2005, p. 389) aponta que “a doutrina pentecostal enfatiza os valores associados à subjetividade feminina, mas tal fato não deve ser interpretado como um simples reforço à submissão das mulheres, uma vez que esses princípios, como os constrangimentos à sexualidade, são extensivos aos homens”. Assim, o pentecostalismo proporcionaria relações de gênero mais igualitárias no sentido de que os homens são incentivados a adotarem posturas que priorizem a família.

Em pesquisa realizada com líderes pentecostais de uma favela carioca, Sampaio (2007, p. 50) pontua que

sob o olhar de um pesquisador, as demarcações de categorias devem ser apreendidas de forma distinta, muito menos relacionadas a uma grande teoria que associe camadas populares à hierarquia e mais ao entendimento da Igreja como uma extensão da casa e da família. O homem crente deve estabelecer seus laços sociais a partir de um núcleo familiar funcional, “domesticando-se” junto da esposa e dos filhos, priorizando o lar e a casa em detrimento da rua.

Nesse sentido, é necessário analisar como as relações são estabelecidas no cotidiano e compreender como a distribuição dos papéis de gênero acontecem na dinâmica da vida familiar e religiosa, uma vez que esta é bem mais complexa e permeada de negociações do que podemos perceber *a priori*.

Para compreender como essas relações são estabelecidas no contexto do pentecostalismo e como é realizada a distribuição das funções conforme gênero, utilizarei como categoria de análise o conceito de gênero adotado por Joan Scott (1995, p. 86). Para essa autora o núcleo essencial do conceito se encontra na relação entre duas proposições, o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”, e também “uma forma primeira de significar as relações de poder”. Para a autora, através do gênero, as relações de poder, de dominação e subordinação são construídas. Assim, como nas relações sociais em outras esferas da sociedade, no pentecostalismo também, as relações sociais são marcadas por relações de poder. No entanto, não devemos achar que nessas relações apenas os homens o exercem.

Para Foucault (2012), o poder não está localizado em uma instituição ou em um indivíduo, o poder acontece como uma relação de forças e está presente em todos os espaços sociais em constante movimento, todos os indivíduos estão envolvidos em relações de poder e sempre em posição de exercer poder e de sofrer sua ação. Nesse sentido, o campo religioso também é um meio onde as relações de poder estão presentes nas relações sociais entre homens e mulheres. Mas, devemos ser cautelosos ao interpretarmos as relações de gênero no pentecostalismo como relações de dominação dos homens sobre as mulheres, em que os homens sempre mandam e as mulheres obedecem. Não estou dizendo que esse tipo de dominação não existe, no entanto, é necessário identificar o poder de agência das mulheres nessas relações.

Em pesquisa de doutorado sobre práticas femininas em igrejas pentecostais, Bandini (2008, p. 15) defende que “Um estudo de gênero deve identificar os poderes femininos a fim

de ir além da visão de opressão e de submissão das mulheres como apontam vários estudos sobre essa temática”.

Além de identificar as relações hierárquicas entre homens e mulheres no pentecostalismo, faz-se necessário identificar os espaços de atuação que esse movimento possibilita às mulheres, bem como refletir sobre as limitações existentes. Ao mesmo tempo que são impostas às mulheres restrições no que tange ao exercício de algumas funções, é no pentecostalismo evangélico que as mulheres passam a exercer cargos de liderança eclesiástica. Nesse sentido, em pesquisa de mestrado sobre lideranças femininas em igrejas pentecostais em Natal/ RN, Miranda (2009, p. 31) pontua que

A liderança feminina religiosa pode ser considerada um fenômeno exclusivamente evangélico, uma vez que as mulheres continuam excluídas da hierarquia católica e proibidas do exercício do sacerdócio, seguindo apenas o modelo mariano de conduta, natural e divino.

Muitas denominações evangélicas pentecostais, apesar de concederem que as mulheres exerçam lideranças, não permitem que mulheres exerçam o cargo máximo da hierarquia eclesiástica. No entanto, a aceitação do ministério feminino ou da ordenação feminina em pastora vem crescendo gradativamente nas igrejas evangélicas pentecostais. Nesse sentido, Machado (2005, p. 391) ao fazer um levantamento com as principais transformações ocorridas nos últimos anos no sistema hegemônico no pentecostalismo em âmbito nacional, destaca “o crescimento do número de denominações com pastorado feminino e a multiplicação das igrejas fundadas por mulheres”. Mas esse crescimento nem sempre deve ser associado às reivindicações das mulheres que integram as igrejas, como pontua Machado (2005, p. 391)

é importante deixar claro que nem sempre as mudanças nas hierarquias eclesiásticas resultam das reivindicações e da pressão das mulheres que as integram. Fatores de outra natureza, como por exemplo o acirramento da competição religiosa e o reduzido número de homens para o sacerdócio podem favorecer a adoção do pastorado feminino em algumas igrejas.

Miranda identifica que a experiência da ordenação feminina se mostra dividida em duas situações: “a mulher pastora e fundadora de uma denominação; e a mulher pastora conjuntamente com seu cônjuge pastor”. (MIRANDA, 2009, p. 45). No primeiro caso, geralmente, a mulher impedida pela liderança masculina de exercer o pastorado rompe com a denominação a que pertencia e funda uma nova Igreja para exercer o pastorado. No segundo, é concedido à mulher ser pastora, desde que seu cônjuge seja pastor.

Nessa mesma perspectiva Machado identifica que as principais estratégias utilizadas pelas igrejas que adotaram o pastorado feminino foram: “a revisão na forma de conceber o ministério, que passou a ser um compromisso do casal, e a adoção nos rituais da pregação de sermões em parcerias”. (MACHADO, 2005, p. 391). Portanto, segundo Machado, ao mesmo tempo que o crescimento da ordenação de mulheres ao pastorado indica uma sensibilidade da liderança masculina como o processo de mudança do lugar social das mulheres na sociedade contemporânea, mostra também resistências à autonomia feminina que por sua vez dificulta uma política de igualdade entre os gêneros.

Em estudos mais recentes sobre relações de gênero no pentecostalismo, Maciel, em pesquisa de mestrado faz uma análise dessas relações no pentecostalismo paraibano através de uma comparação entre as Igrejas Assembleia de Deus e a Bola de Neve, e constata que na Assembleia de Deus, as mulheres ainda são impossibilitadas de ocuparem os espaços definidores das crenças e política pastorais e organizacionais da instituição, enquanto que na Bola de Neve, apesar de permitir o exercício ministerial pastoral feminino, este ainda é atrelado ao ministério pastoral do marido. (MACIEL, 2015). Para a autora

os padrões tradicionais de gênero, tão perceptíveis na AD, não foram totalmente revistos na BNC tendo em vista que as entrevistas realizadas, bem como a observação direta dos cultos e atividades religiosas e análise dos sites da denominação, não revelam uma concepção significativamente diferenciada em relação às concepções de gênero observadas como hegemônicas na AD. (MACIEL, 2015, p. 139)

Mesmo nas igrejas que são identificados avanços em relação aos espaços que as mulheres podem ocupar na hierarquia eclesiástica, ainda prevalece concepções de gênero que não se diferenciam muito das igrejas que vetam às mulheres de ocuparem cargos que tradicionalmente são exercidos por homens.

3.3 TEOLOGIA FEMINISTA

Conforme a teóloga Candioto (s/d), a Teologia é um campo do saber majoritariamente masculino. A autora afirma que as mulheres foram sistematicamente silenciadas na construção do saber nas diversas áreas do conhecimento, assim como foram também no âmbito da reflexão teológica por ser considerada uma tarefa masculina. A Teologia dominante exclui as mulheres tanto da produção teológica quanto da prática eclesiástica fundamentando-se em uma hermenêutica bíblica de submissão da mulher. Reagindo à maneira unilateral do fazer teológico

dominante que exclui e oprime as mulheres, a Teologia Feminista emerge, segundo a socióloga Neiva Furlin (2011, p. 140), como

uma voz que resulta da consciência de um sujeito reflexivo, neste caso, de mulheres teólogas que passam a questionar os lugares que socialmente lhes foram outorgados como legítimos por um único discurso teológico produzido, em geral, por homens.

Como mencionado anteriormente, Rosado (2001, p. 79), afirma que “[...] as religiões estão entre os campos que sofreram mais fortemente os impactos do feminismo, seja pelas mudanças provocadas nas práticas religiosas das mulheres, seja pela influência sobre o desenvolvimento de um novo discurso – a Teologia Feminista”. Segundo a autora, a crítica feminista da religião foi realizada por mulheres adeptas e praticantes do cristianismo. Desse modo, “é enquanto movimento social inspirador de práticas de resistência à situação de sujeição das mulheres que o Feminismo atua, de início, no campo religioso” (IBIDEM, p. 81).

A Teologia Feminista é resultado de uma teologia feita por mulheres, emaranhada com a experiência cristã e influenciada pelo feminismo. “Sendo assim, tem suas raízes em movimentos de emancipação e libertação da mulher, e no fato de que neles se encontram mulheres cristãs”. (CANDIOTTO, s/d, p. 110). Entretanto, a Teologia Feminista é constituída por diversas perspectivas e correntes¹⁷, “dentre as quais uma delas é situada na tradição bíblico-cristã e de suas instituições, visando exercer uma função profética frente a sociedade e frente à Igreja”(KROB, STRECK, s/d, s/p). Outra corrente da Teologia Feminista é composta por mulheres não cristãs que buscam outras formas de experimentar a fé. Essa corrente considera “que no cristianismo se constitui uma distorção das relações humanas” (IBIDEM).

Entre as proposições trabalhadas pela Teologia Feminista pode-se apontar as críticas feitas as práticas estruturais vigentes no Cristianismo, tais como

a ocultação das mulheres na construção do discurso teológico; a hierarquização social de sexos; a apropriação masculina do sagrado; o controle das práticas, dos discursos, das crenças e das representações simbólicas por parte de um único sujeito – o masculino. Tais práticas foram, em parte, resultado do discurso teológico androcêntrico que apagou as mulheres da História e legitimou a sua ausência no centro da história patriarcal e da revelação bíblica. (FURLIN, 2011, p. 141)

A Teologia Feminista parte dessas críticas para propor uma transformação na reflexão e produção teológica em que os textos bíblicos fossem revisados e reinterpretados à luz de uma

¹⁷ Não farei um mapeamento das diferentes correntes e perspectivas da Teologia Feminista por não ser esse o enfoque do meu trabalho, me aterei a Teologia Feminista Cristã Evangélica para compreender sua influência ou não no pentecostalismo assembleiano.

hermenêutica em que os textos referentes às mulheres fossem contextualizados levando-se em consideração o contexto social, econômico e político em que as mulheres estão inseridas. Ao referir-se a hermenêutica bíblica da Teologia Feminista, Candiotto (2008, p. 95), destaca

A teologia e hermenêutica bíblica feminista que até agora apresentamos buscou evidenciar que é possível tratar de uma das fontes da tradição, que é a Bíblia, a partir de uma outra interpretação. No círculo hermenêutico, há uma ligação entre a Bíblia considerada a partir do contexto da comunidade na qual foi escrita e a perspectiva da experiência da comunidade atual que lê o texto sagrado. Ainda que o cânone do texto sagrado tenha sido delimitado a partir da imposição do ponto de vista androcêntrico, para destacar a importância das mulheres em tal texto é preciso partir da experiência atual das mulheres para identificar seu ocultamento ou encobrimento, além de destacar aqueles relatos em que elas são claramente excluídas.

Nos Estados Unidos e na Europa, especificamente na segunda fase da Teologia Feminista ou neofeminismo surgem nas igrejas inúmeros grupos e associações de mulheres com características feministas e teologicamente renovadoras que conforme Candiotto (s/d, p. 102) tinham como intuito “a emancipação e liberdade da mulher, e da igualdade entre os sexos, na igreja e na sociedade”. A autora destaca dois como exemplos. O primeiro, no âmbito protestante liderado por Elisabeth Cady Stanton¹⁸, responsável pela primeira elaboração feminista de interpretação do texto bíblico feita por mulheres. Em 1895 e 1898 ela publicou nos Estados Unidos, um trabalho coletivo de revisão e reinterpretação da Bíblia intitulado *The Woman's Bible*. Segundo a teóloga Deifelt (s/d, p. 7), “A idéia de Elizabeth Cady Stanton com a Bíblia das Mulheres era de revisar os textos que diretamente se referem às mulheres e aqueles nos quais as mulheres são excluídas”. Rosado (2001, p. 81) pontua que “esse trabalho é considerado o ponto de partida de um longo e fragmentado processo que levará, no final dos anos 60 do século XX, à constituição de uma Teologia Feminista”. “Já nos fins do século XIX, surgem as diaconisas nos Estados Unidos e na Europa. Ao largo do século XX, aumentam suas reivindicações, exigindo estudos de teologia, acesso ao sacerdócio; e, em geral, mais poder nas Igrejas. A partir de 1930, as mulheres foram sendo ordenadas em diferentes confissões protestantes, salvo a Anglicana e a Luterana”(CANDIOTTO, s/d, p. 103).

¹⁸ Elizabeth Cady Stanton nasceu nos Estados Unidos em 12 de novembro de 1815. Sua família era de origem escocesa e seguia uma tradição religiosa calvinista bastante rígida. Após seus estudos, começou a participar do movimento abolicionista e de temperança. Um dos problemas que as mulheres frequentemente enfrentavam na época dela era o uso de textos bíblicos por parte de seus adversários, que afirmavam que a vontade de Deus era a submissão das mulheres e que elas não deveriam falar em público. Um dos argumentos mais comumente usados era que mulheres em posições de liderança eram aberrações da natureza. Depois de muitas experiências parecidas, e já em idade bastante avançada, Elizabeth Cady Stanton decidiu abordar especificamente a questão das mulheres na Bíblia. (DEIFELT, s/d, p. 5-6).

O segundo, no âmbito católico chamado Aliança Internacional Joana D’Arc, surgido na Inglaterra, em 1911, que objetivava “garantir a igualdade entre homens e mulheres em todos os âmbitos. Por intermédio dele buscava-se uma reflexão sobre a mulher na Igreja, porém feito por teólogos, cujas categorias de análise permanecem androcêntricas”. (CANDIOTTO, 2008, p. 102).

Na América Latina e no Brasil, a Teologia Feminista teve desdobramentos diferente do observado nos Estados Unidos e na Europa “principalmente pela aproximação deste campo de estudo com a Teologia da Libertação e com as Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s)”. (FILHO, et al., 2019, p. 197). Embora haja divergências quanto a relação pacífica entre essas perspectivas teológicas, Candiotto (2008) diz que a Teologia da Libertação oferece um referencial teórico de grande relevância para a reflexão teológica feita por mulheres na América Latina. Ainda segundo a autora

Uma avaliação mais ampla permitiria afirmar que a Teologia da Libertação surgida nos anos 1970 na América Latina trouxe profundas mudanças tanto no método de fazer teologia quanto no seu conteúdo. Ela incorpora a experiência de Deus na história dos pobres como fundamento do seu discurso, proporcionando assim subsídios significativos para a produção teológica feita a partir da perspectiva das mulheres (pobres). (CANDIOTTO, 2008:108-109)

A pertinência da Teologia da Libertação para as mulheres deu-se porque essas mulheres se constituem como sujeitas oprimidas pela dominação masculina. “Na América Latina e de modo particular, no Brasil, as mulheres foram chamadas a participar ativamente dentro das CEB’s” (FILHO, et al., 2019, p. 198), unindo-se a outros grupos como os negro(a)s, a(o)s indígenas, operário(a)s que também são oprimidos, refletiam sua opressão à luz da Bíblia. Para Candiotto (2008, p. 114), “o mais importante para a teologia feminista propriamente não é a reflexão sobre a mulher, mas “reler a vida e o mundo na ótica da mulher”. No caso das teólogas latino-americanas, trata-se de elaborar tal leitura a partir da mulher pobre”. Entretanto, algumas teólogas tecem críticas a Teologia da Libertação por considerarem que ela ainda é patriarcal e que a justiça social tão característica dessa perspectiva teológica não inclui justiça e igualdade de gênero. (CANDIOTTO, 2008).

Assim, a Teologia Feminista utiliza a categoria analítica de gênero para pôr em evidência as relações sociais e desconstruir as relações de poder entre homens e mulheres no âmbito religioso. Nesse sentido, essa categoria serviu como um instrumental que revelou as estruturas sexistas da tradição teológica que marginaliza as mulheres da produção teológica e “dos espaços de poder nas igrejas, impedindo-as de receber a ordenação sacerdotal assim como

quaisquer cargos significativos na hierarquia eclesial”. (TOMITA, 2010, p. 2). O uso da categoria gênero significa uma nova abordagem epistemológica e metodológica na produção teológica, uma vez que de acordo com Brunelli (2000, p. 216 apud Furlin 2011, p. 142)

A análise de gênero questiona a própria estrutura do pensamento teológico e provoca uma mudança significativa nessa estrutura. Gênero, portanto, não é só uma mediação hermenêutica, é também uma mediação epistemológica. Faz perceber que a teologia é masculina não só porque foi sempre produzida por homens, mas porque se desenvolveu numa cultura na qual o masculino era o normativo, e porque se serviu de um conhecimento filosófico produzido dessa forma. Por isso o discurso teológico ‘universal’ é androcêntrico. Muitas afirmações apresentadas como sendo do ‘humano’, na realidade, referem-se à experiência e à percepção masculina.

A análise de gênero incorporada na produção teológica evidencia que a reflexão da Teologia Feminista representa “parte de uma rede de pensamento, de interpretação e de desconstrução feitas por mulheres em diferentes contextos, tais como em organizações sociais, na academia, na Teologia”. (FURLIN, 2011, p.142). Portanto, assim como outras áreas do conhecimento, a Teologia também foi uma construção historicamente androcêntrica.

Hoje é possível encontrar uma vasta produção teológica feminista que tem contribuído para desconstruir o discurso teológico tradicional “que sustentaram o pensamento androcêntrico e legitimaram”, (IBIDEM), tanto na sociedade mais ampla como na Igreja uma cultura de subordinação feminina. Nesse sentido, Rosado (2001, p. 85) afirma que a produção teológica no campo feminista “além de surpreender pela quantidade de obras publicadas, destaca-se ainda por haver alcançado um grau elevado de institucionalização e respeitabilidade nos meios acadêmicos”. A autora pontua ainda que “Talvez mais do que qualquer outro campo do conhecimento, a Teologia elaborada por mulheres tenha alcançado um estatuto próprio”. (IBIDEM).

No entanto, apesar do reconhecimento de uma teologia produzida por mulheres ainda há um caminho muito longo a percorrer para que essa Teologia seja reconhecida em Igrejas classificadas como mais conservadoras como é no caso da IAD por exemplo, por conta do processo de tensão e resistência que enfrenta. Em sua pesquisa sobre a produção de teólogas católicas no Rio de Janeiro, a antropóloga Rohden (1995, p. 37), afirma que esse reconhecimento

significa a admissão de que a teologia produzida por essas mulheres é competente e válida para a Igreja. Só que "ser válida para a Igreja" significa ser válida para os homens da Igreja, já que são eles que assumem os lugares privilegiados do magistério eclesial.

Se em alguns espaços como o acadêmico por exemplo, a produção teológica feminista alcançou um certo grau de institucionalização e respeito, no espaço de algumas igrejas essa aceitabilidade ainda precisa de legitimação masculina. Ainda de acordo com Rohden,(1995), o reconhecimento da competência das teólogas se evidencia também nas posições que as mulheres ocupam na Igreja no que se refere a poder de decisão e lugares institucionais. No entanto, apesar das limitações impostas às mulheres no que concerne as posições ocupadas nas Igrejas, é possível identificar alguns “avanços” principalmente em Igrejas classificadas como mais progressistas.

Dito isso, no próximo capítulo, analisarei lideranças femininas de Esposas de Pastores com intuito de verificar a influência ou não dos pressupostos da Teologia Feminista no cotidiano doméstico e religioso dessas mulheres.

4. ENTRE PASTORADO: MULHERES “SEM NOME” E “AUXILIADORAS”

Após analisar dados históricos sobre a luta de mulheres em contextos religiosos cristãos ancoradas em perspectivas feministas para reinterpretar os textos bíblicos que respaldam a “inferioridade” e “submissão” da mulher é possível afirmar que embora haja limitações quanto as funções que as mulheres podem desempenhar no âmbito religioso, há espaços para mulheres religiosas em suas comunidades de fé.

Na IAD Raposa, os espaços de atuação feminina são: o grupo de oração Benção de Sião, como já mencionado anteriormente; a EBD; grupo de visita; grupo de ação social denominado Bacia de Dorcas; grupo de vocal; grupo de coreografia; grupo de louvor, dentre outras atividades relativas a grupos de atividades litúrgicas. Dito isso, apontarei exemplos de lideranças de “Esposas de Pastores” que assumem papéis de extrema relevância nas atividades religiosas de suas comunidades.

4.1 JOANA: “NOSSA PASTORA”

No tocante a liderança exercida pelas Esposas de Pastores é possível perceber que o papel que elas exercem é diferente do papel das outras mulheres, mesmo daquelas que exercem alguma liderança na igreja. Nesse sentido, destacarei a liderança exercida por cinco mulheres que são Esposas de Pastores de IADs do campo Raposa, iniciando pela esposa do pastor presidente.

Joana tem 64 anos, é branca, seu físico e sua voz passam a impressão de uma mulher “forte”. É casada com o Pastor presidente da IAD – Raposa e possui 2 filhos e 3 filhas já adultos. Migrou para a cidade devido a atividade do marido que foi transferido de São José de Ribamar – MA para pastorear a IAD em Raposa - MA. Joana é graduada em Pedagogia e possui duas pós-graduações na área. Trabalha como gestora da escola da igreja pela manhã, e durante a tarde realiza as atividades da Igreja. Joana mora na casa pastoral, que é bem pequena¹⁹ onde recebe as mulheres que a procuram para conversar e pedir conselhos. Como Esposa de Pastor, ela exerce diversas atividades, além de coordenar todas as atividades exercidas pelas mulheres

¹⁹ Quando cheguei em Raposa para entrevistar Joana, ela estava sentada à mesa (com aproximadamente 4 metros de comprimento) da varanda de sua casa, onde sua família faz as refeições e onde conversa com as pessoas da Igreja que a procuram.

da igreja, participa do coral, organiza eventos, encontros e atividades de lazer; coordena as atividades exercidas pelas esposas dos pastores das igrejas que compõem o campo de Raposa, é também coordenadora da União das Esposas dos Obreiros Maranhenses da Assembleia de Deus (UNEOMAD). Apesar de ser responsável pela coordenação de todas as atividades exercidas pelas mulheres da igreja sede e das igrejas que compõem o campo de Raposa e trabalhar como gestora da escola, Joana não é “reconhecida” como pastora e não é remunerada pelas atividades que realiza na Igreja e na Escola. Segundo ela, a recompensa pelas atividades que desenvolve ela espera “lá de cima”.

Por ser Esposa do Pastor da igreja, espera-se de Joana que ela auxilie o marido realizando as atividades citadas acima. Existe no imaginário pentecostal a “mulher ideal”, ou seja, uma identidade idealizada para a mulher ser Esposa de Pastor. A principal representação bíblica acionada para fundamentar o modelo de mulher cristã virtuosa encontra-se no livro de Provérbios 31. 10-31 que elenca as características da “mulher virtuosa”. A mulher virtuosa é uma “esposa exemplar”, “boa mãe” e “boa dona de casa”, e cabe a ela a tarefa de “edificar a sua casa”. Portanto, espera-se da Esposa do Pastor que ela exerça os papéis sociais mencionados e além disso, deve auxiliar o marido com as atividades religiosas. “As mulheres devem portar-se de maneira discreta e submissa, no caso das Esposas de Pastores; além de cumprirem tais requisitos, ainda devem voluntariar-se aos serviços nos templos e estarem disponíveis para contribuir com as atividades de seus maridos”. (OLIVEIRA, ENOQUE, 2019, p. 207). Segundo Berger (2020, p. 156), o que define a identidade da “mulher virtuosa” “é a sua dedicação ou a sua utilidade para a *obra pentecostal*. Ser virtuosa é ser intensamente obreira, é moldar e lapidar todas as suas ações para que sejam produtivas para a *obra pentecostal*”. Embora que a IAD incentive que as mulheres de modo geral se empenhem em serem mulheres virtuosas, essa virtuosidade é mais exigida das Esposas dos Pastores, uma vez que elas devem ser modelos para as outras mulheres. Nesse sentido, há um conjunto de expectativas relacionadas às Esposas dos Pastores. Conforme Goffman (2011), a pessoa age de acordo com a linha que é estabelecida socialmente para ela. Linha para o autor é “um padrão de atos verbais e não verbais” que se espera que uma pessoa assuma de acordo com a posição social que ela ocupa. Sendo assim, as Esposas de Pastores devem se portar de forma coerente com os valores da igreja e cumprir com as tarefas que lhe são atribuídas, como é possível observar nas seguintes falas

Eu acho que a esposa do pastor, ela deve ser uma pessoa assim: comunicativa, conselheira, não fazer acepção de pessoas, tá ali a disposição, [...], se eu precisar de um conselho, eu chegar pra ela, conversar. então, eu acho que a missionária deve ser assim, a Esposa do Pastor deve ser assim, deve tá dando esse determinado suporte pra todos. (Ana, Raposa, 03 jun. 2023)

Eu acho que tem que ser uma pessoa que seja dedicada, [...], que ela pode tá ajudando assim a Igreja em tudo, né? Eu espero isso, que tudo ela esteja ali, esteja ali na cantina, esteja ali ajudando, assim que eu penso numa Mulher de Pastor. (Rosana, Raposa, 27 jun. 2023)

Que ela desempenhe o papel dela de Esposa de Pastor, que seja uma pessoa conselheira, que esteja na frente da obra, não de boca, de falar, de mandar, mas que seja uma pessoa assídua nos trabalhos. Que ela represente realmente as mulheres, o grupo feminino, né? Que ela esteja sempre a disposição das irmãs que querem ter um diálogo com ela, frequentar a casa dela pra conversar. Que seja uma pessoa muito amiga. (Fernanda, Raposa, 27 ago. 2022)

Conforme Bandini (2008, p. 77), a categoria Esposa de Pastor

possui um *ethos* próprio que deve ser aprendido. Tal categoria interage com outras categorias inserindo mulheres e homens em relações de poder. Portanto, o “aprender ser esposa de pastor” é tornar-se uma outra mulher. Por isso, essa categoria constitui-se fruto de relações de gênero.

Como relatado nas entrevistas, as mulheres que casam com pastores não são orientadas antes do casamento como devem proceder, no entanto, após casarem são instruídas como devem se comportar.

Antes não, antes de entrar não, mas agora depois que eu entrei, a irmã Joana, ela faz reuniões mensais, ela chama todas as missionárias que aqui a gente chama Esposa de Pastor, não de pastora, missionária. Chama as missionárias, faz uma reunião, fala né? Sobre o que a gente deve fazer, o que não deve, como se vestir, como não se vestir, como falar, essas coisas assim. (Raquel, Raposa, 04 de mai. 2022)

A mulher que casa com um pastor entende que ela terá atribuições que as outras mulheres da igreja não têm e que ela será responsável por desenvolver as atividades que são relacionados aos papéis sociais que se espera do gênero feminino. Em artigo sobre “Mídia e performance de gênero na Igreja Universal do Reino de Deus”, Jaqueline Teixeira analisa um projeto da igreja denominado o desafio Godllywood em que as mulheres são desafiadas de acordo com sua faixa etária a realizarem atividades com o objetivo de naturalizar no corpo o conceito de mulher virtuosa. Dentre outras características, a Esposa do Pastor, segundo o projeto Godllywood compreenderia as seguintes:

[...] Ter um caráter piedoso. Ter prazer de ajudar no que seja, sem esperar receber algo em volta. Ter disposição e interesse para ajudar as pessoas na igreja. Ter determinação e coragem para lutar contra as adversidades. Ter equilíbrio, cuidar das coisas da igreja e das coisas do lar. (CARDOSO, 2011, p. 120 apud TEIXEIRA, 2014, p. 239).

Diferentemente da Igreja Universal do Reino de Deus, as IADs que compõem meu campo de pesquisa não possuem um projeto que tenha como objetivo inculcar as características esperadas das Esposas de Pastores, no entanto, esse inculcamento é realizado através de encontros realizados especificamente para Esposas de Pastores em que Joana, a Esposa do Pastor Paulo é responsável por realizar com essas mulheres.

Em pesquisa sobre representações sociais das Esposas de Pastores batistas em Curitiba – PR, Rocha (2008, p. 44) observa que essas mulheres muitas vezes são

conhecidas apenas pela nominação que lhes é atribuída a partir de suas funções sociais, ou seja, como *esposas de pastores*. A essas mulheres, muitas vezes não é permitido ser apenas esposa ou somente mulher, mas sua identidade está intimamente condicionada ao seu papel exercido perante a comunidade religiosa; em seu dia-a-dia a representação social de esposa-de-pastor é indissociável de sua condição de mulher.

Como identificado em pesquisa realizada na IAD Raposa na graduação, Joana demonstra incômodo por não ser chamada pelo nome.

[...] Na realidade, nós, Esposa de Pastor a gente não tem nome, na realidade, a gente não tem nome, é Esposa de Pastor, é missionária, é pastora, a gente nunca é chamada, dificilmente, elas, eles me chamam pelo nome, só que a gente não tem nome. (Joana, Raposa, 28 de mai.2018)

Por mais que ela não seja chamada pelo nome e não receba remuneração pelas atividades que realiza, ela estaria cumprindo com seu papel, ou seja, “ajudando” o marido na função que ele exerce como Pastor. A perspectiva da “ajuda”, nesse caso, remete a uma divisão de papéis de gênero dual e que inferioriza as atividades das mulheres. Não ser chamada pelo nome é algo que explicita esse reconhecimento menor que ela tem na comunidade religiosa, o que lhe gera um desconforto resignado. Se aos homens que exercem tarefas domésticas é reservado um olhar positivo, às mulheres que atuam como “auxiliares” do marido nas atividades profissionais, nesse caso, religiosas, a tendência é vê-las de forma desprofissionalizada, amadora. Ainda que Joana seja pedagoga, ainda que tenha duas pós-graduações, sua participação na escola da igreja tem “lá de cima” a recompensa da “ajuda” que ela oferece. Da mesma forma, ser a Esposa do Pastor requer de Joana a realização de atividades na Igreja que apesar de não ter o título de Pastora, exerce tal função no cotidiano. Ainda que exerça tantas funções, não é chamada pelo nome, mas pelo “cargo” de “Esposa do Pastor”. As atividades que realiza descritas acima, as formais e as atividades compreendidas como do pastorado, como momentos em que ela “orienta”, “aconselha”, “exorta”²⁰, “incentiva” e “cuida” etc., das mulheres da IAD Raposa,

²⁰ Termo bastante utilizado no mundo evangélico que significa “corrigir”, “estimular com veemência”.

como também das mulheres que fazem parte das IADs que estão sob a coordenação do seu marido são compreendidas como uma extensão das atividades domésticas de seu papel de “auxiliadora” do marido.

Entretanto, por mais que Joana não possua o título de pastora e não seja “reconhecida” oficialmente como tal, ela exerce a função no seu cotidiano. Nesse sentido, Machado & Mariz (S.d., s.p.) apontam que

nos grupos pentecostais as mulheres adquirem maior responsabilidade moral e ética, levando-as a desempenharem uma forte liderança extra oficial sob as figuras, por exemplo, da mulher do pastor ou da profetiza. Em igrejas como a Assembléia de Deus, há a permissão para que mulheres presidam cultos realizando quase todas as funções inerentes aos pastores, visto que elas, as chamadas missionárias, pregam, fazem orações de cura, entre outros.

Numa manhã em que eu participava da Campanha das Causas Impossíveis foi possível observar a autoridade de Joana. Após as orações, Marina, uma das líderes do grupo e filha da fundadora da Campanha deu algumas sugestões de como deveria ser a sequência dos pedidos de oração em relação aos missionários. Ao perguntarem a Joana sobre sua posição, respondeu que o direcionamento que haviam recebido não era esse, que deveriam seguir o direcionamento que elas haviam recebido. Vale ressaltar que Joana falou de maneira enfática e assertiva, marcando sua autoridade. Por ser admirada pelas fieis da IAD, as mulheres se esforçam para seguir suas orientações. Percebe-se a importância e o “peso” da liderança de Joana sobre as mulheres da Igreja, que oficiosamente referem-se a ela como “*Nossa Pastora*”.

Em outra atividade de oração que participei, ela recomendou às mulheres que participavam da Campanha mencionada acima que deixassem seus afazeres domésticos e fossem para a oração, segundo ela todos os dias existem atividades domésticas a serem feitas, assim as mesmas deveriam deixá-las de lado pelo menos um dia para se dedicarem ao “trabalho do Senhor”. Nesses dois exemplos citados, é possível observar, Joana incentivando as mulheres à participação na Igreja e em suas atividades, diretamente religiosas (oração) ou não (aulas, consultas médicas). Dessa forma, Joana exerce a função pastoral através das atividades que ela realiza na Igreja.

Joana relatou em uma atividade de oração que não havia mais comparecido ao grupo porque estava doente, segundo ela, ficou aproximadamente um mês sentindo intenso desânimo e muita fraqueza, a tal ponto de não conseguir levantar da cama, de não ir para a escola da igreja na qual trabalha como diretora e quando ia para a igreja, seu desejo era de voltar logo para casa. Segundo ela, acorda todos os dias às seis da manhã, prepara o café e vai para a escola, mas

naqueles últimos dias não tinha ânimo para nada. Falou que chegou a sentir vontade de morrer, no entanto, certo dia pela manhã, ela ouviu uma “voz” que supunha ser de Deus que dizia: “levanta-te, levanta-te”, contudo, ela permanecia deitada porque não conseguia levantar-se. Como a “voz” continuava dizendo a ela que se levantasse, ela levantou e sentou-se na cama e orou, no entanto, a “voz” continuava dizendo a ela que se levantasse. Foi quando ela conseguiu ficar em pé. O desânimo e a fraqueza de Joana podem estar relacionados com o desgaste físico e mental provocados pelas inúmeras atividades que desenvolve, no entanto, na cosmologia pentecostal, esse desânimo e fraqueza são interpretados como empecilhos colocados pelas forças do mal para impedi-la de realizar sua função. Mariz (1999) ao fazer um balanço dos estudos acadêmicos sobre a guerra espiritual no contexto brasileiro aponta que apesar dessa literatura se concentrar na análise das igrejas neopentecostais, a crença na existência dessa guerra é geral no universo evangélico e está também presente no catolicismo.

O historiador Eduardo Quadros em artigo intitulado “A pastoral das almas e o governo dos homens: Foucault revoluciona a história da igreja?” ao fazer um panorama com as principais obras de Michel Foucault elenca as características do poder pastoral identificadas por Foucault, das quais destacam-se: é um poder “bondoso”; é exercido sobre um “rebanho” e é um poder que “cuida”. Com o dispositivo do poder pastoral colocado pela teologia cristã, compõem-se um governo das almas, não só se governa um estado ou um território, mas pessoas. O poder pastoral é sempre 'positivo' - não no sentido moral, mas de dar possibilidade de oferecer meios de vida. Produz legitimidade na perspectiva de que a vontade própria está sempre em sacrifício. O Pastor se sacrifica pelo seu rebanho, em prol da coletividade. É na renúncia de vontade que está a produção do indivíduo moderno. O “rebanho” que segue o Pastor, por sua vez, compreende o princípio de obediência como virtude.

Dito isso, podemos dizer que Joana exerce esse poder pastoral sobre seu rebanho, no caso, sobre as mulheres da Igreja, uma vez que no cotidiano ela orienta um grupo de mulheres tanto através do “incentivo” e da “exortação” quanto através dos conselhos e do “cuidado” que demonstra através das atividades que executa. No exercício desse poder, em algumas situações Joana fala de forma dura com essas mulheres, chama à atenção para que participem mais efetivamente das atividades ou até mesmo corrija alguma conduta que foge ao que o código doutrinário pentecostal prescreve. Assim se fortalece o “governo das almas” entre mulheres da IEAD Raposa. Oficiosamente, Joana é Pastora das mulheres como a chamou uma de suas “ovelhas” na Festa do Círculo de Oração, “nossa Pastora”!

4.2 MARIA: “NUNCA PENSEI EM SER ESPOSA DE PASTOR

A próxima trajetória exemplifica a história de uma mulher que “decidiu” aceitar o desafio de apoiar o marido que resolveu ser Pastor após alguns anos de casados. Maria é negra, tem 45 anos, é natural de Belém – PA, mas morava em Amapá. Sua família mudou-se para o Maranhão por conta que seu pai foi transferido pela empresa que trabalhava como vigia noturno. A princípio mudaram-se para São José de Ribamar - MA, porém, não gostaram muito do lugar e o fato de terem conseguido uma casa para morar enquanto construíam a deles em um terreno que haviam comprado foi decisivo para mudarem para Raposa – MA. Maria é graduada em matemática pelo Programa de Qualificação Docente (PQD) oferecido pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e trabalha como professora do município de Raposa. É casada com um Pastor do campo de Raposa e possui três filhos adolescentes. Maria mora próximo da Igreja e sua rotina se divide entre as atividades domésticas que são realizadas no período da manhã; as atividades que exerce como professora de matemática do município pela tarde e à noite, com as tarefas da Igreja. Maria é responsável pelas atividades domésticas porque segundo ela, seu marido é muito ocupado com as atividades do trabalho que tem extra Igreja e com as tarefas relacionadas ao pastorado. Nasceu em uma família evangélica da Assembleia de Deus, mas apesar de frequentar a igreja assiduamente e participar de vários grupos da igreja, dizia que não levava a religião a sério. Segundo ela, estava na igreja por causa dos pais. No entanto, relatou que por volta dos seus 25 anos começou a “levar as coisas de Deus a sério”.

Quando Maria casou, seu cônjuge não era Pastor e não cogitava ser, mas com alguns anos de casados, ele começou a dar indícios do seu desejo em relação ao pastorado

[...] quando a gente casou ele não falava, a gente não, ele não falava né? Se ele sentia, ele também não falava, quando ele já veio falar já, a gente já tinha já.... os dois... os filhos da gente, os mais velhos né? Que ele começou assim falar, começou a dizer assim: [...], eu, eu sinto que Deus tem algo pra mim e na área mesmo do ministério. Que ele começou a trabalhar na CAEMA, ele é funcionário da CAEMA e aí ele dizia assim: eu acho que esse trabalho não é por muito tempo, eu tô ali por um tempo, pela experiência, uma coisa assim que Deus me colocou mesmo pra mim ter uma experiência, mas acho que não é por muito tempo porque eu tenho uma, uma chamada, ele me dizia né? Mas nunca passou pela minha cabeça eu ser mulher de pastor e eu tinha até medo né? Porque eu via assim uma responsabilidade tão grande e eu dizia assim, meu Deus! (Maria, Raposa, 26 de mar.2022)

Apesar de nunca ter pensado na possibilidade de ser mulher de Pastor devido a responsabilidade que tal função exigia, Maria aceitou o desafio quando seu marido disse a ela que havia sido convidado pelo Pastor presidente da IAD para exercer o ministério pastoral, mas

que só aceitaria caso ela concordasse. Maria relatou que apoiou seu marido a aceitar o convite de ser Pastor devido os conselhos de sua mãe *“a minha mãe, ela dizia muito assim: olha, chamada, chamada é coisa séria, se você desobedece, se Deus tem um plano e você não vai na direção daquele plano de Deus, você vai ter as consequências né?”* (Maria, 26 de mar. de 2022). Maria temia que seu marido sofresse as consequências caso não obedecesse ao chamado de Deus para ser pastor. Através do relato de Maria é possível perceber a relevância da família, sobretudo, da mãe, através das decisões que toma baseadas nos conselhos dela. Como dito anteriormente, Maria nasceu em uma família evangélica e desde criança foi socializada no pentecostalismo, nesse sentido, Maria reproduz crenças dessa religião ao recorrer aos princípios religiosos que lhes foi ensinado para aplicar na sua vida cotidiana.

Ao ser questionada sobre seus projetos para o futuro, Maria disse que seus projetos são os do marido. Percebe-se que na vivência do papel de esposa, mãe e dona de casa, Maria construiu sua identidade de mulher e no desempenho do papel de esposa, parece estar depositando o significado maior de sua vida. A socióloga Maria D’ávila (s/d, p. 9) em artigo sobre Relações de gênero no cotidiano de famílias das classes populares na cidade de Fortaleza-CE, diz que entre as mulheres com as quais realizou pesquisa

Não é problematizado o significado de ‘ser mulher’ pelas próprias mulheres, ou seja, pelas mulheres em seus próprios termos, enquanto sujeito social ou ser sexuado. O silêncio em relação à sexualidade em suas falas pode ser revelador de que para elas a sexualidade não está dissociada do desempenho desses papéis e não as define enquanto ser social.

No desempenho do papel de Esposa de Pastor, Maria se define como auxiliadora do marido, ou seja, sua função é auxiliá-lo principalmente nas atividades voltadas para as mulheres. Conforme Bandini (2008, p. 86)

A condição de ajudante do marido também é enfatizado pelo discurso oficial da Igreja como meio de exercer um ministério. Tal interpretação está baseada em vários trechos bíblicos como de Efésios e Pedro, nos quais destacam a submissão feminina por meio de princípios tais como: que a cabeça da mulher é o marido como Cristo é a cabeça da Igreja e assim como a Igreja está sujeita a Cristo, a mulher está sujeita ao marido.

Através das atividades que realiza, Maria está cumprindo seu papel de esposa que a doutrina pentecostal recomenda às mulheres e é relevante ressaltar que por mais que essas mulheres se submetam aos seus maridos, não significa que elas não tenham poder de agência. Guardada as devidas ressalvas por conta das diferenças dos contextos de pesquisa, existe uma

proximidade da agência aos moldes de Mahmood (2008). Não é possível identificar através das falas e das práticas cotidianas que as mulheres que exercem liderança na IAD Raposa, resistam a dominação masculina, uma vez que suas práticas são orientadas por valores religiosos que são prescritos pelo código doutrinário pentecostal. O poder de agência dessas mulheres foge à perspectiva de agência das teorias feministas baseadas em tradições liberais que segundo Mahmood (2006) é apoiada em um modelo binário da subordinação e subversão e que procura enquadrar toda ação humana na lógica da repressão e resistência.

Assim como Joana, Maria é responsável por coordenar todas as atividades realizadas pelas mulheres da Igreja

[...] eu fui chamada pra, pra estar na coordenação do círculo de oração, na coordenação do vocal das irmãs né? [...] em programações eventuais da igreja, eu sempre tô ali orientando as meninas, junto com elas né? Estamos sempre trabalhando, a questão de visita também né? Visitar mulheres, mães que se converteram, aí a gente tem, tem, não tem um trabalho fixo, mas a gente tem essa preocupação de às vezes estar indo visitar né? E de aconselhamento, quando alguém procura né? A gente, aí gente tem que tá ali pra... (Maria, Raposa, 26 de mar. 2022)

Quando questionada sobre o pastorado feminino, Maria disse

É, dependendo da capacidade, se ela tiver o chamado como o pastor tem, né? Porque ser pastor é um chamado, quem vai sem o chamado não suporta. [...] O pastor na realidade, ele é um líder né? É, ele tá ali pra cuidar, orientar a igreja através da Palavra, ele tem que tirar um tempo pra estar estudando, estudando a Palavra, buscando o conhecimento, em oração e... ele, eu acho assim, que o pastor homem, ele tem mais esse tempo do que nós, do que nós mulheres, nós mulheres temos muita atividade, né? E às vezes eu fico pensando: como essas, essas mulheres vão doutrinar a igreja, vão falar? Com o marido ali, é assim, eu, na minha opinião eu acho, às vezes é uma coisa assim meia desin... né? O marido ver a mulher ali liderando, aquela coisa toda. Será se em casa também, ele também não vai ficar retraído? A gente sabe que o marido, ele é o cabeça da esposa, da família, né? É ele que é o líder que... Assim, eu não vejo isso assim com um, um, um obstáculo da mulher ser pastora não, eu até admiro né? Mas eu acho que de mim mesmo, não daria. (IBIDEM)

Maria não é contra o pastorado feminino, no entanto, diz que o homem tem mais tempo para exercer tal função do que as mulheres e que também acha algo “estranho” a mulher exercer autoridade acima do marido, uma vez que o marido é cabeça da esposa e da família e em casa a autoridade maior é a dele, consequentemente, na igreja também. Por mais que Maria diga que não é contra o pastorado feminino, ela se contradiz afirmando que o pastorado é uma função masculina. Maria está apenas reproduzindo o modelo de família evangélica que prima pela autoridade masculina na casa e na igreja. Almeida em dissertação sobre gênero e liderança institucional entre pentecostais da periferia de Salvador, pontua que

[...] O fato de que estar à frente do pastorado em uma igreja significa não apenas trabalhar para o crescimento da obra ou administrar as cerimônias principais e responder frente à esfera pública sobre esta, mas também desempenhar papéis de doutrinação e disciplinamento, o que em geral implica algumas situações tensas nas quais o que garante a sobrevalência de uma das partes é a ocupação do cargo. Em outras palavras, uma pastora não iria apenas administrar a igreja, mas (pelo menos teoricamente) ser a última palavra na resolução de qualquer situação. (ALMEIDA, 2009, p. 138)

Entretanto, por mais que Maria não seja reconhecida como pastora no sentido de ter o título, as atividades que ela exerce com as mulheres é de suma importância para o funcionamento da igreja, e na prática ela exerce a função de pastora ao ser procurada pelas mulheres para aconselhamento, orientação, etc., e como Maria mesmo disse, ela *“Exerce a função de, de pastorear junto com o nosso esposo, porque na realidade o chamado é dele, mas não é só pra ele, [...] porque é só um só, né? É só um só, a gente não pode separar, se dividir. (Maria, Raposa, 26 de mar. 2022).*

4.3 CAROL: “SER ESPOSA DE PASTOR É UM GRANDE PRESENTE DE DEUS”

O próximo caso refere-se a uma senhora que antes de casar já sabia que o noivo aspirava ao pastorado. Carol nasceu em um berço cristão e é casada com um pastor filho do Pastor presidente da IAD Raposa e mãe de dois filhos. Tem 33 anos, é parda, cursou bacharel em Teologia e trabalha como secretária da Escola da Igreja localizada ao lado de sua casa. Por conta que seus filhos são crianças e um deles tem 9 meses de vida, no período que realizei a entrevista, ela estava realizando suas atividades de secretária em casa. Devido as diversas tarefas pelas quais é responsável, Carol recebe ajuda de uma cunhada para cuidar dos filhos. Segundo ela, mesmo antes de saber que seria Esposa de Pastor, sempre foi bastante envolvida nas atividades da Igreja, motivo pelo qual foi escolhida aos 16 anos para ser professora da Escola Dominical para Crianças. Após o casamento, ela continua trabalhando com o ministério infantil e é coordenadora do FOIMAC Kids; faz parte da liderança do Grupo de Oração e participa da banda.

Carol relatou que quando cursou Teologia enfrentou obstáculos por fazer um curso que é majoritariamente frequentado por homens

E era por curiosidade mesmo de assuntos bíblicos, eu tinha muita vontade, eu sempre gostei muito de estudos bíblicos, sempre. Então, eu entrei, eu lembro muito bem que na época tinha só cinco mulheres comigo e ainda foram saindo e eu fiquei sozinha, só eu e uma senhora, só ficou nós duas e ela adoeceu e teve que sair, fazer, terminar depois e eu fiquei só. E por muitas vezes eu fui, eu fui, não chego a dizer discriminada,

mas por muitas vezes eu, eu, eu recebia muitas críticas de amigos dentro da sala que eles diziam assim: porque que ela não cancela logo, porque tu não sai logo? (Carol, Raposa, 12 de fev. 2022)

Por mais que Carol relate que não foi discriminada pelos colegas, ela sofreu discriminação, geralmente, o curso de Teologia é frequentado por homens que pretendem exercer o ministério pastoral. Nesse sentido, seus colegas homens interpretam que Carol estava fazendo um curso que deveria ser feito apenas por homens, uma vez que o ministério pastoral na IAD Raposa é uma função exclusivamente masculina.

Para Carol, ser Esposa de Pastor é um grande presente que ela recebeu de Deus, ela vê como uma dádiva ser esposa de um ministro do evangelho, de uma pessoa que leva a Palavra a outras pessoas. Ela compreende que ser casada com um pastor significa que Deus a escolheu para realizar o ministério pastoral juntamente com seu cônjuge, ou seja, Carol designa como "chamado de Deus" ela ser Esposa de Pastor. Para os assembleianos, os "escolhidos" ou os "chamados" por Deus,

são aqueles destacados ou nomeados por Deus dentre os membros da comunidade cristã para algum serviço ou ofício especial [...] ou de alguma outra ocupação específica, mediante o que certos indivíduos terão de expressar-se e desenvolver-se espiritualmente. (FONSECA, 2009, p. 87)

Os assembleianos acreditam que a vocação é percebida pelo vocacionado através "do esclarecimento do Espírito Santo que o orienta, fala ou traz esta consciência irresistível de maneira multiforme, diversa; isto transcende a própria vontade e expectativas de quem recebe tal chamado". (FONSECA, 2009, p. 88). Por acreditar ter sido vocacionada por Deus, Carol decidiu cursar teologia

[...] eu tenho esse chamado né? Deus, Ele falou que iria me usar na palavra e foi isso, então assim, se Deus disse que ia me usar na palavra eu também tinha que fazer minha parte, o Senhor faz a dele, nós como seres humanos, a gente tem que fazer a nossa parte porque ele não vai fazer por nós, ele não vai descer do céu para estudar por mim. Então, eu que tenho que fazer minha parte, então, eu me disponibilizei a estudar, a focar mais nessa questão e é o que eu faço e hoje, para a glória de Deus, realmente nós estamos ali na igreja dando sempre uma palavra. Eu tenho realmente, né? Posso dizer, é, é, pela graça de Deus eu tenho realmente esse chamado da palavra, prego para as irmãs, para qualquer público na realidade. (Carol, Raposa, 12 fev. 2022).

Para Carol, ela deve obedecer a esse "chamado" que exige sacrifícios que são realizados como confirmação de sua confiança em Deus e "Como ato de gratidão a Deus que o faz ser especial, porque a escolheu para essa missão entre tantas outras mulheres". (BERGER, 2020,

p. 159). Vale lembrar que além da pessoa ser chamada por Deus, para que ela desenvolva sua vocação faz-se necessário que o “chamado” seja confirmado pela comunidade da qual faz parte por meio da atuação da pessoa vocacionada. Nesse sentido, Carol é reconhecida como uma pessoa “chamada” por Deus pela sua comunidade de fé mesmo antes de cursar teologia, como dito por ela, por ser bastante atuante nas atividades religiosas, foi escolhida ainda na sua adolescência para realizar outras atividades na igreja, destacando-se entre as outras mulheres da sua faixa etária.

A trajetória de Carol é considerada um exemplo a ser seguido pelas jovens e adolescentes porque seguiu as normas institucionais da IAD que regulamenta as práticas e condutas de seus adeptos antes do casamento. Nesse sentido, ela namorou, noivou e casou, como dito por ela,

Eu namorei 5 anos, [...], nós noivamos, casamos, então assim, tudo certinho, nada saindo dos conformes. Então isso, para nossa época, pro nosso mundo de hoje é muito difícil, é muito complicado, então eu tenho exemplos a passar para elas, e elas queriam muito ouvir a minha história com meu esposo, então eu passei tudo para elas. (IBIDEM)

Vale lembrar que no contexto assembleiano, não é permitido sexo fora do casamento, portanto, quando Carol diz que ela e o noivo fizeram tudo certinho, refere-se que não praticaram sexo antes do casamento. Se antes do casamento era esperado de Carol que seguisse as normas da Igreja em relação ao que se espera de uma jovem que namora seguindo os preceitos religiosos, após o casamento, espera-se dela como Esposa de Pastor que adote comportamentos que correspondam ao seu papel, nesse sentido relatou Carol

[...] a igreja, ela espera da Esposa do Pastor aquilo que ela não espera das outras. [...] A Esposa do Pastor, ela tem que ter mais, ela tem que ser mais e ela tem que se disponibilizar mais, por ter esse nome de Esposa de Pastor. Então, nós temos que ser mais né? É, é, é, a igreja, ela espera isso, ela espera que a Esposa do Pastor vá quando as outras não querem ir, ela espera que a Esposa do Pastor resolva situações onde as outras não querem resolver, entre em determinadas situações onde as outras não querem entrar. Então, isso é o que a igreja espera da Esposa do Pastor, uma esposa de fibra, de coragem, de determinação, de exemplo, de caráter, de responsabilidade. (Carol, Raposa, 12 de fev. de 2022.)

Na fala de Carol, assim como de todas as outras mulheres que são casadas com pastores que foram entrevistadas, foi identificado que elas são muito cobradas pela Igreja a adotarem os comportamentos mencionados acima e a exercerem as atribuições referentes a função pastoral junto com seus maridos. Todas as mulheres entrevistadas relataram que aconselham, orientam, organizam as festas da igreja e todos os eventos voltados para as mulheres.

No que tange a divisão de tarefas por gênero na Igreja, Carol relatou que é de suma importância para a organização da mesma, nesse sentido falou

Eu acho muito, muito, muito correta, correta. Por que? Porque como eu falei agora, tem atividades que é da mulher e tem as atividades que é do homem. Então essa divisão, ela existe para que as duas tarefas andem em concordância sempre. Porque é como se...na sua família, na sua casa, você e seu esposo. Tem coisas que é o esposo é que vai fazer e tem coisas que é a esposa que vai fazer. [...], assim é na igreja, o nosso esposo como pastor ele vai agir ali com as atividades dele como pastor, como homem, e eu com as minhas, e assim é dentro de casa e vice-versa. Eu não posso tomar a frente do meu esposo para agir nas coisas dele, eu tenho que aguardar o momento dele, a Bíblia diz que ele é o sacerdote da família, ele é o sacerdote da casa, ele é o sacerdote da nossa família, ele é o cabeça. (Carol, Raposa, 12 de fev. 2022).

Segundo Carol, em 10 anos de casamento, ela e o marido nunca tiveram discussões sérias por conta das atividades da igreja ou das atividades domésticas porque cada um sabe qual seu papel e sabem conciliar essas atividades. Através do relato de Carol percebe-se que o modelo tradicional da divisão de tarefas entre os gêneros que ocorre na igreja é a reprodução do modelo que acontece em casa. Assim como o marido é o sacerdote e cabeça do lar, ele deve ser também na Igreja. Nesse sentido, a esposa não pode “tomar a frente” do marido, caso ela faça isso, não estaria reconhecendo a autoridade do marido. Para Carol, a esposa deve ser submissa ao marido, no entanto, ela não interpreta sua condição de submissa e de auxiliadora como de alguém que se submete contrariando sua vontade. Conforme Berger, a mulher que age dessa forma

é representada, acima de tudo, como sábia, no sentido de que sabe administrar sua condição (de submissa, de auxiliadora, de mais emotiva, de responsável pelo serviço doméstico, etc.) [...] Tal sapiência lhe garantiria respeito e aprovação por parte da família, a possibilidade de servir de exemplo e de inspiração para outras mulheres, e a consciência de estar servindo a Deus. (BERGER, 2020, p. 124-125)

Na cosmologia da IAD, ser submissa conforme Couto (2020, p. 38) “não é ser oprimida, inferiorizada ou escravizada; é deixar voluntariamente que o homem lidere em certas situações “em prol do bem do casal”. Devido o homem ser considerado o cabeça da família, subteme-se que cabe a ele, a liderança da mesma.

Quanto ao pastorado feminino, Carol diz ser contra porque segundo ela,

[...]o chamado pastoral é para homens. A esposa vem como eu falei agora a pouco, a esposa vem junto, né? Porque é um pacote, a Bíblia diz que o quê? Nós somos uma só carne, então está lá, os dois juntos no ministério, mas para o Santo Ministério mesmo é o homem. (Carol, Raposa, 12 de fev. 2022).

Não só Carol, como Esposa de Pastor diz ser contra o pastorado feminino, outras mulheres que frequentam a IAD Raposa também se posicionam contra a mulher exercer tal função

No meu ponto de vista deveria ser pastor porquê de acordo com a Palavra de Deus, ela diz que o pastor deve buscar a ovelha, ela deve cuidar da ovelha, ele deve fazer tudo. (Ana, Raposa, 03 jun. 2023)

Não concordo. Porque segundo a Palavra a gente observa que ali não vejo mulher nessa função de pastora, não, mais é homem mesmo que tá direcionado. Eu vejo mulheres que eram dedicadas né? Ao, aos afazeres domésticos né? A estarem ali perto do seu esposo tipo a história de Abigail, Abigail era uma mulher que tava ali sendo sábia, né? Tinha sabedoria de Deus pra liderar, pra liderar não, para tá ajudando seu marido. (Vera, Raposa, 27 jun. 2023)

Eu vou pela Palavra né? Lá na Bíblia não fala de mulher pastora, fala cooperadora da obra, né? Que nem teve a.... fala da, da... eu me esqueci o nome da mulher que tem lá na Bíblia dela ser cooperadora, não fala de pastora, por isso que eu não acho assim muito correto, não. Eu vou pela Palavra. (Rosana, Raposa, 27 jun. 2023)

Entretanto, quando indagadas sobre o papel que a Esposa do Pastor de suas igrejas exerce em relação às mulheres, dizem que elas agem como Pastoras porque realizam as mesmas atividades de um Pastor. Portanto, mesmo utilizando de interpretações bíblicas para se posicionarem contra o pastorado feminino, as mulheres que frequentam as IADs campo Raposa, reconhecem que as Esposas dos Pastores exercem o papel de pastoras no cotidiano religioso.

Na fala de Carol como das outras mulheres casadas com pastores na IAD Raposa que foram entrevistadas percebe-se que a função dessas mulheres é auxiliar o marido, apoiá-lo no exercício de suas atividades. Na condição de Esposa de Pastor, essas mulheres podem conquistar prestígio e autoridade perante as outras mulheres da Igreja como foi possível identificar no relato de Carol

[...] uma vez eu ouvi de uma das nossas irmãs, até mais velha que eu e muito, já tendo idade de ser minha mãe. [...] e essa senhora, ela tem idade de ser minha mãe e ela falou assim, não irmã [...] eu quero conversar com você, então ali muito me alegrou. [...] Ela estava pedindo uma orientação como esposa de pastor e assim como ela eu já conversei com mulheres já casadas há mais tempo com problemas sérios no casamento e eu estou ali, é, é, é, com apenas, vou fazer 10 anos de casada agora. [...], porque que eu estou falando isso? Porque são experiências que a esposa do pastor preecisa buscar no Senhor sabedoria para ajudar essas irmãs, por isso que existe essa situação um pouco mais diferente. (Carol, Raposa, 12 de fev. 2022)

Conforme o relato de Carol, a senhora queria conversar com ela por ser a Esposa do Pastor e por ocupar tal posição ela seria a pessoa que teria a orientação correta a lhe dar, ainda que fosse mais jovem e com experiência conjugal de menor tempo. Percebe-se que a senhora vê em Carol características que as outras mulheres da Igreja não possuem para lhe dar conselhos. Em artigo sobre “Transformações de identidades e práticas sociais de líderes femininas pentecostais”, Bandini (2009, p. 234) pontua que “Ao prestarem o serviço da salvação numa determinada comunidade, por meio da Igreja, as mulheres procuram conquistar prestígio e autoridade”. No entanto, a dedicação das mulheres às atividades religiosas não pode ser interpretada apenas como busca de prestígio e autoridade, também está relacionada com a relevância que o exercício dessas atividades religiosas tem para essas mulheres. Dedicar-se à essas atividades é uma forma de demonstrar gratidão ao divino por todas as bênçãos que ele concede aos seus servos e também como uma forma de estar contribuindo para o crescimento do reino de Deus²¹.

4.4 LIA: “SER ESPOSA DE PASTOR É SUPORTAR TUDO JUNTO COM ELE”

Lia é uma senhora parda com seus 40 anos que nasceu no município de Barreirinhas e migrou para Raposa com os pais na infância. Começou a frequentar a IAD com 9 anos, sendo a primeira da família a se tornar adepta do pentecostalismo assembleiano. Alguns meses depois sua irmã passou a frequentar a Igreja e após alguns anos, sua mãe, que atualmente é dirigente do círculo de oração da IAD Raposa com a qual realizei entrevista e conversei algumas vezes no período de pesquisa da graduação. Mas seu pai nunca frequentou a Igreja. Lia casou com 23 anos (com o objetivo de viajar para outro município do estado como missionária). Seu cônjuge, Roberto, que na época era solteiro foi cogitado para ser enviado como missionário para outro município, no entanto, não era possível porque ele era solteiro. Lia contou que a Igreja se mobilizou em oração para que Roberto casasse. Ela foi a mulher que segundo a cosmologia pentecostal foi direcionada por Deus para casar com Roberto. Segundo ela, o período entre o noivado e o casamento foi de um mês. Após dois meses de casados foram enviados para o município de São Benedito do Rio Preto- MA. Para acompanhar o marido, Lia teve que abrir mão do emprego de professora e da faculdade que fazia na época. Ela contou que foram

²¹ No meio evangélico de modo geral e no pentecostalismo assembleiano de maneira específica, todos os indivíduos que frequentam uma Igreja devem desenvolver atividades que contribuam para a expansão do trabalho religioso.

orientados pelo Pastor Paulo a não terem filhos logo após o casamento por conta da demanda que o trabalho missionário requer.

Morando em São Benedito do Rio Preto – MA, ela e seu cônjuge trabalharam como missionários 6 anos auxiliando João, o Pastor da Igreja sede. No entanto, ela e o marido desenvolviam os trabalhos religiosos nos povoados mais afastados da sede.

o Pastor ficava na sede né? Na cidade e nós ficávamos nas partes assim mais distantes, e nesses povoados tinha crentes, pessoas evangélicas, mas não tinha congregações para eles se congregarem, eles se congregavam nas casas de alguns irmãos. Então, o período que a gente passou lá, a gente conseguiu levantar templo pra cada povoado, é, deixamos também casa, tipo casa pastoral porque é missionários que vão pra lá são missionários, ficam na casa pastoral construída. (Lia, Raposa, 23 mar. 2023)

Segundo Lia, todas as vezes que o Pastor João mudava de município, ela e o marido o acompanhavam, realizando vários deslocamentos geográficos nesse período. Após anos fora de Raposa, ela e o marido retornam para o município para assumir uma congregação, uma vez que agora seu marido já era Pastor. Nesse retorno, Lia é convidada por Joana a trabalhar na escola da Igreja como professora da educação infantil, na qual trabalha atualmente no período da manhã.

O retorno para o município possibilitou a Lia dar continuidade a alguns projetos pessoais como fazer a faculdade de pedagogia que teve que iniciar novamente o curso porque ficou muito tempo longe. Disse que pensou em não fazer mais por conta da indisposição que acompanha a idade. Mas que já estava próximo de concluir o curso de pedagogia quando a entrevista foi realizada. Para ela, terminar o curso de pedagogia e voltar a trabalhar como professora são tidos como grandes conquistas pessoais. Outra conquista refere-se à constituição da família que é composta por ela, o marido e os filhos, um adolescente de 12 anos e uma menina de 10 anos. Para todas as mulheres entrevistadas, a família ocupa um lugar de grande relevância.

Bourdieu (1996), defende que a família é uma categoria construída e imposta pelo Estado, ela deixa de ser ficção e passa a ser real a partir da construção simbólica do Estado. A conexão entre a estrutura objetiva e a estrutura cognitiva faz com que os indivíduos se submetam ao Estado, naturalizando as categorias construídas por ele. Nesse sentido diz o autor “Nada parece mais natural do que a família: essa construção social arbitrária parece situar-se no pólo do natural e do universal”. (BOURDIEU, 1996, p. 128). O discurso da Igreja enfatiza a importância da família e o meio pelo qual a mesma deve ser iniciada, ou seja, via casamento religioso. Assim, várias atividades são desenvolvidas visando propiciar “[...] o alcance e a

manutenção de um casamento monogâmico e próspero”. (COUTO, 2020, p. 90). Para os cristãos de forma geral e para os assembleianos de modo específico, a indissolubilidade do casamento é uma regra bíblica, é um ideal a ser vivido até a morte, no entanto, nos últimos anos, a CGADB tem permitido o divórcio para os membros e para pastores em que as esposas cometem adultério. Quando o pastor é traído e não se divorcia, ele e sua família são transferidos para outro município ou até estado, mas caso ele decida se divorciar, poderá casar novamente.

Uma interlocutora, membra da IAD Raposa me relatou um caso que ocorreu com seu irmão que é pastor da IAD, segundo ela, seu irmão foi traído pela esposa e por conta desse episódio, transferiam ele com a família para uma igreja em outro município. Porém, a esposa optou pelo divórcio. O irmão dela voltou para a Igreja-sede e só poderá assumir uma igreja quando casar novamente.

Conforme Bourdieu (1996, p. 129),

a família é produto de um verdadeiro *trabalho de instituição* ritual e técnico ao mesmo tempo, que visa instituir de maneira duradoura, em cada um dos membros da unidade instituída, sentimentos adequados a assegurar a integração que é a condição de existência e persistência dessa unidade.

Vale ressaltar que a dinâmica familiar que é valorizada pela IAD é a família nuclear formada por pai, mãe e filh(o/a)s. Tarducci apresenta em sua pesquisa realizada com mulheres pentecostais em Buenos Aires uma definição de família cristã

O que é a família cristã? O que se tem em mente quando se trata dela? Seria lógico supor alguma referência a tempos bíblicos, do Antigo ou do Novo Testamento. Isto não acontece. O modelo é aquele da convencional e nuclear família burguesa do século XIX: o esposo responsável pela sustentação econômica e a mulher pelo cuidado das crianças no lar, todos unidos pelos sentimentos. (TARDUCCI, 1994, p. 154)

Conforme Berger (2020, p. 145), a família “é valorizada como meio pelo qual se inculca a doutrina da instituição e perpetua as práticas que promovem o ingresso e a permanência dos membros da família na instituição”.

Quanto ao seu papel como Esposa de Pastor, Lia disse que

é suportar tudo junto com o pastor as funções dele, entendeu? Tá lado a lado trabalhando, ajudando, porque assim: a igreja, ela exige, as pessoas né? Quando eu falo igreja, eu falo em relação às pessoas, ela exige muito trabalho, é, os trabalhos que são envolvidos dentro da igreja sempre a mulher tá ali pra tá ajudando a organizar, pra questão às vezes de trabalhos, de de, [...]. De palestras, reuniões, sempre a gente tem que tá ali pra poder tá auxiliando ele, na verdade né? É uma auxiliadora. Risos. (Lia, Raposa, 23 mar. 2023)

Dessa forma, as mulheres ao ajudarem seus esposos nas atividades da Igreja, estariam contribuindo para o desenvolvimento do serviço religioso. No desenvolver dessas atividades, Lia auxilia o Círculo de Oração, leciona na EBD das crianças, e também auxilia no vocal de senhoras. Além de realizar evangelismo, viagens com o marido e acompanha-lo quando ele vai pregar em outras Igrejas.

Lia não é a favor do pastorado feminino porque segundo ela não temos exemplo bíblico de mulheres que foram pastoras

Eu particularmente eu não concordo, não sou de acordo porque a Bíblia, na Bíblia, eu vou pela Bíblia né? É, Deus, ele nunca chamou mulher pra ser pastora, sempre quem foi... é, sempre os pastores foram homens, só tinha na Bíblia mesmo uma que era, era Raquel que era pastora de ovelhas né? Aí eles pegam esse pedaço aí né? Pra dizer ah, que Raquel também foi consagrada a pastor, tal... a pastora, então porque que não consagra mulheres a pastoras, mas porque eu acredito assim que... não sei, é muito complicado. A mulher ali, pra ela tá ali, liderando ali, porque na igreja tem casos, assim eu acho que assim o geral é mais assim pra força masculina, entendeu? Pra o homem tá ali no comando porque sei lá... mulher é mais... risos.(IBIDEM)

Devido as diversas atividades que desenvolve em casa, na escola e na Igreja, Lia disse que em alguns momentos se sente sobrecarregada, no entanto, não pensa em deixar as atividades da Igreja porque ela as prioriza. Nesse sentido, relatou que ela abriu mão de uma proposta de trabalhar em uma escola a tarde porque ficaria sem tempo para o serviço religioso

Uma colega da gente, ela perguntou se eu não queria trabalhar à tarde numa escola lá em São Luís que tava recebendo currículo, aí como ela é bem influente lá né? Aí ela disse assim: e se tu fizer teu currículo, é, com certeza essa vaga é garantida para ti, aí eu digo: e qual é a turma? Segundo ano, eu digo: tá bom, vou pensar, aí eu digo: mas de manhã eu tô ali na escola, à tarde pra mim ir pegar ônibus, pra ir e vim de ônibus, eu vou chegar aqui a noite, eu tenho os trabalhos da igreja, eu digo: não vai dar certo não, aí eu abri mão, eu disse pra ela que eu não queria, justamente por isso, entendeu? Porque eu trabalhando dois horários eu ia... assim, eu, eu frizo muito o trabalho da igreja entendeu? (IBIDEM)

Na rotina cotidiana e na distribuição das tarefas domésticas, Lia é responsável pela maioria das tarefas. A maior parte das atividades domésticas é realizada preponderantemente pelas mulheres, mesmo que exerçam ocupação profissional. No caso de Lia, apesar de ela sair pela manhã para trabalhar na escola e seu cônjuge ficar em casa, ele faz poucas atividades domésticas. Antes de sair, ela deixa boa parte das tarefas feitas e ele a “ajuda” preparando alguns tipos de refeição e lavando roupa. Apesar da divisão do trabalho doméstico variar de acordo com o contexto histórico, sócio econômico e cultural. Conforme as sociólogas Araújo e Scalon (2005, p. 44-45)

existe um padrão praticamente universal ao longo da história, o trabalho definido como 'reprodutivo' ou doméstico é visto como feminino, e o trabalho definido como 'produtivo' ou remunerado é visto como masculino. A esse padrão e suas correspondentes vantagens e desvantagens, tem sido atribuída parte considerável das razões para o predomínio masculino em posições importantes da hierarquia socioeconômica e controle das instituições. Análises recentes sobre a divisão sexual do trabalho mostram que esses fatores podem ser mais ou menos relevantes, porém, apesar das modificações ocorridas no mundo do trabalho e da tendência crescente à participação da mulher na esfera pública, não são tão determinantes para alterar substantivamente as características quase universais da divisão sexual do trabalho doméstico, que tendem a apresentar poucas alterações de contexto para contexto.

Das mulheres entrevistadas, apenas uma não trabalha fora de casa. No entanto, são as mulheres que exercem a maioria das atividades domésticas. Porém, essas mulheres não vivem exclusivamente em função das atividades domésticas, elas são responsáveis pelas atividades religiosas desenvolvidas com as mulheres.

4.5 RAQUEL: “SER ESPOSA DE PASTOR NÃO É PARA TODA MULHER”

Raquel é a mulher com menos idade dentre as que entrevistei (28 anos). É branca, graduada em Nutrição que abriu mão do emprego para cuidar do único filho de dois anos e das atividades domésticas, uma vez que ela não conta com nenhuma rede de apoio para ajudá-la com o filho ou com as atividades domésticas. Como sua mãe era membra da IAD, suas primeiras socializações aconteceram nesta denominação, passando toda sua infância e adolescência na IAD. Casou-se com 22 anos com um Pastor que na época pastoreava uma Igreja em São Luís que não era IAD e não integrava o campo de Raposa. Devido a conflitos na Igreja anterior, saíram e por ser sobrinho do Pastor Paulo foi convidado para fazer parte do campo de Raposa. A residência de Raquel fica localizada na mesma rua onde fica a Igreja que o marido e ela pastoreiam, uma casa com poucos cômodos, com as paredes sem pintura e que segundo ela, foi comprada com muito esforço dela e do marido.

Para Raquel ser Esposa de Pastor é um grande desafio, não é para toda mulher. Nas palavras dela

ou ela faz o pastor decolar ou ela faz o pastor declinar. Porque assim, a liderança é do pastor, não é da esposa do pastor, a gente tá ali como uma ponte, como um apoio, como... a esposa do pastor é uma ponte entre o pastor e as irmãs, ela não pode, eu não posso chegar na Igreja mandando como se a igreja fosse a minha casa, eu mando na minha casa, mas eu não posso passar por cima da liderança dele como esposa, eu tenho que ser adjuntora dele, eu tenho que ser parceira dele, entendeu? Quando isso é quebrado, quando a esposa, ela passa por cima do pastor, ela demonstra que o pastor não tem força, é tipo os irmãos vão dizer: o pastor não administra nem a mulher, nem os filhos, como é que ele quer administrar a igreja? Entendeu? (Raquel, Raposa 4 mai. 2022)

Segundo Raquel, a Esposa do Pastor tem um papel muito importante para que o marido desempenhe bem sua função como pastor, para que ela colabore positivamente é necessário que a esposa compreenda que ela não pode passar por cima da autoridade do marido. Nesse sentido, como foi dito pelas outras Esposas de Pastores, sua função é auxiliar o marido, ou seja, desempenhar as atividades que o pentecostalismo assembleiano classifica como femininas.

A Igreja exerce diferentes formas de controle social sobre a vida da família do Pastor e em especial sobre sua esposa. Como observa Bandini (2008), a família passa a ser observada pela diretoria da Igreja e pelo restante dos fieis. Como é possível perceber na fala de Raquel

às vezes as pessoas pensam que é besteira mesmo, mas, principalmente as mulheres, elas observam muito, até como tu senta, como tu fala, como tu te veste, tudo é muito observado. As pessoas, elas vão botar, olha como o marido anda? [...] Não cuida nem do marido, entendeu? Tudo vai refletir, olha o jeito que os filhos dela anda? [...], às vezes tu tá aqui no culto tem alguém te olhando assim, tu percebe que a pessoa tá te olhando, tá te analisando, o que tu fala, a tua postura, como tu te comporta. (IBIDEM)

Raquel demonstra muito desconforto por se sentir vigiada o tempo todo e por se sentir pressionada a agir de acordo com o que se espera da Esposa do Pastor, o que a faz pensar às vezes em desistir no sentido de não acompanhar o marido nas atividades da igreja “[...] Às vezes é muita pressão mesmo, tem hora assim que dá vontade de sair correndo assim e dizer meu irmão fica aí sozinho, eu tô pulando fora, mas aí a gente pensa que, que.. tem que estar junto né? A missão é junta, né? (IBIDEM).

Apesar de ela reproduzir o discurso religioso de que a mulher é auxiliadora do marido, logo, não pode “passar” por cima da autoridade dele, Raquel diz não ser a favor da divisão de tarefas entre os gêneros na Igreja.

Tem muita coisa assim que eu, é, tem muita coisa, tem muita coisa, eu, eu não acho legal particularmente falando. Tem muita mulher assim mesmo que que estuda, estuda e compreende a Bíblia, mulheres assim de valor, mulheres respeitadas, mulheres com discernimento que tem sim potencial pra tá ali. Assim, como também tem homens que num, que nem sabe nada de Bíblia, acho que tá muito ligado a essa questão de homem e mulher, entendeu? Ah! Só o homem que pode, eu acho que... eu respeito né? Eu não posso mudar uma doutrina de 120 anos aí que tem a Assembleia de Deus, né? Mas também creio que a Assembleia de Deus não é a única Porta do Céu, né? Porque a gente tem esse rito ainda de alguns irmãos de achar que a Assembleia de Deus é a única Porta do Céu e não é. É uma das portas, não é a única, eu acho que isso não tem nada a ver, tem muita mulher capaz aí, muita mulher de Deus, inteligente que poderia tá lá também, né? Ensinar, ser também auxiliar lá em cima. (IBIDEM)

Nesse sentido, Raquel rompe com certos discursos normatizadores reproduzidos no interior do espaço religioso. Ela demonstra ser mais aberta em relação a equidade entre os gêneros. No entanto, mesmo que ela não concorde com a divisão de tarefas entre homens e mulheres e com outras normas da Igreja como os usos e costumes, ela não verbaliza suas discordâncias, uma vez que faça isso, estará desrespeitando a cultura da Igreja, como disse ela. Diferentemente das outras mulheres entrevistadas que disseram que a função principal da Esposa do Pastor é auxiliar o marido nas atividades da Igreja, algo que me chamou atenção na fala de Raquel é que ela deve auxiliar o marido com as tarefas religiosas, mas a função principal da Esposa do Pastor é cuidar dele e dos filhos.

a função principal da esposa do pastor é cuidar do pastor, se ela faz essa função o resto tá tudo bem, porque não adianta a esposa do pastor cuidar tudo na igreja e não cuidar do pastor. A função principal da esposa do pastor como mulher é cuidar, é cuidar dele, do bem estar dele, cuidar dos filhos, se ela não fizer esse papel principal, nada vai tá bem, se ela largar, deixar a função principal que é cuidar do pastor e dos filhos, nada vai bem. É por isso que às vezes tem muita gente por aí que a família tá desmantelada é porque o papel principal dela é cuidar do esposo e dos filhos, entendeu? Depois vem as outras atribuições. (IBIDEM)

O discurso religioso que representa as Esposas de Pastores são produtores de parâmetros que devem ser seguidos pelas mulheres, no entanto, algumas mulheres aderem menos que outras a esses parâmetros, como é o caso de Raquel. Mesmo não demonstrando desejo de receber o título de pastora, porque para ela o pastorado requer muita responsabilidade e sacrifícios, Raquel disse ser a favor do pastorado feminino. Segundo ela, existem muitas mulheres que foram escolhidas por Deus para serem pastoras, inclusive, falou que segue algumas nas redes sociais. Para Raquel, a exclusão das mulheres de algumas funções na Igreja está relacionada com o machismo existente nesse meio

Na igreja ainda tem esses ritos assim muito machistas que aos poucos a gente vê que tá quebrando, né? Hoje a mulher, ela tem muito mais oportunidades, ela tem o seu valor dentro da congregação, respeito e tal, tem muitas... mas a gente sente assim aqueles irmãos mais antigos esse, esse rito do machismo, né? De achar que é o homem, tal. Mas graças a Deus, essas gerações, né? Que estão vindo aí já tão vendo que, que não é ao pé da letra como diz lá na Bíblia que a mulher tem que ficar lá no cantinho, né? Que a mulher tá isolada ali, não, graças a Deus, essa, essa cultura, ela vem quebrando, né? A mulher, ela tem sim o seu valor dentro da igreja. (IBIDEM)

Segundo ela, os critérios utilizados pela igreja em relação a divisão das tarefas entre os gêneros estão baseados em uma visão machista que existe na igreja e na interpretação literal da Bíblia. Todavia, identifica que essa realidade está sendo modificada devido aos espaços que a igreja tem possibilitado que a mulher atue.

Raquel relatou que muitas Esposas de Pastores enfrentam problemas no casamento e de saúde porque levam os problemas da igreja para casa. Nesse sentido, disse ela

Outra coisa, não traz problema pra dentro da tua casa, porque eu conheço muitas irmãs, esposa de pastor com depressão, com problema porque traz pra dentro do casamento, entendeu? Não pode ficar 100% ligada com que os outros falam porque sempre alguém vai falar alguma coisa, entendeu? Então, você tem que saber separar porque senão tu fica mesmo, entendeu? Fica mesmo pilhada, preocupada, uma das principais coisas é vigiar mesmo como que fala, se vê alguém falando mal da outra se finge de estátua, não escutei, não ouvi, não foi comigo, essas coisas assim que a gente tem que saber fazer, entendeu? (IBIDEM)

Para ela, é necessário fazer a distinção entre a igreja e sua casa (família) para que sua família não seja prejudicada por conta dos problemas da Igreja. Além disso, a Esposa do Pastor precisa estar atenta ao que ouve e ao que fala para que não seja mal interpretada pelos demais membros da Igreja. Outro aspecto que chama atenção na fala de Raquel refere-se à ausência do marido que segundo ela, por conta do tempo que o trabalho pastoral exige, resta pouco tempo para usufruir com sua família

o ministério pastoral ele requer muito da mulher porque às vezes tu tem que dividir o teu marido com todo mundo. Ele tem que resolver problema de todo mundo e às vezes tu quer o teu marido, entendeu? E na maioria das vezes, ele tem que ser Pastor e é uma série de questões que tu tem que saber ir levando, entendeu? (IBIDEM)

A insatisfação de Raquel quanto ao tempo que o marido disponibiliza para a família não se restringe ao caso dela. Tempo maior para os outros e limitação de tempo para a família tem sido relatado por outras Esposas de Pastores. Nancy Dusilek, Esposa de um Pastor da Igreja Batista no Rio de Janeiro, em seu livro intitulado “Mulher sem nome: dilemas e alternativas da esposa de pastor, aponta a solidão vivida pela Esposa de Pastor devido as ocupações que o pastorado exige. Nesse sentido diz,

[...], a distância do marido sempre ocupado e preocupado em dar às suas ovelhas um atendimento personalizado, os problemas naturais de qualquer família, como a educação e a disciplina dos filhos, as discórdias no meio da liderança da igreja, a preocupação por você saber que o seu marido é responsável por manter a paz e a harmonia, são fatores que levam qualquer mulher, em especial, a esposa do pastor, a um sentimento de solidão. (DUSILEK, 1996, p. 33)

No entanto, apesar da solidão enfrentada e diante de tantos desafios que a Esposa do Pastor enfrenta, Raquel entende que a recompensa dela vem de Deus e que ela necessita estar ligada em Deus²² para que ela consiga desempenhar seu papel. No entanto, para ela, suas

²² Refere-se a se voltar para Deus através da oração e da leitura da Bíblia.

principais funções é cuidar da casa, do filho e do marido. Sendo assim, das mulheres entrevistadas, Raquel é a Esposa de Pastor que dá menos importância às funções religiosas, nesse sentido, ela é a que mais se diferencia das outras mulheres, tanto em relação às funções religiosas que as Esposas de Pastores devem desenvolver na Igreja, quanto aos projetos pessoais. Enquanto as outras mulheres entrevistadas ao serem questionadas sobre os planos para o futuro, mencionaram os mesmos sempre relacionados aos planos que pensam em desenvolver nas suas Igrejas, Raquel relatou que

eu tenho muitos sonhos minha irmã. [...] Eu tenho muita vontade de viajar, conhecer vários lugares, eu não sei, muitos lugares eu tenho vontade de viajar, meu marido também, ele ama viajar. É, é, arrumar minha casa, era alguns sonhos meus, falar outras línguas, estudar outras línguas, o inglês, por exemplo, o espanhol, fazer outras faculdades. Talvez ter outro filho, né? É, é uma coisa que hoje eu penso mil vezes porque eu tive muito trauma com ele, né? Foi muito traumático assim, por eu não ter ajuda, por eu ter vivido uma depressão pós-parto. Então, eu penso muito, né? Mas assim, mesmo assim eu, eu ainda penso em ter outro filho, né? Eu acho que não é muito bom ser mãe de um filho só, não. O dia que ele criar asas e voar, vai fazer muita falta, é bom ter dois. E, é isso, viajar, fazer outras faculdades, ter outros filhos, arrumar minha casa, é isso. (Raquel, Raposa 4 mai. 2022)

Os planos de Raquel são voltados para a esfera pessoal, em nenhum momento ela mencionou os planos em relação a Igreja. Em um contexto em que as Esposas de Pastores são instruídas a viverem para o outro, seja a serviço do marido ou das pessoas da Igreja, a fala de Raquel demonstra que ela foge um pouco a esse padrão. Nesse sentido, o pertencimento religioso não significa necessariamente a obediência às instruções da Igreja.

É possível identificar uma certa igualdade de gênero no casamento de Raquel em relação a esfera doméstica. Segundo ela, quando seu filho tiver com mais idade, ela pretende voltar a trabalhar fora. Ela e o marido que leciona História para o ensino fundamental em duas escolas, combinaram que ele deixará um dos empregos para ficar em casa com o filho para que ela volte a trabalhar fora. Conforme Bandini (2008, p. 222), “o casamento acontece entre dois processos históricos determinados e, a partir desse acontecimento, cada itinerário individual, deverá ser negociado em prol do itinerário conjugal”. O espaço do casamento de Raquel não impede que ela acesse outras esferas sociais além do espaço doméstico e religioso. No entanto, para Raquel as atividades domésticas e o cuidado com a família se sobrepõem as atividades religiosas.

Embora que no meu contexto de pesquisa, as mulheres não tenham acesso de forma direta aos pressupostos da Teologia Feminista, é possível perceber no relato de Raquel, uma certa influência dessa Teologia, uma vez que ela diz ser a favor do pastorado feminino e afirma que os critérios utilizados pela igreja em relação a divisão das tarefas entre os gêneros estão

baseados em uma visão machista que existe na Igreja e na interpretação literal da Bíblia. Vale ressaltar que as Esposas dos Pastores circulam por vários espaços sociais e podem ser influenciadas por outros discursos que não sejam os religiosos.

Enquanto para algumas das Esposas de Pastores, essa função é interpretada mais como um “fardo”, devido as responsabilidades que a mesma exige, para outras, é vista como privilégio por acreditarem que foram escolhidas pelo divino para exercer tal função.

Portanto, a função Esposa de Pastor é permeada de ambiguidades, ao mesmo tempo que é uma função que exige “sacrifícios”, responsabilidades, e é permeada de desafios e de controle social. É também uma função que proporciona prestígio. É a Esposa do Pastor que é procurada pelas outras mulheres da Igreja quando querem se aconselhar sobre os mais variados assuntos porque reconhecem que ela é uma pessoa com boa reputação, uma pessoa exemplar. Por ser reconhecida como tal, é convidada para participar de eventos, festas de aniversário, e geralmente as outras mulheres da Igreja fazem seu aniversário como forma de agradecimento pelo trabalho religioso que ela desenvolve. Quase todos os anos, as Esposas dos Pastores que compõem o campo de Raposa, organizam a festa de aniversário de Joana, momento em que a mesma recebe muitos elogios e muitos presentes. No entanto, ao mesmo tempo que são reconhecidas – prestígio – por um lado, não são reconhecidas – não tem nome – por outro. E assim essas mulheres vão vivendo, com as benesses e as agruras dessa função, Esposa de Pastor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se propôs a analisar lideranças exercidas por Esposas de Pastores de IADs que compõem o campo de Raposa – MA, focalizando aspectos da divisão de papéis de gênero no âmbito religioso e doméstico, a definição institucional dos espaços femininos, enfatizando as formas de participação e liderança das Esposas de Pastores, verificando em que medida essas mulheres anseiam ou não pelo pastorado feminino.

Desde suas origens, o pentecostalismo teve como uma das marcas distintivas a visibilidade até certo ponto dada às mulheres, que também representam maioria em seu *corpus* efetivo de fieis, como apontado pela literatura especializada que cruza gênero e pentecostalismo. No entanto, apesar da predominância feminina nesse movimento, as mulheres são relegadas a exercerem funções e papéis tidos tradicionalmente como femininos.

A história de Frida Vingren demonstra como a participação das mulheres foi significativa para a propagação e expansão da mensagem pentecostal no Brasil e que a partir de sua forte atuação a questão do pastorado feminino começou a ser discutido nas Convenções Gerais da IAD. Apesar do pentecostalismo não romper com os princípios hierárquicos nas relações de gêneros, ele proporciona em certa medida, mudanças nessas relações ao redefinir o *ethos* masculino e feminino. No entanto, essas mudanças, ainda não são suficientes para que as mulheres ocupem os mesmos espaços ocupados pelos homens nesse contexto religioso. É notório o crescimento de denominações pentecostais no Brasil que adotam o pastorado feminino, mas isso não significa igualdade entre os gêneros, uma vez que, na maioria dos casos, para que a mulher ascenda a esse cargo, é necessário que seu cônjuge já seja pastor.

A partir dos relatos de algumas mulheres que são Esposas de Pastores na IAD Raposa foi possível identificar as dinâmicas das relações de gênero no âmbito familiar e religioso. O que predomina é a complementaridade hierárquica entre os gêneros, reproduzindo na Igreja a divisão de funções da casa. O homem é considerado o líder da família e consequentemente, também o é na Igreja, a mulher como sua auxiliadora, “deve” se “submeter” ao marido para assim cumprirem as normas que o pentecostalismo estabelece para o gênero masculino e feminino. Portanto, a IAD difunde os aspectos centrais das relações de gênero relevantes para seu funcionamento e a importância do casamento para a reprodução dessas relações.

A função de Esposa de Pastor é classificada por algumas das mulheres como “chamado” de Deus, assim, “deve” ser obedecido através dos sacrifícios que a função exige como

confirmação da confiança e gratidão ao divino. Enquanto para outras, a responsabilidade e as exigências de tal função são vistas como motivos de querer desistir.

O pastorado feminino é um assunto discutido e reivindicado desde a gênese do pentecostalismo no Brasil, no entanto, ainda não é um direito das mulheres Esposas de Pastores como de outras mulheres que não são casadas com pastores, mas exercem tal função. Nas IADs em Raposa, há divergências quanto a esse assunto, algumas mulheres utilizam-se de argumentos bíblicos para defenderem suas posições contra a mulher ser pastora, enquanto outras, são a favor da mulher ocupar tal cargo, no entanto, não identifiquei o “anseio pelo exercício do pastorado. Essas mulheres não acusam o espaço da Igreja como opressor ou limitador de sua participação, entendem que a Igreja proporciona espaços em que elas podem atuar, embora elas sejam impedidas de ocuparem cargos que são tidos como funções masculinas, porém, não é possível inferir que elas reivindiquem o exercício de tais funções.

Através das atividades que exercem, verifica-se que elas desempenham no seu cotidiano a função de pastoras, porém não recebem o reconhecimento oficial por prevalecer no contexto religioso que a função de pastor deve ser exercida apenas por homens. No entanto, ao realizar atividades compreendidas como do pastorado, como momentos em que elas “orientam”, “aconselham”, “incentivam” e “cuidam” das mulheres da Igreja elas estão exercendo o pastorado. Nesse sentido, mesmo que as mulheres que estão sob suas lideranças se posicionem contra o pastorado feminino, ao utilizar a expressão “Nossa Pastora” estariam reconhecendo o papel que elas desempenham referentes ao pastorado.

As discussões realizadas neste trabalho não exaurem a complexidade das relações de gênero e atuação das Esposas de Pastores na IAD em Raposa. Apenas apontam alguns aspectos e tornam um pouco visível a complexidade das mesmas, tornando possível acrescentar novas questões às já existentes sobre o tema em estudo e ao mesmo tempo tornando necessária a continuidade dos estudos sobre as relações de gênero no pentecostalismo brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Jaciara Sarges. **“Com você em todo lugar”**: Assembleia de Deus e Mídia no Maranhão (1990-2017). 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.
- ABU-LUGHOD, Lila. “As mulheres muçulmanas realmente precisam de salvação?” Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. *Revista Estudos Feministas*, v. 20, n. 2, Florianópolis, p maio-agosto, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200006/22849>. Acesso em: 23 de jul. de 2021.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleias Brasileiras de Deus**: teorização, história e tipologia – 1911-2011. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ALMEIDA, Cláudio Roberto dos Santos de. **Flores no concreto**: gênero e liderança institucional entre pentecostais da periferia de Salvador. 2009. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia – Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11348/1/Dissertacao%20Claudio%20Almeidaseg.pdf>. Acesso em: 27/05/ 2020.
- ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres no cotidiano: educação e regras de civilidade (1920/1950). *Dimensões*, vol. 33, p. 336-359, 2014. ISSN: 2179-8869. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/9109/6415>. Acesso em: 6 out. de 2022.
- ARAÚJO, Israel de. **Entrevista com o biógrafo de Frida Vingren**. Programa CPAD News 39. Entrevista de Jorge Andrade. Canal CPAD. Jan. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=INUMrsujzLE>. Acesso em: 04 out. 2022.
- BANDINI, Claudirene Aparecida de Paula. **“Costurando certo por linhas tortas”** Um estudo das práticas femininas no interior de igrejas pentecostais. 2008. 315 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/6664>. Acesso em: 23 de nov. de 2021.
- BERGER, Carlos Norberto. **As representações das mulheres em obras pentecostais das Igrejas Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus**: uma análise interdisciplinar. 2020. 232 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2020. Disponível em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5067/5/Carlos_Norberto_Berger_2020.pdf. Acesso em: 23 mar. 2023
- BIRMAN, Patrícia. Mediação feminina e identidades pentecostais. *Cadernos Pagu*, n. 6-7, p. 201-226, 1996. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1868/1989>. Acesso em: 03 mar. 2018.

BISPO, Daisy Mota Ferreira. Vida e obra de Frida Maria Strandberg Vingren. **Revista Teológica Discente da Metodista** v.3, n.3., p.119-144, jan. dez. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/8518-29193-1-PB.pdf>. Acesso em: 04 de out. de 2022.

BOURDIEU, Pierre. Espírito de Estado: gênese e estrutura do campo burocrático. In: **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papius, 1996. p.91-135.

BRAGA, Waleska Parreão; SOUZA, Júlia Neves de Moraes e; RAMOS, Laíssa Rocha. A CONTRAPOSIÇÃO ENTRE CULTURA E INFRAESTRUTURA NO CORREDOR DAS RENDEIRAS NO MUNICÍPIO DA RAPOSA-MA. UIA 2021 RIO: **27th World Congress of Architects**. Disponível em: <https://www.acsa-arch.org/proceedings/International%20Proceedings/ACSA.Intl.2021/ACSA.Intl.2021.183.pdf>. Acesso em: 02 de dez. de 2022.

CANDIOTO, Jaci de Fatima Souza. **O Feminismo no contexto das Igrejas**. PUC Rio. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7089/7089_7.PDF. Acesso em: 17 de nov. de 2022.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. **Teologia na perspectiva das relações de gênero: A contribuição da hermenêutica bíblica**. Dissertação (Mestrado). 2008. 135 f. Programa de Pós Graduação em Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://livros01.livrosgratis.com.br/cp061939.pdf>. Acesso em: 25 de nov. de 2022.

CONTINS, Márcia. Religião, Etnicidade e Globalização: uma comparação entre grupos religiosos nos contextos brasileiro e norte-americano. **Revista de Antropologia da USP**, v. 51, n.1, São Paulo, p. 67-106, 2008.

COROBIM, Antônio Luiz. **Uma Análise dos Usos e Costumes adotados pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB**. 2008. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://silo.tips/download/antonio-luiz-corobim-uma-analise-dos-usos-e-costumes-adotados-pela-convenao-gera>. Acesso em: 6 jan. 2023

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. **A OPERAÇÃO DO CARISMA E O EXERCÍCIO DO PODER: A lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil**. 2012. 351 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1866/1/Marina%20Aparecida%20Oliveira%20dos%20Santos%20Correa.pdf>. Acesso em: 05 de jan. de 2019.

CORREA, Mariza. A NATUREZA IMAGINÁRIA DO GÊNERO NA HISTÓRIA DA ANTROPOLOGIA. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 109-130, 1995. Disponível em: [https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/1995\(5\)/Correa.pdf](https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/1995(5)/Correa.pdf). Acesso em: 5 jul. 2022.

COUTO, Taimara Pereira Brito do. **A “Mulher V”**: uma análise sobre a construção da “virtuosidade” feminina na Igreja Universal do Reino de Deus. 2020. 121 f. Dissertação

(Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/16495/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Taimara%20Pereira%20Brito%20do%20Couto%20-%202020%20%e2%80%93%20Completa.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. O papel da mulher no meio pentecostal: novíssimas relações de gênero nas Assembleias de Deus. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 9, n. 33, Curitiba, p. 60-76, jan./jun. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/6195-21855-1-PB.pdf>. Acesso em: 16 de ago. de 2018.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. Disponível em: <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/28211389-roberto-damatta-carnavais-malandros-e-herois.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2023.

D'ÁVILA, Sande Maria Gurgel. Relações de gênero no cotidiano familiar. Disponível em: http://www.xxced.ufc.br/arqs/gt1/gt1_47.pdf. Acesso em: 26 abr. 2023.

DEIFELT, Wanda. **Os Primeiros Passos de uma Hermenêutica Feminista**: a Bíblia das Mulheres, Editada por Elisabeth Cady Stanton. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/955-3774-1-PB.pdf>. Acesso em: 21 nov. de 2022.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa** (o sistema totêmico na Austrália). Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUSILEK, Gonçalves, Nancy. **Mulher sem nome**. Dilemas e alternativas da esposa de Pastor. São Paulo: Vida. 1996.

FARJADO, Maxwell Pinheiro. “**ONDE A LUTA SE TRAVAR**”: A expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946 – 1980). 2015. 358 f. Tese (Doutorado) Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/132222/000851874.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 de ago. de 2019.

_____. Maxwell Pinheiro. A organização piramidal das Assembleias de Deus na cidade de São Paulo. **Revista Nures**, n. 31, setembro-dezembro, 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/28690-Texto%20do%20artigo-75828-1-10-20160708%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/28690-Texto%20do%20artigo-75828-1-10-20160708%20(1).pdf), Acesso em: 02 de dez. de 2022.

_____. Maxwell Pinheiro. ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL: UMA IGREJA QUE CRESCE ENQUANTO SE FRAGMENTA. Azusa – **Revista de Estudos Pentecostais**. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/admin,+Gerente+da+revista,+81-273-1-CE.pdf>. Acesso em: 26 de nov. de 2022.

FILHO, Vicente Gregorio de Sousa. et al. **Mulher e igreja**: a teologia feminista em face católica. **Revista Eletrônica Correlatio** v. 18, n. 2, p. 189-2103, dezembro, 2019. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/9967/7175>. Acesso em: 17 de nov. de 2022.

FONSECA, Jean-Claude Rodrigues da. **GÊNERO E RELAÇÕES DE PODER NO PENTECOSTALISMO**: estudo comparativo entre a Igreja de Cristo no Brasil e a

Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra. 2009. 181 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/12258/1/GeneroRelacoesPoder_Fonseca_2009.pdf. Acesso em: 10 abr. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. (Org.) **Nem Anjos Nem Demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 67-159.

FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. **Rever**, n. 1, p. 139-164, Jan/Jun, 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/Dialnet-TeologiaFeminista-5175240%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/Dialnet-TeologiaFeminista-5175240%20(1).pdf). Acesso em: 23 de nov. de 2022.

GOFFMAN, Erving. Sobre a preservação da fachada. Uma análise dos elementos rituais na interação social. In: **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 13-50.

GOMES, Antônio Maspoli de Araújo. As Representações Sociais do Corpo e da Sexualidade no Protestantismo Brasileiro. **Revista de Estudos da Religião**, n.1, p. 1-38, 2006. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/p_gomes.pdf. Acesso em: 04 de jan. 2023.

GOMES, Jose Ozean. **PENTECOSTALISMO E RELAÇÕES DE GÊNERO**: uma discussão convencional acerca do ministério feminino nas Assembleias de Deus brasileiras. **Mandrágora**, v.21, n. 21, p. 135-152, 2015. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/5406>. Acesso em: 24 de abr. de 2021.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n.5, p. 07- 41, 1995. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1524482904_ARQUIVO_DonnaHarawaysaberessituados.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

IBGE. Cidades (2021). **Raposa** – Censo demográfico 2010: Resultado da Amostra-População. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/raposa.html>. Acesso em: 02 de nov. de 2022.

_____. Censo Demográfico – 2010. Religião. Tabela 1489 – População residente, por cor ou raça, segundo o sexo e a religião – Brasil. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1489#resultado>. Acesso em: 19 mai. 2023.

JARSCHEL, Haidi. Corpo de mulher, corpo culpabilizado. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/viewFile/5306/4366>. Acesso em: 07 jan. 2023

KROB, Daniéli Busanello; STRECK, Gisela I. W. TEOLOGIA FEMINISTA: um caminho para vidas dignas e sem violências. **Anais dos Simpósios da ABHR**, v.13, nov, 2012. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/522> Acesso em: 23 de nov. de 2022.

LIMA, Márcia. O uso da entrevista na pesquisa empírica. In: **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais** Bloco Qualitativo. São Paulo: CEBRAP, 2016.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Revistas Estudos Feministas**, v. 13. n. 13, Florianópolis, p.387-396, mai-ago, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104.../7839>. Acesso em: 19 de jul. de 2017.

MACIEL, Pollyanne Rachel Fernandes. **Relações de gênero no espaço religioso pentecostal paraibano**: comparação entre a Assembléia de Deus e a Bola de Neve Church, em Campina Grande – PB. 2017. 161 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) -Universidade Federal de Campina Grande- PB, Campina Grande, 2015. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/560>. Acesso em: 12 de mai. de 2021.

MAFRA, Clara. **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edi., 2001.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**, v. 10, n. 1, p.121-158, 2006. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_10/N1/Vol_x_N1_07-Mahmood.pdf. Acesso em: 02 de ago. de 2022.

MAIZZA, Fabiana. De mulheres e outras ficções: contrapontos em antropologia e feminismos. **Ilha**, vol. 19, n. 1, p. 103-135, jun. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/49574-Texto%20do%20Artigo-183303-2-10-20180209.pdf>. Acesso em: 02 de ago. de 2022.

MARIZ, Cecília L; MACHADO, Maria das Dores. **Mulheres e prática religiosa nas classes populares**: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_05.htm. Acesso em: 26 nov. 2018.

MARIZ, Cecília Loreto. A Teologia da Batalha Espiritual: Uma Revisão da Bibliografia. **BIB**. n. 47, Rio de Janeiro, p.33-34, 1999. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/213>. Acesso em: 08 out. 2018.

MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Fides Reformata XI**, n. 02, p. 23-50, 2006. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/2-O-movimento-pentecostal-reflex%C3%B5es-a-prop%C3%B3sito-do-seu-primeiro-centen%C3%A1rio-Alder-Souza-de-Matos.pdf>. Acesso em: 10 de mai. de 2022.

MAUSS, M. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: FIGUEIRA, S. (org.). **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1980. p. 56-63.

MELLO, Izabel Cristina Veiga. **Uma leitura de gênero a partir das relações de poder no pentecostalismo brasileiro**. 2010. 78 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade EST, São Leopoldo, 2010. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/142/1/mello_icv_tmp121.PDF. Acesso em: 19 de mai. de 2021.

MENDONÇA, Mariana Tereza Diniz. **Festas e visitação religiosa em uma comunidade evangélica na Ilha Grande**. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/8471/1/Dissertacao%20Mariana%20Mendonca.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2023.

MENEZES, Renata de Castro. Celebrando São Besso ou o que Robert Hertz e a escola francesa de sociologia tem a nos dizer sobre festas, rituais e simbolismo. **Religião e Sociedade**, v. 29, n. 1, Rio de Janeiro, p. 179-199, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/8ZVJsWVc87kZTNYWpzhWFg/citation/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jan. 2023.

MIRANDA, Fernanda Honorato. **Religião e mulher: liderança feminina no pentecostalismo evangélico**. 2009. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13579>. Acesso em: 12 de ago. de 2019.

MOTA, Elba Fernanda Marques. **Representações de si e prática da escrita na religião: a produção de Estevam Ângelo de Souza na Assembleia de Deus no Maranhão (1957-1996)**. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2013. Disponível em: <http://www.ppghsuerj.pro.br/wp-content/uploads/2021/04/Elba-Fernanda-Marques-Mota.pdf>. Acesso em: 23 de fev. de 2018.

OLIVEIRA, Alesca Prado de Oliveira; ENOQUE, Alessandro Gomes. Gênero e neopentecostalismo: um olhar a partir do projeto Godllywood. **REVER**, v. 19, n. 3, São Paulo, p. 201-2017, set/dez 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/46945/31385>. Acesso em: 09 abr. 2021

PEIRANO, Mariza. A análise antropológica dos rituais. In: PEIRANO, Mariza. (Org.) **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará :Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002, p. 17-42.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PICOLOTTO, Mariana Reinisch. O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/gcpianta,+65741-270717-1-CE.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2023.

PONTES, Miquéias Machado. **MULHERES E O EXERCÍCIO DA LIDERANÇA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL: uma questão ética**. 2014. 70 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade EST, São Leopoldo, 2014. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BRSIFE/521/pontes_mm_tmp361.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 16 de abr. de 2021.

QUADROS, Eduardo Gusmão. A pastoral das almas e o governo dos homens: Foucault revoluciona a história da igreja? **Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia** v. 4, n.2, p.774-788. ago/dez. 2013. Disponível em: http://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/1533/1458. Acesso em: 11 dez. 2018.

REINHARD, Bruno. De epifania a método: a teopolítica do testemunho em um seminário pentecostal em Gana. **Religião e Sociedade**, v. 36, n. 2, Rio de Janeiro, p. 44-70, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/PMWCvPWXcWcRF96mPLcKc8N/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 jan. 2023.

RAMOS, Jéssica da Cunha. **O gênero dentro da perspectiva feminista e sua relação com o direito**. 2016. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito). Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2016. Disponível em: Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/3126/O%20G%20CANERO%20DENTRO%20DA%20PERSPECTIVA%20FEMINISTA%20E%20SUA%20RELA%C7%C3O%20COM%20O.pdf;jsessionid=276F5111639430FAF52AF5038F7AE6?sequence=1>. Acesso em: 20 jan. 2023.

REIS, Roberto dos. A ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL E A OFICIALIZAÇÃO DOS USOS E COSTUMES COMO PRESERVAÇÃO DE SUA IDENTIDADE. **Revista de Iniciação Científica da FABAD**, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fabad.edu.br/index.php/RICF/article/view/18>. Acesso em: 06 de jan. 2023

RIGONI, Ana Carolina Capellini. Um breve ensaio sobre corpo e religião: relações e transformações ao longo da história. **Ciências da Religião: história e sociedade**, v. 14, n. 1, São Paulo, p. 127-145, jan./jun, 2016. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/6919/6331>. Acesso em: 04 de jan. 2023.

RIVERA, Paulo Barrera. Festa, corpo e culto no pentecostalismo: Notas para uma antropologia do corpo no protestantismo latino-americano. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, v. 8, n. 2, Juiz de Fora, p. 11-38. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21604>. Acesso em: 16 jan. 2023.

ROBBINS, Joel. Onde no mundo estão os valores? Exemplaridade, Moralidade e Processo Social. **Sociologias**, a. 17, n. 39, Porto Alegre, p. 164-196, mai/ago, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/3GbLLcLp6h6mVNC8GxbHvD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2023.

ROCHA, Fernanda. **Mulheres Ideais**: uma análise do processo de construção e manutenção das representações sociais das esposas de pastores batistas de Curitiba-PR. 2008. 160 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, São Bernardo do Campo, 2008. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/2199/2/Fernanda%20Rocha%201.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2022.

ROHDEN, Fabíola. **FEMINISMO DO SAGRADO: o dilema "igualdade/diferença" na perspectiva de teólogas católicas**. 1995. 208 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/72/teses/187692.pdf>. Acesso em: 02 de nov. de 2022.

ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos pagu**, v. 16, p. 79-96, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/YnYKS3QPKG5YhdjXbzWnhdw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 de ago. de 2022.

_____. Maria José. Feminismo, gênero e religião – os desafios de um encontro possível. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 2, p. 65-76, mai./ago, 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/7556/5959>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SAMPAIO, Camila Alves Machado. **“Remido pelo Espírito”**, no Comando da Vida: trajetórias de líderes pentecostais de uma favela carioca. 2007. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SANTOS, Lyndon de Araújo. Entre a Terra e o Paraíso: o Protestantismo no Maranhão. In: **As outras faces do sagrado: Protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira**. São Luís: Edufma; São Paulo: Ed. ABHR, 2006. p. 52-63.

SANTOS, Nágela Gardênia Rodrigues dos. **A COMUNIDADE FITOPLANCTÔNICA COMO BIOINDICADORA DA QUALIDADE DA ÁGUA PARA A SAÚDE PÚBLICA E AMBIENTAL: o caso da costa norte do município de Raposa – Maranhão**. 2018. 122 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2018. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/2409/2/N%c3%a1gelaGard%c3%aaniaRodriguesdosSantos.pdf>. Acesso em: 11 de dez. de 2022.

SANTOS, Sandra Puhl dos. AS TEORIAS FEMINISTAS E A EVOLUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE. **Publ. UEPG Appl. Soc. Sci.**, v. 20, n. 2, Ponta Grossa, p. 213-223, jul/dez, 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/aline_soareslopes,+Artigo+8+-+As+teorias+feministas+e+a+evolu%C3%A7%C3%A3o%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/aline_soareslopes,+Artigo+8+-+As+teorias+feministas+e+a+evolu%C3%A7%C3%A3o%20(1).pdf). Acesso em: 13 jan. 2023

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**. v. 15. n. 2. p. 71-99. jun/jul, 1995. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 11 de set. 2018.

SENA JÚNIOR, Francisco Maurício de. **A ORDENAÇÃO DAS MULHERES COMO PASTORAS NA ASSEMBLEIA DE DEUS DO ESTADO DO AMAPÁ: Desafios e consequências (2003 a 2016)**. 2018. 92 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade EST, São Leopoldo, 2018. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/934/1/sena%20junior_fm_tmp609.pdf. Acesso em: 12 de mar. de 2021.

SILVA, Leicyelem von Rondow da. ULRICH, Claudete Beise. VILHENA, Valéria Cristina. Frida Maria Strandberg, uma missionária esquecida: movida pela Ruah e impedida pelos “homens de Deus”. **Rev. Pistis Prax.**, v. 10, n. 3, Curitiba, p. 625-656, set./dez, 2018.

Disponível em:

[file:///C:/Users/User/Downloads/Frida Maria Strandberg uma missionaria esquecida m.pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/Frida_Maria_Strandberg_uma_missionaria_esquecida_m.pdf)

. Acesso em: 10 de mar. de 2022.

SILVA, Quitéria Regina Santos Bezerra da. **FRIDA VINGREN: O feminino na Difusão do Protestantismo Pentecostal em Belém do Pará e Rio de Janeiro – 1917 a 1932**. 2022. 32 f. Artigo monográfico (Graduação em História) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2022. Disponível em:

<http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8569/1/Frida%20Vingren%20o%20feminino%20na%20difus%C3%A3o%20do%20Protestantismo%20Pentecostal%20em%20Bel%C3%A9m%20do%20Par%C3%A1%20e%20Rio%20de%20Janeiro%20C%201917%20a%201932.pdf>. Acesso em: 12 de mai. de 2022.

STRATHERN, Marilyn. "Um lugar no debate feminista". In _____. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Tradução de André Villalobos. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. Disponível em:

<https://inrcbge.files.wordpress.com/2011/09/strathern-marilyn-o-gc3aanero-da-dc3a1diva.pdf>. Acesso em: 02 de ago. de 2022.

_____. Marilyn. Uma relação incômoda: o caso do feminismo e da antropologia. **Mediações**, v. 14, n. 2, Londrina, p. 83-104, ju./dez, 2009. Disponível em:

<https://biblat.unam.mx/hevila/Mediacionesrevistadecienciasocias/2009/vol14/no2/4.pdf>.

Acesso em: 02 de ago. de 2022.

TARDUCCI, Mónica. Estudios feministas de religión: una mirada muy parcial. **Cadernos pagu** (16) p. 97-114, 2001. Disponível em/

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/Qk3FhSR8C6fRGZb774vQGSJ/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 30 ago. de 2018.

_____. Mónica. **O SENHOR NOS LIBERTOU: gênero, família e fundamentalismo**. **Cadernos Pagu**. (3). p. 143-160, 1994. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1726/1710>. Acesso em: 2 de ago. de 2017.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: O desafio Godllywood. **Religião e Sociedade**, 34(2), Rio de Janeiro, p. 232-256, 2014.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rs/a/rgGNpqDRDwt6FCZcK6ds9Yp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 ago. 2021.

_____. Jacqueline Moraes. **A mulher universal: corpo, gênero e pedagogia da prosperidade**. 2. ed. São Paulo: FEUSP, 2021. Disponível em:

<https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/596>. Acesso em: 23 mar. 2023

TOMITA, Luiza Etsuko. A TEOLOGIA FEMINISTA LIBERTADORA: deslocamentos epistemológicos. **Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em:

http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278455084_ARQUIVO_FAZENDOGENERO.final.pdf. Acesso em: 02 de nov. de 2022.

VASCONCELOS, Vânia. “Mulher séria” e “cabra-macho”...por outras representações de gênero no Sertão baiano. In: Simpósio Nacional de História, XXV, 2009, Fortaleza. **Anais eletrônicos** [...] Fortaleza, 2009. p. 1-8. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772190_c01dbd29577e3f21b5a81c1e34dfa079.pdf. Acesso em: 02 de ago. 2023

VILHENA, Valéria Cristina. **Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandeberg** (1891-1940). 2016. 253 f. Tese (Doutorado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/bitstream/handle/10899/24616/Val%c3%a9ria%20Cristina%20Vilhena.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 2 ago. 2022.

WOODHEAD, Linda. Mulheres e gênero: uma estrutura teórica. Trad. Deborah Pereira. **Revista de Estudos da Religião**, n. 01, São Paulo, p. 1-11, 2002. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/outronum.htm>. Acesso em: 06 jun. 2018.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA ESPOSAS DE PASTORES

Roteiro de entrevista esposas de pastores

I. Perfil

Nome:

Idade:

Lugar de nascimento: Por que mudou?

Escolaridade:

Ocupação:

Estado civil? Com qual idade casou?

Possui filhos? Quantos?

Pertencia a outra religião? Qual?

Tempo de conversão? Como aconteceu?

II. Igreja

Quais atividades realizava antes de casar?

Recebeu instruções/preparação para ser esposa de pastor (comportamento, tarefas/obrigações)?

Quando você casou, seu cônjuge já era pastor?

Quais mudanças ocorreram na sua vida após o casamento?

Como você define ser esposa de pastor?

Quais são suas atribuições/funções como esposa do pastor?

O que a igreja espera de você como esposa do pastor?

As atividades que você realiza são importantes?

Como você é chamada/apresentada (chamam pelo seu nome)?

Você se sente valorizada pelas atividades que realiza?

Você atua como pastora das mulheres (“Nossa pastora”)?

Por quais motivos costumam procurar você (homens/mulheres)?

Como é seu relacionamento com os demais membros?

Você é remunerada pelas atividades que realiza?

Há quanto tempo vocês estão na liderança da igreja?

Sua atuação na igreja é independente da atuação do seu cônjuge? Por quê?

Você opina nas decisões do seu cônjuge em relação à igreja? E ele opina nas suas?

Você tem privilégios/vantagens em relação as outras mulheres por ser a esposa do pastor?

Quais suas maiores conquistas: seriam possíveis fora da religião/igreja?

Quais são seus projetos para o futuro?

III. Mulheres

A igreja possibilita que as mulheres sejam líderes? Em quais cargos/funções?

Qual a importância da liderança feminina/das mulheres para o funcionamento e organização da igreja?

O que você pensa sobre a divisão das tarefas/funções na igreja?

IV. Pastorado feminino

Algumas denominações evangélicas ordenam mulher ao pastorado. Qual a sua posição sobre a questão?

Se a Assembleia de Deus aprovasse o pastorado feminino, você seria pastora?

Qual a diferença entre a atuação das missionárias e dos pastores na igreja?

O que você sabe sobre Frida Vingren (esposa de Gunnar Vingren)

V. Casa

Como vocês se organizam em casa (quem cuida mais da casa, dos filhos, prepara as refeições, lava roupas)? Quem colabora financeiramente com gastos familiares/casa?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA MULHERES QUE NÃO SÃO ESPOSAS DE PASTORES

Roteiro de entrevista mulheres que não são esposas de pastores

I. Perfil

Nome/ Idade:

Lugar de nascimento/ Por que mudou?

Escolaridade:

Ocupação (Você realiza alguma atividade remunerada? Você acha isso importante?)

Estado civil:

Ocupação do marido?

Religião do marido?

Possui filhos? Quantos?

Pertencia a outra religião? Qual?

Tempo de conversão? Como aconteceu?

Frequenta outra igreja além da Assembleia de Deus?

II. Igreja

O que você faz na igreja? (atividades)

Há quanto tempo?

Já encontrou alguma dificuldade para exercer alguma atividade na igreja por ser mulher?

Qual?

III. Mulheres

A igreja possibilita que as mulheres sejam líderes? Em quais funções/cargos?

Qual a importância da liderança feminina/das mulheres para o funcionamento e organização da igreja?

O que você pensa sobre a divisão das tarefas/funções na igreja?

Você acha que aconteceu alguma mudança na participação das mulheres nas atividades da igreja? Quais?

IV. Pastorado feminino

Algumas igrejas evangélicas ordenam mulher ao pastorado. Qual a sua opinião/ posição sobre isso?

Você acha que a missionária (esposa do pastor) age como pastora das mulheres?

Por quais motivos você costuma procurar a missionária para conversar?

Como você acha que a missionária (esposa do pastor) deve ser? O que espera dela?

Qual a diferença entre a atuação das missionárias e dos pastores na igreja?

O que você sabe sobre Frida Vingren (esposa de Gunnar Vingren)?

Você assiste algum programa religioso na TV? Quais?

Assiste ou ouve pregações de pastoras? Segue nas redes sociais? Quais?

V. Casa

Como vocês se organizam em casa: quem cuida mais da casa, dos filhos, prepara as refeições, lava roupas, etc?

Quem colabora financeiramente com os gastos familiares/casa?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA PASTOR PRESIDENTE CAMPO RAPOSA

I. Perfil

1. Nome:
2. Idade:
3. Escolaridade:
4. Estado civil:
5. Possui filhos? Quantos?
6. Pertencia a outra religião antes da conversão?
7. Tempo de conversão?
8. Há quanto tempo é pastor?
9. Existe algum tipo de formação para se tornar um pastor?
10. Quais são suas atribuições como pastor presidente?
11. Qual você mais gosta de realizar?
12. Exerce ou já exerceu outra função além de pastor?
13. Quais são os cargos da estrutura organizacional da AD?
14. O que é necessário para alguém tornar-se um pastor?

II. Igreja

1. Quando a AD chegou em Raposa e como?
2. Quantos templos da AD têm em Raposa? Quais os principais?
3. Quais são os dias de cultos?
4. Quais são as atividades realizadas ordinariamente?
5. Qual a importância da igreja para a cidade de Raposa?
6. Qual o vínculo da AD-Raposa com a IADESL?
9. Explique o que é distrito e o que é campo na AD-Raposa.
10. Quantos pessoas/membros têm na igreja?

III. FOIMAC

1. Quando e como surgiu o FOIMAC?
2. Fale sobre a estrutura física do FOIMAC.
3. Qual a relação da AD-Raposa com o FOIMAC?
4. Fale sobre a organização do FOIMAC?
5. Quais serviços são oferecidos pelo FOIMAC para a comunidade de Raposa?
6. Qual o objetivo da Escola da igreja?

IV. Mulheres

1. Quais atividades sua esposa exerce na igreja?
2. Qual a importância da sua esposa para o seu ministério pastoral?
3. Quais atividades da igreja são realizadas pelas mulheres?
4. Qual a importância das atividades realizadas pelas mulheres para a igreja?
4. As mulheres pregam nos cultos da AD? Em quais?
5. Qual o papel do círculo de oração para a igreja?
6. Qual a importância dos círculos de oração para a igreja?
7. O que você pensa sobre o pastorado feminino?